



MICHELE WEBER HURWITZ

O Verão
em que salvei
O MUNDO
EM 65 DIAS

ROCCO
JOYENS LEITORES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Michele Weber Hurwitz

*O verão em que salvei
o mundo em 65 Dias*

Tradução
Joana de Conti Dorea

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para as coisas boas, pequenas e notáveis.

Elas fazem a diferença.

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Apêndice: As Sessenta e Cinco Boas Ações por Nina Ross

Agradecimentos

Créditos

A Autora



Começa com a sra. Chung.

E flores.

Cravos.

Minha avó acreditava em algo que ela chamava de SVs: Simples Verdades. Uma das favoritas dela era: as coisas acontecem quando têm que acontecer, e quanto antes as pessoas entenderem isso, mais felizes serão. A maioria não entende, dizia, mesmo quando as coisas estão bem na frente delas.

Hoje é o primeiro dia das férias de verão, e estou na rede do quintal, ouvindo música e tentando descobrir por que meu celular não está funcionando direito. Enquanto pego sol e espero as unhas dos pés secarem, vejo a sra. Chung mancando por aí com muletas. Será que isso é uma dessas coisas destinadas a acontecer?

A sra. Chung é nossa vizinha desde que minha família se mudou para cá, há nove anos. Ela mora na casa ao lado da nossa desde muito antes disso. Havia um sr. Chung e dois filhos, mas ele morreu e as crianças cresceram e se mudaram. Por isso a sra. Chung mora sozinha naquela casa enorme. Há luzes de Natal nas árvores durante o ano inteiro. Nunca ficam acesas, nem mesmo em dezembro. É um pouco triste ver aqueles fios ali pendurados como se não houvesse ninguém para quem as luzes deveriam ser ligadas.

No seu jardim, apoiando-se nas muletas, a sra. Chung se inclina para observar duas bandejas de plástico cheias de flores. Seu rosto enrugado parece um desenho em um leque de papel, dobrado devido ao desapontamento. Ela murmura algo para si mesma, balança a cabeça e

aponta uma das muletas para o local em que planta flores na primavera, perto dos arbustos bem aparados e simétricos de sempre-vivas.

Duas coisas que eu não sou: um gênio e o tipo de pessoa que deixa de lado o que estava fazendo para ajudar os outros. Posso até ter vontade de ser um gênio, mas isso simplesmente não vai acontecer. Quanto ao segundo tipo de gente, bem, eu realmente admiro. Mas não costumo tomar iniciativas. Acho que muita gente é assim. Muita gente deixa que outra pessoa resolva as coisas.

Não é preciso ser um gênio para perceber que a sra. Chung não consegue plantar flores com a perna engessada. Estou observando-a, enquanto minha rede balança devagar com a brisa, e então lembro que o sr. Chung costumava limpar a calçada sempre que nevava muito. Ele tirava a neve da entrada da garagem, inclusive da nossa, por mais que nós fôssemos os responsáveis pela nossa parte. Mas, de algum modo, nunca conseguíamos fazer. Papai vivia trabalhando até tarde, meu irmão era preguiçoso e mamãe não suportava o frio. Eu? Acho que eu pensava que em algum momento um deles cuidaria disso. Além do mais, tinha toneladas de dever de casa para fazer. Ou alguma outra desculpa que na época parecia importante.

A sra. Chung entra na garagem e meio que puxa e empurra ao mesmo tempo uma cadeira até as bandejas de flores. Ela se senta, dá batidinhas com um lenço para secar a testa, então se abaixa e pega um cravo. Ela passa alguns minutos embalando a flor com as mãos. Então se levanta com a ajuda das muletas, coloca gentilmente a flor em cima da cadeira e volta para dentro de casa.

Por alguma razão, eu me lembro do último dia de aula de História dos Estados Unidos do oitavo ano, em que o professor, o sr. Pontello, disse algo para nós, um bando de alunos suados, agitados e impacientes, loucos para desgrudar as pernas das carteiras e sair daquela sala de aula para sempre.

Ele disse: “Quase sempre são as coisas comuns, as que passam despercebidas, que acabam fazendo alguma diferença. Ao cursar o ensino médio, se aproximando das suas carreiras, passem despercebidos, mas sejam notáveis.”

Acho que eu era a única prestando atenção.

Thomas, o menino da casa ao lado, sai correndo da garagem aberta e começa a saltitar. Primeiro, do seu gramado para o meu, depois por todo o caminho que leva à entrada da garagem da sra. Chung.

Ele se vira para mim e grita:

– Nina, aprendi a pular!

– Que ótimo!

– Você tem que trocar os pés – diz ele, sem fôlego, mas com um sorriso enorme. – Assim um pé não fica muito cansado.

Toco a unha do pé para descobrir se o esmalte está seco. Enquanto isso, Thomas dá a volta até chegar às bandejas de flores da sra. Chung. Ele para, depois olha para mim e pergunta:

– Por que essas flores estão aqui?

Dou de ombros.

– Mas como vão crescer se não estiverem plantadas? – pergunta ele, encarando as bandejas. Depois pula para o lado da cadeira e pega um cravo murcho. – Coitadinho.

Em seguida, coloca a flor no lugar e vai saltitando durante todo o percurso de volta para casa, com muita habilidade para um menino de cinco anos.

Há dois pássaros na namoradeira, um sofá de dois lugares no nosso quintal. Observo suas cabeças se mexendo, como se estivessem conversando na língua secreta das aves. *Podem ficar, penso, ninguém mais senta aí mesmo.*

A namoradeira de vime próprio para ambientes externos, com almofadas verde-escuras, foi comprada de um catálogo que minha mãe viu alguns verões atrás. Ela vivia dizendo: “É para ambientes externos, então não vai desbotar, rasgar nem manchar. Vai durar para sempre. *Para sempre.*” Ela decorou todo o local da mesma forma que estava no catálogo, posicionando o sofá à direita de uma pequena mesa de vidro e vime, com um vaso de grandes flores brancas caindo na mesinha.

No dia em que os móveis foram entregues, ela fez uma jarra de limonada, porque também havia isso na foto do catálogo. E mamãe, papai, eu e Matt nos sentamos juntos no quintal. Mamãe serviu a bebida em copos chiques

com morangos fincados na borda. Papai brindou de brincadeira à nova mobília. Matt e eu fizemos tim-tim e depois tomamos um grande gole. Mas a limonada estava tão azeda que nós dois tossimos. Matt entrou em casa, pegou o pote de açúcar e começou a despejar na jarra, mexendo com uma colher comprida de madeira. Papai falou: “Vá com calma, Matthew” no instante em que o pote de açúcar virou de uma vez, derrubando tudo dentro da jarra. Matt e eu olhamos para mamãe, esperando uma reação. O que ela iria fazer? Será que ia ficar brava? Ele tinha arruinado completamente a foto do catálogo. Mas papai começou a rir e perguntou: “Quem aceita açúcar com um pouco de limonada?” E Matt bebeu um copo inteiro daquilo depois que eu o desafiei.

O pequeno sofá se tornou quase mal-assombrado, quase parte da vegetação do jardim, com um ramo comprido da hera enrolado em um dos braços ao lado de uma gigantesca teia de aranha. Uma folha seca cai rodopiando de uma árvore e pousa perto dos pássaros, que saem voando. As almofadas ficam vazias novamente. Como é triste ter uma namorada sem namorados.

A última vez que me sentei ali foi com vovó. Só nós duas, no silêncio do quintal, de mãos dadas. As delas eram pálidas e frágeis, cobertas de veias azuis saltadas. Tentei memorizar cada detalhe das mãos dela. Já fazia algum tempo que vovó estava doente. O coração dela fraquejava, e eu sabia que ela não duraria muito mais.

Faz quase um ano que ela morreu. Às vezes me lembro desses momentos e sinto muita saudade dela – sendo que nem quero pensar no que aconteceu com minha família –, a ponto de não saber o que fazer, nem como não sofrer tanto. Já tentei correr pelo quarteirão ouvindo música no volume máximo, mas isso só ajuda por pouco tempo.

Nessas horas eu sinto como se a dor no meu peito fosse se espalhar por tudo quanto é parte, ocupando todos os cantos e dobras do meu corpo, e fosse morar em mim para sempre.

A brisa morna bagunça meu cabelo, roça a minha nuca, e atravessa a grama feito uma corrente elétrica.

E lá está a resposta, bem na minha frente. Acho que inspiração seria a palavra certa para isso. A Simples Verdade da vovó, a namoradeira e o jardim vazio da sra. Chung. A pergunta do Thomas. O conselho do sr. Pontello. Até mesmo o sr. Chung limpando nossa neve durante todos aqueles invernos.

Levante-se. Faça alguma coisa. Agora.

Vou até a casa da sra. Chung e espio pela janela. Ela está estirada no sofá, exausta, uma perna coberta com o gesso branco, grande e pesado. Como foi que ela quebrou a perna? Não faço a mínima ideia.

Encontro uma pequena pá na nossa garagem, então carrego a primeira bandeja de flores da sra. Chung até o arbusto de sempre-vivas. Todas as primaveras, ela planta os cravos em escalas de cor: vermelho-escuro nas bordas, uma fileira de flores cor de laranja no meio, depois dourado, e por fim o tom mais claro de amarelo. Parecendo um pôr do sol.

Enquanto cavo o primeiro buraco, sinto certo medo de que ela saia de casa e se irrite comigo ou algo do tipo. Você sabe como são os adultos, sempre prontos para concluir que os adolescentes estão fazendo algo errado.

Não sei o que vou falar se ela realmente aparecer, então pego a flor da cadeira e me concentro apenas em enfiá-la na terra. Depois outra, e mais uma. De repente, já formei uma fileira.

Eu me levanto e olho de novo pela janela. A sra. Chung está dormindo, então continuo.

Não tem ninguém por perto. Mamãe e papai: trabalhando. Matt: IAEA (Irmão Ausente Em Ação). Amigos: é complicado.

Somos só eu e as flores.

Uma hora depois, camadas de terra preta preenchem minhas unhas e há uma marca em linhas cruzadas deixada pela grama em meus joelhos. Além disso, meu pescoço e minhas costas estão muito doloridos. Mas quando molho as flores com água da nossa mangueira, vejo o pôr do sol reluzente e úmido formado pelos cravos da sra. Chung, exatamente do jeito que deveria estar.

Pela primeira vez na vida, não esperei que alguém tomasse uma atitude.

E esse é o começo de tudo.



Não posso contar para Jorie. Ela não vai entender.

Nós duas sabemos que nos tornamos amigas porque somos vizinhas. Ela mora do outro lado da casa da sra. Chung. Mas ao olhar bem para a gente – ela com o celular mais novo e moderno de todos em um dos bolsos traseiros da calça jeans justíssima, e com um gloss e um rímel no outro bolso, enquanto eu claramente preciso de conselhos de beleza –, me pergunto como nossa amizade durou tanto. No primeiro ano, quando Jorie se mudou para a nossa rua, tínhamos hora marcada para brincar e fazíamos o mesmo que todas as garotas do primeiro ano. E isso era mais do que suficiente naquela época.

Mas e agora? Jorie e eu estamos em um período de transição. Como o intervalo entre o primeiro e o segundo atos de uma peça. Não sei ao certo como as coisas vão terminar.

É sábado à tarde e estou no quarto dela. Como sempre, Jorie está fazendo vinte coisas ao mesmo tempo: abrindo e fechando cinco janelas no laptop, analisando os conselhos de três revistas de moda, mexendo no celular, tentando achar uma música, falando sem parar. Mas preciso admitir que sempre foi divertido observá-la.

Estou na cama dela, tentando encontrar a almofada com o tamanho exato para se encaixar debaixo do meu pescoço dolorido. Deve ter aproximadamente uma dúzia de almofadinhas em cores neon ali.

Jorie faz uma bola de chiclete, depois a estoura, vira uma página da revista e me pergunta:

– Ei, você viu a sra. Chung esta manhã?

– Não. O que tem ela? – pergunto enquanto me sento na cama.

– Ela estava andando pela calçada com aquelas muletas, tipo, chorando e bem aborrecida. Parecia meio surtada, falando sozinha. – Jorie levanta os olhos e me encara. – Espere aí. Nunca lembro: ela é chinesa ou coreana?

– Coreana.

– Isso. Enfim. Meu pai foi conversar com ela e saca só: alguém entrou no quintal da sra. Chung e plantou as flores dela.

– Sério? E ela ficou chateada? Quer dizer, o que mais seu pai te contou?

– Ele disse que ela estava muito confusa, mas também, tipo, contente. Sobre as flores. É meio esquisito, não acha? Quem plantaria as flores de outra pessoa?

– Então ela estava feliz?

Um sentimento engraçado me consome, como se uma leve brisa saísse dos meus pulmões. Jorie inclina a cabeça e dá um sorrisinho.

– Estava, sim.

Eu me levanto e olho pela janela do quarto de Jorie. Dali dá para ter uma visão completa dos cravos, todos retos em busca do sol. E a sra. Chung ficou contente. Foi o que Jorie disse. Que palavra incrível. “Contente.” O oposto de “descontente”, que era como a sra. Chung estava antes.

– Nina! – chama Jorie, balançando os braços.

– O que foi?

– Ei! Estou falando sozinha há dois minutos. Você escutou alguma coisa que eu disse?

Sorrio para ela.

– Escutei tudo!

E é verdade. Pelo menos meu subconsciente estava escutando. Jorie suspira e continua:

– Às vezes tenho a impressão de que você não está aqui.

– Estou aqui. Claro que estou.

Ela puxa o chiclete e depois o enrola com um dedo.

– Eu estava *dizendo* que minha mãe pode nos levar de carro para o primeiro dia de aula do curso de verão. Não vou até lá andando, feito uma perdedora.

– Está bem.

Eu me aproximo da estante e observo uma foto do aniversário dela de sete anos, a moldura do porta-retratos decorada com lantejoulas, glitter e estrelinhas coloridas.

– Você ainda tem isso? – pergunto.

Ela ri.

– Pelo visto, sim! Mas não sei por quê. Eu era tão boba...

– Não, não era nada.

Ela fica de pé e pega a foto.

– Claro que era. Olhe só, nem consegui colar direito. – Ela aponta para os cantos da moldura onde não há enfeites, apenas cola seca, depois coloca a foto de cabeça para baixo de volta na prateleira. – Enfim, você sabe que esse aniversário foi bem triste e a gente não precisa ficar lembrando.

– Na verdade, Jor, foi um aniversário incrível. Pense bem.

Ela nega com a cabeça.

– Até parece. Não me venha com suas ideias de qualidade-versus-quantidade.

Jorie tinha convidado a turma inteira, mas só eu e outras duas outras meninas fomos. Ela não sabia que tinha outra festa marcada no mesmo dia. De uma das garotas populares. E você sabe como essas coisas funcionam... Mas nós quatro decoramos as molduras de alguns porta-retratos, comemos pizza e bolo, e pintamos algumas camisetas de roxo e verde. Eu me diverti muito, mas Jorie chorou no final, assim que as duas meninas foram embora, e mandou a mãe jogar fora a camiseta e o restante do bolo. Ela disse que havia desistido para sempre de aniversários.

Jorie está observando a página de uma revista.

– Que tal essa blusa e esse short para o primeiro dia do curso de verão?

– Lindos – respondo, balançando a cabeça.

– Você gosta de blusa cropped?

– Ahã. Vai ficar legal em você.

Vinte e cinco amigos vieram para o aniversário de treze anos dela deste ano. Então, (a) ela obviamente não tinha desistido de aniversários, e (b) a

garota popular que tinha arruinado a festa de sete anos dela também viera, e Jorie insistiu em se sentar ao lado dela no restaurante.

Jorie se levanta e segura minhas mãos, examinando minhas unhas.

– O que está acontecendo aqui? – pergunta ela, rindo. – Sente-se. Suas unhas do pé estão ótimas, mas você precisa desesperadamente de uma manicure.

Em cinco segundos, ela esvazia toda a nécessaire de esmaltes no tapete felpudo roxo. Depois puxa minha mão direita e começa a tirar a cutícula:

– Você não deveria deixar suas unhas ficarem num estado tão ruim. Tipo, é uma coisa importante, sabe?

Estremeço quando ela belisca um cantinho da pele.

– Desculpe.

– Sem problemas – digo, me contorcendo. – Tudo pela beleza, certo?

– Exatamente! Agora fique parada.

Jorie se concentra para passar a base, depois duas camadas de um tom claro de esmalte cor-de-rosa, assoprando suavemente cada unha. Observo a coleção de esmaltes dela:

– Por que você sempre escolhe cor-de-rosa para mim?

– Porque suas unhas são muito curtas. Não dá para usar uma cor muito escura. Além disso – ela ergue as próprias mãos antes de terminar a frase –, eu sou vermelha. Você é cor-de-rosa. Nós somos assim.

Jorie joga todas as coisas de volta na nécessaire e acrescenta:

– Precisa deixar as unhas secarem por pelo menos meia hora.

– Eu sei.

Então me levanto para voltar à janela enquanto ela continua falando. A voz de Jorie é um ruído constante, feito o ar-condicionado que fica ligado na minha casa de abril a outubro, e o aquecedor que fica ligado de novembro a março. Já faz tempo que suspeito que as janelas da minha casa são falsas e não abrem de verdade. Meus pais têm um problema sério com controle de temperatura. Com controle em geral, na realidade. Esse pode ser o motivo pelo qual meu irmão nunca tira o fone do ouvido e deixa a porta do quarto fechada sempre que está em casa.

É bem ali, em pé no quarto de Jorie, que a ideia surge. Observo a nossa rua sem saída no formato de lua crescente, com uma única pista para entrar e sair. São sete casas, oito, contando com a de Jorie, todas basicamente do mesmo estilo, mas de cores diferentes. Marrom, branca, creme, e repete. Apesar de estarmos no Norte de Illinois, penso no Crescente Fértil que aprendemos na aula de Estudos Sociais. O berço da civilização. Um lugar onde as pessoas se acomodaram e passaram a viver em comunidade. Tiveram vizinhos.

E vejo pela janela coisas que sempre estiveram ali, mas eu nunca tinha reparado. Brinquedos espalhados pelo gramado dos Cantaloni porque os três garotos que moram ali são cheios de energia e a sra. Cantaloni está grávida. A casa arrumadinha do sr. Dembrowski, de longe a mais limpa de todas. Mas ele nunca sai. Será que ainda mora lá? Será que ainda está vivo? E se ele tiver morrido lá dentro e ninguém souber disso? Em uma das extremidades fica a casa de Eli Bennett, onde seu irmão pequeno, Thomas, corre pela entrada da garagem usando sunga e capa preta, golpeando com uma espada de plástico para afastar inimigos imaginários.

Ou talvez um tipo mais real de inimigo que ele presente estar espreitando nossa vizinhança tranquila com casas conectadas, mas pessoas desconectadas.

Thomas se esconde atrás de uma árvore, depois salta para o lado, mirando com a espada apontada. O que ele está vendo? Cambaleia para trás, aperta a barriga e depois cai no chão.

Talvez não seja o que ele vê, mas o que sente. Também sinto. Algo sombrio. Não somos os únicos com janelas falsas.

Então volto a pensar nos cravos da sra. Chung, no sr. Pontello dizendo para sermos notáveis, mas passarmos despercebidos, e na vovó falando que as coisas acontecem quando têm que acontecer.

Mas e se – e se de verdade – alguém pudesse ter um papel nisso tudo? E se uma pessoa pudesse influenciar os acontecimentos?

Ou até mesmo alterá-los. Para melhor.



De repente, sou tomada por essa ideia maluca.

– Jorie, preciso ir embora.

Acho que ela nem me escuta. Continua falando, mesmo enquanto desço a escada e abro a porta da frente.

– Espere! – grita ela do topo da escada, fazendo um coque no cabelo. – Não vá embora!

– Preciso fazer uma coisa agora. Eu tinha esquecido. Ei, obrigada por ter pintado minhas unhas.

– Espere aí. Você precisa do spray secante. – Jorie corre até o quarto, depois dispara escada abaixo segurando uma latinha. Ela segura as minhas mãos e borrifa minhas unhas. – Ainda não deu meia hora.

– Claro – respondo, sorrindo. – Obrigada de novo.

Ela faz uma bola enorme com o chiclete, que estoura no nariz.

Rio enquanto ela desenha um coração com os dedos, ainda com chiclete espalhado pelo rosto. Eu retribuo, fazendo um coração igual.

Jorie me abraça.

– Você é a melhor.

– Você também.

Em casa, no meu quarto descombinado, sinto um alívio depois de todo o brilho do quarto da Jorie. Folheio meu caderno de exercícios do oitavo ano e conto quantos dias tem o verão. Sessenta e cinco até o primeiro dia de aulas do ensino médio.

As únicas coisas que tenho para fazer são o curso de verão (desenho artístico I) e ler dois livros para a aula de literatura do ensino médio. Jorie

está por perto, mas meus amigos da escola, o grupo do qual meio que fiz parte no último ano, estão fazendo uma viagem cheia de aventura pelo Noroeste Pacífico. Acho que eu também poderia ter ido, mas não sou do tipo que gosta de se aventurar, escalar montanhas e correr riscos. Ok, para falar a verdade, eles não me convidaram para a viagem. E acho que eu não *fazia* realmente parte do grupo. Nós saíamos principalmente porque éramos do mesmo time de basquete.

Então. Aqui estou. De volta à ideia. E se, ao longo desses sessenta e cinco dias, eu fizesse uma boa ação por dia? Algo que teria que acontecer de qualquer forma? Que eu faria acontecer.

Sessenta e cinco boas coisas.

Vou precisar de algumas regras básicas.

Porque tudo nesse mundo precisa de regras.

As coisas têm que ser pequenas, despercebidas, mas devem ser notáveis e incríveis em uma sua pequenez e *despercebidez*. Como plantar cravos. Elas não podem custar dinheiro, porque só tenho sete dólares na carteira. E, na maioria das vezes, essas ações devem ser anônimas.

Ninguém pode saber que fui eu.

Nina Ross. Treze anos. Um metro e cinquenta e cinco de altura. Óculos ou lentes de contato, dependendo do dia. Cabelo castanho, mais ou menos liso, de comprimento mediano, e olhos que Matt costumava chamar de verde-Nina. Duas pintas na bochecha, dessas que as meninas bonitas costumam ter, mas não sou muito bonita. No máximo, tenho uma aparência interessante. Mas tudo bem, eu gosto de ser interessante.

Por falar nisso, ouço um barulho vindo do quarto do meu irmão e sigo pelo corredor. A porta está levemente aberta, então espio pela fresta. Fones de ouvido. Ele toca com os dedos uma bateria imaginária na escrivaninha. Olhos fechados.

– Matt?

Ele não escuta minha voz. Ou, se escuta, decide me ignorar.

Fico ali parada por um instante, esperando que ele abra os olhos, mas logo depois volto para o meu quarto.

No armário, encontro o cartaz do meu projeto de ciência sobre os pântanos da Flórida e viro a cartolina ao contrário. Desenho uma grande meia-lua, depois um quadrado para cada casa da nossa rua sem saída. Se você estiver na rua, diante das casas, do lado esquerdo fica a casa de Eli Bennett, ao lado da minha. Depois vem a da sra. Chung, e então a de Jorie. Ao lado de onde Jorie mora fica a casa do sr. Dembrowski, seguida da casa dos Cantaloni, depois a dos Millman. A última casa está vazia, com um cartaz escrito “à venda”. Os Dixon tiveram que se mudar ano passado porque o sr. Dixon perdeu o emprego. A casa tem uma aparência meio assustadora, com grama alta, ervas daninhas por todos os cantos, arbustos de dente-de-leão sem flor e algumas persianas soltas.

Passo as páginas em branco do caderno de exercícios, em seguida percorro a ponta do dedo pelo meu desenho. Da maneira que fiz, as casas parecem pequenos quadrados distantes flutuando no espaço.

Todas as boas ações que já fiz foram porque alguém mandou. “Não se esqueça de levar dinheiro para as doações de fim de ano!”; “Doe o material escolar que você não usa mais: basta colocá-lo na caixa da sala da diretoria”; “Compre uma camiseta com venda revertida para caridade”; “Contribua com a cesta para as famílias carentes no Dia de Ação de Graças.” Rápido, fácil.

A porta de casa bate. Da minha janela falsa, vejo Matt entrar no seu velho jipe e sair.

Tem uma marca escura no asfalto, bem onde o carro estava parado. Papai vai ficar furioso. Ele vai dizer *Deve estar vazando óleo*. Talvez mamãe desvie os olhos do seu laptop e diga para Matt resolver isso. *Não tínhamos combinado que você seria mais responsável, Matthew?* Eles vão focar o carro, como se houvesse alguma coisa errada com o carro. Matt vai ficar ali parado, sem dizer nada, com o rosto contorcido, e eu vou escutar tudo da escada.

Se vovó estivesse aqui, ela olharia para a mancha de óleo e depois daria uma piscadela para mim. Diria alguma SV sobre o que deixamos para trás, como nada é por acaso. Eu entenderia imediatamente o que ela teria dito,

depois faria um comentário aleatório que ela entenderia. Tudo em um segundo.

Não faço mais comentários aleatórios porque ninguém é capaz de entender. Já tentei com Jorie, mas ela sempre me olha de um jeito estranho. Nem sequer considerarei fazer isso com o grupo do basquete. Iam achar meus comentários esquisitos. Iam *me* achar esquisita. E se eu passar por toda a escola e, hum, sabe, pela *vida*, sem alguém que me entenda? Que me conheça de verdade?

Penso na namorada e me pergunto se tem algum passarinho falante sentado lá hoje. Então sinto outra vez aquela ansiedade. *Faça algo.*

Tem tanta coisa errada.

Prendo o cartaz na parede e fecho meu caderno de exercícios.

Sessenta e cinco dias. Já fiz a primeira boa ação. Quais serão as outras sessenta e quatro?

Mal posso esperar para começar.



Nos dias dois, três e quatro, eu recolho os brinquedos espalhados no quintal dos Cantaloni e arrumo todos ao lado da garagem; coloco um chocolate Hershey's na caixa de correio dos Millman; colho uma rosa do jardim da minha mãe (para o qual ela nunca olha, então não vai sentir falta), amarro uma fita na flor e deixo na porta do sr. Dembrowski.

No quinto dia, coloco uma moeda (com a cara para cima) na caixa de correio de todos os vizinhos, para trazer boa sorte. Faço o mesmo na minha casa para não levantar suspeitas.

No sexto dia, a sra. Millman chama a polícia.

Mas isso não é tão fora do comum assim. Mês passado ela chamou a polícia porque tinha certeza de que um mecânico estava se escondendo no encanamento do seu sótão. Pouco tempo antes, ela os chamou porque achava que sua poodle miniatura, Beanie, havia sido envenenada por gás radioativo.

Tem uma viatura da polícia estacionada em frente à casa dela.

– Alguém está se *intrometendo* por aí e *fazendo* coisas – diz ela, com os braços cruzados com força e quase gritando para o policial.

Eles estão de pé na calçada e eu estou sentada na rede, embaixo da árvore, com o coração acelerado.

– Que tipo de coisas? – pergunta o policial, pegando um pequeno bloco de anotação.

Ela bate o pé no chão com força.

– Invasão de propriedade!

Eu não tinha pensado nisso. Quer dizer, eu também moro aqui.

- Algum objeto sumiu da sua casa? – continua ele.
- Não que eu tenha notado.
- Alguma fechadura foi forçada? Ou alguma porta?
- Não.
- O que exatamente foi invadido, sra. Millman?
- Tinha um chocolate Hershey's na caixa de correio três dias atrás – diz ela. – Eu não comi. Guardei para o caso de você querer procurar impressões digitais ou veneno. E ontem havia uma moeda!

O policial baixa um pouco os óculos escuros e ergue as sobrancelhas antes de perguntar:

– Você chamou a polícia porque encontrou um chocolate e uma moeda na caixa de correio?

– Sim. E *alguém* mudou todos os brinquedos de lugar no jardim dos Cantaloni. A sra. Cantaloni perguntou aos filhos e não foram eles. Além disso, tem o caso dos cravos da sra. Chung. Quem foi que plantou? É um mistério.

O policial dá batidinhas com a caneta no bloco de anotação. Thomas Bennett escolhe esse momento para sair correndo de casa de cueca, com a capa voando atrás. Ele corre pela calçada e cutuca a perna da sra. Millman com a espada de plástico.

- Ei. – O policial o afasta um pouco. – Pare com isso, Batman.
- Não sou Batman! Batman não tem espada! – grita o menino.
- Thomas! – Parece ser Eli chamando.

O menino foge para a casa vazia dos Dixon. Ele sai correndo por entre os arbustos que um dia formaram um quintal, depois vai para os fundos da casa. Eli sai atrás dele e, um minuto depois, carrega Thomas nos seus ombros, que golpeia o ar com a espada. As mãos de Eli seguram com firmeza os tornozelos do garoto e ele anda com um certo gingado, por isso Thomas sacoleja um pouco a cada passo. E ri. O cabelo dele está comprido, passa das orelhas e quase tapa os olhos. Eli põe Thomas no chão ao chegar na casa deles.

– Sra. Millman – continua o policial –, não consigo identificar nenhum crime. Vou dar uma olhada na sua casa, mas parece que não há indícios

suficientes para uma denúncia.

A sra. Millman alisa a saia florida e diz:

– Tem *alguma coisa* acontecendo aqui. Você vai ver só. E quando eu ligar da próxima vez, vai ser por algo mais sério do que um chocolate, pode acreditar!

– Está bem – responde ele, fechando o bloco de anotação. – Vou só dar uma olhada, então.

O policial vai para a parte dos fundos da casa da sra. Millman, depois percorre o quintal dos Cantaloni e do sr. Dembrowski. A rosa ainda está na entrada, mas murchou.

– Quer bala de limão?

Vejo Eli ao lado da rede segurando um pacote.

De repente, minha garganta fica seca e eu estendo a mão. Ele me dá duas balas e comenta:

– Que loucura, né?

– Pois é – respondo, respirando fundo.

– Como você está, Ni?

Eu gostaria de responder: *Quando foi que você ficou tão alto? Lembra quando você escreveu seu nome ao contrário vinte e três vezes com giz na entrada da minha garagem? E lembra quando tínhamos seis anos?*

Mas o que eu digo é:

– Bem.

Eli se senta na grama e nós dois ficamos observando a sra. Millman andar de um lado para outro na frente da casa, falando descontroladamente ao telefone.

– Acho que se eu fosse o sr. Millman, viajaria bastante a trabalho – brinca ele.

Sorrio.

Thomas sai pulando do meio dos arbustos que ficam entre a minha casa e a dos Bennett.

– Estou combatendo os bandidos! – grita ele, empunhando a espada. – Os *crinimosos*!

– Criminosos – corrige Eli, mas o menino já está longe. – Espero que essa fase cueca-e-capa já tenha passado quando ele tiver que ir para a escola. Caso contrário, não vai fazer muitos amigos.

– Ou talvez faça – digo, rindo. – Eu gostaria de ser amiga de um super-herói.

– Você entendeu o que eu quis dizer – responde ele, balançando a cabeça.

Eli vai atrás de Thomas. O policial entra na viatura e fica um tempo ali sentado, com o motor ligado, para só depois ir embora. A sra. Millman entra feito um furacão na casa ao mesmo tempo em que a sra. Cantaloni sai toda apressada com a minivan, seus filhos acomodados no banco de trás, vestindo o uniforme de beisebol. Eu não via a sra. Chung desde que plantei os cravos. As janelas de todo mundo estão fechadas, as portas, trancadas, assim como todos os portões de garagem. Meus pais jantaram com um cliente ontem à noite e chegaram tarde em casa, portanto nem os encontrei.

Sinto algo, alguém, perto de mim, atrás da rede, e viro a cabeça. Thomas está se arrastando pelo chão, impulsionando com os cotovelos o resto do corpo para a frente.

– O policial não prendeu os *criminosos* – acusa ele –, então eu mesmo vou ter que resolver isso!

Ele dá um pulo e se inclina para perto do meu rosto. Sinto cheiro de suor de criança: doce, como grama recém-cortada. Seu nariz roça minha bochecha e ele sussurra:

– E adivinhe só? Tenho uma moeda mágica!

Ele abre a mão e me mostra.



A caminho do trabalho, a mãe da Jorie nos deixa na entrada catorze do edifício oeste, que se conecta ao edifício leste por um saguão ecologicamente correto. O colégio é maior do que algumas universidades. Estou apavorada com a ideia de estudar ali.

Jorie falou sem parar durante todo o trajeto, perguntando se eu conseguia ver a espinha no seu queixo, apesar do corretivo, e falando que os primeiros dias são *tão* difíceis e ela está *tão* feliz por ter a minha companhia. Mas não faz nem dois segundos que estamos no prédio e Jorie vê uma garota da sala dela do curso de verão – Introdução à Computação, uma matéria muito fácil – e corre para falar com ela. A menina tem um desses nomes que também é nome de um lugar. Savannah, Dakota ou Antártica. Ela e Jorie estão usando blusas cropped.

Estou na turma de artes com os rebeldes e os góticos. Dois garotos usando coturno e calça jeans preta com pequenas correntes penduradas no lugar dos cintos. Há uma garota com uma camiseta preta de caveiras. Um monte de roupas pretas por aqui. Assustador.

Enquanto ainda estávamos no ensino fundamental, recebíamos orientações para o ensino médio. Os professores viviam nos aconselhando a fazer um curso de verão para que pudéssemos nos acostumar ao novo ritmo e conhecêssemos outros alunos. Escolhi artes porque gosto de desenhar, por mais que meus desenhos nunca saiam do jeito que eu havia imaginado.

Enquanto vou para o fundo da sala, uma garota grandona de meia-calça preta e branca listrada e bastante rasgada e short jeans azul se vira e me encara, lançando um olhar que parece questionar: *Quem é você e o que está*

fazendo aqui? Em seguida, o garoto de cabelo espetado ao lado dela faz a mesma coisa. O olhar dela até parece contagioso.

Huumm... Talvez eu não tenha pensado direito sobre isso tudo. Pelo visto não é aqui que vou conhecer pessoas novas. Eu me sento na cadeira da última fileira, sentindo como se eu tivesse um letreiro neon na cabeça, mas na verdade só estou usando uma camiseta branca básica. Reconheço duas garotas ali do ensino fundamental, mas elas estão sentadas perto uma da outra, conversando. Tem outra garota calada (que não está usando roupa preta), mas ela não olha na minha direção.

Durante a primeira meia hora, conversamos sobre o que vamos fazer nas aulas pelas próximas oito semanas. Depois começamos a fazer nosso círculo cromático. Minhas cores primárias ficam boas, mas tenho bastante dificuldade em misturar as cores secundárias. A professora, sra. Quinlan, que parece ter sido rebelde e gótica quando tinha a minha idade, para na minha mesa. Ela tem dez brincos em uma das orelhas, além de unhas roídas.

– Confira se está sempre usando a mesma quantidade de cores quando misturar – comenta ela.

Concordo e ela segue adiante e para ao lado da garota grandona.

– Muito bom – diz a professora, e depois levanta o círculo cromático dela para mostrar a todos os outros.

A única palavra que falo durante a manhã inteira é “Presente” na hora da chamada. Que belo primeiro dia.

Jorie e eu temos que pegar o ônibus para voltar para casa, e ela não fica nem um pouco feliz com isso. Está muito quente, mesmo com todas as janelas abertas, e as bochechas dela estão rosadas. Da mesma cor da sua camiseta.

Vemos Eli entrar no carro com alguns garotos. Jorie estica o pescoço e observa o carro se afastar.

– Aquele não era Tyler, amigo do Eli? E o irmão mais velho dele? Acho que ele está no último ano. E já deve ter carteira de motorista.

Estou dando uma olhada na ementa da aula de artes. Desenho, pintura, cerâmica. Uau.

– Que aula Eli está fazendo? – Jorie continua com as perguntas.

Dou de ombros.

– Não sei.

Jorie se encosta no banco e suspira de forma dramática.

– Vou te contar um segredo.

Mas ela fala isso o tempo todo, então nunca é um segredo de verdade.

– Qual?

– É nesse verão que Eli e eu vamos ficar juntos. Já tenho tudo planejado. Vou fazer com que ele me convide para o baile de boas-vindas. Vamos começar o ano como um casal. O garoto da casa ao lado. Não é fofo?

Tecnicamente, ele é o garoto da casa ao lado da minha.

Lembra aquela memória com o giz? Eli escrevendo na entrada da minha garagem? Pois é, Jorie também estava lá, decorando os *Es* ao contrário dele com flores e símbolos da paz. Com seis anos ela já tinha uma quedinha por ele.

– Ele ficou uma graça, não ficou?

Ela respira fundo.

– É, acho que sim. Você gosta dele?

– Dã.

– Ah. Jura? Eli?

– Sim. – Ela suspira. – Por que você parece surpresa? Rola um clima entre a gente. Eu sinto. Algumas coisas a gente simplesmente *sabe*.

O ônibus para no início da nossa rua e o motorista abre a porta.

– Bem, boa sorte com isso – digo, enquanto Jorie dispara em direção à sua casa.

– Me mande uma mensagem mais tarde – diz ela, correndo, com a bolsa batendo no quadril.

– Meu celular ainda está estranho! – grito.

– Arranje logo um novo. Seu celular é pré-histórico. Ele é de quando mesmo? Do sexto ano?

Ela bate na porta. Deixei meu telefone cair e agora o aparelho só funciona quando quer. Também deixei meu telefone anterior cair. A questão é: meu pai disse que se eu quebrasse, eu mesma teria que pagar um novo. Sendo que não faço a menor ideia de como pagar por um.

Não tem ninguém por perto, só Thomas, que acena para mim da entrada da garagem. Ele está brincando de jogar a espada para cima e pegá-la de volta. E o brinquedo cai no chão com muito mais frequência do que nas mãos dele.

– Estou praticando para os vilões – grita ele. – É preciso saber esses truques!

Sorrio e ergo o polegar.

Olho para as casas ao redor. Eu estava indo bem até o dia seis, mas acabei desperdiçando um dia por causa do episódio da sra. Millman com a polícia. Será que devo continuar? E se ela descobrir e eu me meter numa confusão? Isso não fazia parte do plano.

– Estão por todos os lados! Ficam se escondendo e tal! – diz Thomas. – Você já viu eles?

– Claro! – respondo, rindo.

Paro quando chego na entrada da minha garagem. Os cravos da sra. Chung estão murchando. Ela claramente não consegue regar as flores. Observo a casa da sra. Millman. Nenhum sinal dela. Mais uma vez tenho aquela sensação de ar-correndo-pelos-pulmões enquanto ligo a mangueira, e, antes que eu possa mudar de ideia, começo a molhar as flores. Enquanto faço isso, o caminhão do correio passa e eu pego a pilha de cartas da caixa de correio e deixo na frente da porta.

Dia seis. E sete.

– Pou! – grita Thomas, fazendo uma cara de corajoso. – Peguei um! Peguei um bandido, Nina!

Aceno para ele, que salta e dá uma cambalhota na grama.

Humm. Boa ação feita. Bandido preso.

Com ou sem a sra. Millman, eu não quero parar.

Sinto que seguir com o plano é o certo. Pareço Jorie falando sobre Eli, mas é totalmente diferente. Não entendo como exatamente eu sei disso, mas simplesmente *sei*.



É assim que tem sido os jantares na minha casa ultimamente.

Às seis da noite, já estou morrendo de fome, mas mamãe e papai ainda estão no trabalho. Então preparo alguma coisa como macarrão com queijo ou uma pizza congelada, depois penso se devo escolher uma sobremesa saudável (maçã) ou uma nada saudável (chocolate). Quase sempre escolho o chocolate e devoro tudo em duas mordidas (e bebo um copo de leite para diminuir a culpa).

Matt janta no Subway com os amigos. Como sei disso? O piso do carro dele está sempre coberto de guardanapos e sua camiseta tem o típico cheiro do pão de lá.

Meus pais costumam chegar em casa por volta das sete e meia com embalagens plásticas de comida para viagem. Eles são advogados de divórcio. Ross & Gentil Advogados. Minha mãe é Gentil. (Ela manteve o sobrenome de solteira, apesar de não ser exatamente gentil na maior parte do tempo.) Meu pai é Ross (esse é o último sobrenome dele e o meu também). Os dois estão na missão de chegar ao topo. De algo. Todos os dias pegam um dos primeiros trens para o centro da cidade, depois voltam no trem das seis e meia. Às vezes pegam o trem ainda mais tarde. Pelo que eu entendo, o trabalho deles é fazer com que uma pessoa que está se divorciando tire o máximo de dinheiro possível da outra. A fórmula Ross & Gentil: divórcio + dinheiro = felicidade.

Mamãe me manda uma mensagem todas as manhãs: *Tudo certo?*, e papai me liga de tarde, depois que eu chego do curso de verão, mas, como

barulho de fundo, escuto que ele está mexendo em papéis. Matt deveria cuidar de mim. Mas ele trabalha muito também e depois sai.

Quando eu era mais nova, sempre havia alguém em casa no verão quando eu descia do ônibus da colônia de férias. Era Matt, mamãe ou minha avó. E depois que a colônia acabava, vovó me levava para algum passeio especial: chá da tarde em um hotel chique do centro da cidade ou para a casa das borboletas, onde alguma poderia pousar em mim caso eu ficasse imóvel.

Quando meus pais finalmente chegam em casa, espalham várias coisas na mesa da cozinha: embalagens de comida, laptops e celulares, onde trabalham, comem e traçam estratégias. Faz meses que estão concentrados no caso mais importante da carreira deles, aparentemente o tipo de caso que eles sempre quiseram cuidar. Papai me disse: “Não há nenhum divórcio mais importante do que esse”, e mamãe, enquanto mergulhava uma alface no molho diet e lia um e-mail, falou: “Esse caso nos levou para outro nível.” Como se eles estivessem segurando aquela vara comprida e flexível e pulando obstáculos por cima do Muro da Fama dos Advogados.

Uma noite dessas, ela tirou um minuto do seu tempo para perguntar se eu estava bem.

Respondi: “Claro.”

Ela assentiu e disse: “Nos falamos mais depois, ok? Só preciso terminar uma coisinha.” O telefone dela toca e papai fala: “É Melanie.” (A cliente superimportante.) Mamãe atende imediatamente.

Se eu disser que minha família já foi diferente, ninguém acreditaria.

Mas juro que já foi, sim.

Eu lembro de Matt, papai, mamãe e de mim antes de nos separarmos. Ou acho que posso dizer “antes de nos divorciarmos”, apesar de ainda morarmos na mesma casa.

Tudo se enfraqueceu, assim como as cores nas fotos que eu guardo da minha avó. Não gosto de olhar para elas, porque fico muito triste.

Mas se me permito relembrar, é como assistir a um filme de como os jantares em família costumavam ser. Em um desses filmes, eu tenho cerca de nove anos... antes de vovó morar com a gente... quando mamãe e papai

tinham clientes menos importantes... e antes de tudo o que aconteceu com Matt.

Esse filme é divertido e fofo: papai cortando espaguete com garfo e faca, porque é mais fácil comer desse jeito, Matt cutucando minha cadeira com o pé e eu mandando ele parar (mas rindo, afinal seus dedos faziam cócegas na minha perna), e mamãe sorrindo para nós enquanto fatiava o pão de alho, fazendo as migalhas voarem pela mesa feito pedrinhas.

Éramos nós mesmo?

Algumas vezes essa cena parece pertencer a outra pessoa. Uma família diferente, mais feliz.



A sra. Millman puxou uma cadeira do quintal para se sentar na entrada da garagem. Todas as manhãs, quando Jorie e eu saímos para o curso de verão, ela está sentada ali fora com um jornal, segurando-o como as pessoas fazem nos velhos filmes de detetive sempre que querem fingir que estão lendo, mas, na verdade, estão vigiando alguém. Eu a ouvi comentar com a sra. Cantaloni que estava de olho para descobrir quem está *fazendo coisas*.

Será que eu deveria contar a ela que o crime foi cometido por uma pessoa da rua mesmo?

Mas acho que encontrei uma boa estratégia. Quando chego em casa, a cadeira de vigia da sra. Millman está dobrada, porque ela saiu para passear com Beanie. Depois que Beanie faz suas necessidades, a sra. Millman, por ser uma vizinha atenciosa e por cumprir as regras, recolhe o cocô com um saquinho azul, joga na lixeira e volta com Beanie para casa. Ela sai novamente com uma bolsa de pano, na qual está escrito *ALGUÉM TOPA UMA PARTIDA DE MAHJONG?*, depois entra no carro e sai. Algumas das amigas da vovó jogavam Mahjong, um jogo de peças empilhadas com símbolos chineses escritos.

A sra. Millman tem uma rotina bem previsível. Todas as tardes, ela passa duas horas fora jogando Mahjong, então tenho tempo mais do que suficiente para seguir meu plano.

Não me preocupo só com a sra. Chung (número oito: desamarrei um saco plástico que estava preso em uma das árvores dela; e número nove: pendurei os sinos de vento que haviam se soltado do prego na porta da casa dela), mas ando pensando no sr. Dembrowski. Será que há comida na sua

casa? Quantos anos ele tem? Talvez tenha se tornado um acumulador e não consiga alcançar a porta de casa. É por isso que nunca o veem?

O sr. Dembrowski costumava ser o homem que assustava todas as criancinhas. Em todo bairro tem sempre alguém como ele. Era ele que gritava quando uma bola caía no seu quintal, quando alguém passava correndo no seu gramado, ou quando esqueciam uma bicicleta na calçada dele.

Quando Jorie, Eli e eu tínhamos oito anos, estávamos brincando de esconde-esconde numa noite abafada de verão. Com as bochechas vermelhas e quentes, e o coração acelerado, nós aproveitávamos a energia e a emoção de finalmente ter idade suficiente para brincar do lado de fora depois de já ter anoitecido.

Eli e eu estávamos nos escondendo numa fileira de arbustos de Jorie atrás da casa da sra. Chung, encolhidos e abraçando com força nossos joelhos. Eu ouvia a melodia doce que vinha do piano da casa dela e me perguntava se estaria dando aula. Jorie gritava cada vez mais irritada: “Onde vocês estão? Isso não tem graça!” Mas Eli levou um dedo aos lábios e balançou a cabeça. Depois segurou minha mão suada. Juro que só de tocar a ponta dos seus dedos senti o coração dele batendo.

Depois que Jorie nos encontrou, alguém – e até hoje não sei exatamente quem – saiu correndo pelo canteiro do sr. Dembrowski. Ele tinha diversas espécies de flores, todas frágeis e exóticas, mas como íamos saber disso? Só estávamos tentando encontrar o melhor esconderijo.

Havia chovido, então de manhã restaram pegadas e flores pisoteadas. O sr. Dembrowski foi até cada uma de nossas casas e exigiu um sapato para poder comparar com as pegadas.

Essa foi uma das vezes em que minha mãe não foi gentil. Ela assumiu o papel de advogada e fez um longo discurso sobre eu não ter obrigação alguma de entregar meu sapato. Segundo ela, podia ter sido qualquer um. O pai da Jorie também ficou bravo (ele é corretor da Bolsa de Valores e vive tenso) e disse que o sr. Dembrowski estava fazendo tempestade em copo d’água e que nós éramos apenas crianças. Os pais do Eli estavam se

divorciando naquela época, por isso não havia ninguém em casa quando o sr. Dembrowski tocou a campainha.

Foi nesse período que Eli começou a se afastar, e eu entendo, de verdade. Ele estava enfrentando muita coisa. Os pais dele reataram apenas por tempo suficiente para Thomas nascer e se separaram novamente. A bagunça de sempre.

Sempre me senti mal pelo canteiro de flores do sr. Dembrowski. Todos nós devíamos ter assumido a culpa. Mas nossos pais argumentaram e limparam nossa barra.

Portanto, a boa ação número dez será para o sr. Dembrowski.

Encontro uma mistura para brownies na última prateleira da despensa. A validade expira este mês, por isso imagino que não tenha problema. Sou boa na cozinha quando me concentro o bastante. Pré-aqueço o forno, sigo as instruções e dou exatas cinquenta voltas, como manda a embalagem.

Em seguida, começo o rascunho para a aula de artes, enquanto o cheiro de chocolate preenche a cozinha. A tarefa é fazer um desenho realista de algum utensílio doméstico, com sombras, claros e escuros, e uma boa harmonização. Escolho uma cadeira, mas, de alguma forma, meu desenho acaba parecendo uma casa em cima de varetas.

Tiro os brownies do forno e espeto um palito de dente. Prontos. Espero esfriar. Corto em quadrados perfeitos e arrumo dez deles (por ser a décima boa ação) em um prato de papelão, depois cubro com papel-alumínio.

A sra. Millman está jogando Mahjong e não há ninguém à vista, então atravesso com facilidade a rua até a casa do sr. Dembrowski. Paro na porta por um segundo. Ei! A rosa sumiu.

Todas as cortinas estão fechadas. Não há nenhuma evidência de que foi ele quem pegou a rosa. O vento pode ter soprado para longe, ou a flor pode ter sido levada por um grupo extremamente forte de formigas, ou até mesmo Beanie pode ter comido.

Deixo o prato diante da porta.

Quando entro em casa, encontro Matt de óculos escuros e boné apoiado no balcão da cozinha comendo um brownie.

– Matt! – digo, alegre. – Bem-vindo ao andar de baixo.

– Muito engraçado – responde ele, passando as costas da mão na boca e pegando outro brownie. – Por que você fez isso?

– Deu vontade. Estão bons?

Ele sorri e exhibe os dentes sujos de chocolate.

– Muito.

– E aí? Você está disfarçado de que mesmo?

Ele abaixa os óculos e ergue uma sobrancelha. Mas não responde.

Coloco a assadeira na pia e abro a torneira. Sei que ele vai terminar de comer o brownie e desaparecer de novo.

– Ei, hummm, você está ocupado? Topa fazer alguma coisa? Talvez jogar cartas?

Ele dá de ombros.

– Lembra aquela vez que passamos horas jogando War? A gente disse que iria jogar até que alguém ganhasse.

Matt ri.

– Ninguém nunca vence em War.

– Você ganhou daquela vez.

– Ganhei? Ah, é verdade.

– Quero revanche – digo, cruzando os braços.

Ele ergue os óculos escuros.

– Não vai dar. Tenho coisa para fazer. Tchau!

E sai. Olho para a água lamacenta de brownie.

Foi bom conversar com você, Matt.



Na manhã seguinte, o prato de brownies continua no mesmo lugar. Dá para ver da minha janela. Isso me deixa triste e ainda mais preocupada com o sr. Dembrowski.

No nosso porão que serve de depósito há um tesouro guardado em caixas e sacolas: presentes que meus pais ganharam dos clientes, coisas que compraram e nunca usaram e outros itens aleatórios.

Tenho um bom destino para todas essas coisas.

11. Embrulho um pacote de adesivos protetores para os pés, daqueles que colam nos sapatos, e separo para a mãe do Eli, a sra. Bennett, que é enfermeira e passa horas em pé.

12. Deixo uma vela aromática para o pai da Jorie, pois ele precisa relaxar.

13. Há uma caixa de charutos que papai nem sequer tocou, e eu tenho a sensação de que o sr. Millman é o tipo de homem que gostaria de fumar um charuto de vez em quando. Morar com a sra. Millman não deve ser fácil.

Enquanto estou colocando furtivamente os charutos na casa dos Millman, percebo que o prato de brownies não está mais diante da porta do sr. Dembrowski.

Fico eufórica. Sinto meu peito se aquecer, como se uma pequena chama tivesse se acendido dentro de mim.

14. Quando Jorie deixa o gloss cair no ônibus, mesmo sabendo que é um pouco grosseiro ficar virada de costas para mim enquanto conversa com uma garota do outro lado do corredor, eu o alcanço com o pé, o pego e o enfio na mochila dela.

À noite, vejo um brilhinho vermelho do outro lado da rua e vejo o sr. Millman em pé na entrada da garagem, fumando um charuto. Ele parece feliz.

Então escuto um barulho. É a voz de Jorie. O som de uma bola de basquete batendo no aro. E a risada do Eli.

Desço e passo pelos meus pais, que estão trabalhando na mesa da cozinha.

– Oi, querida – diz mamãe sem erguer os olhos, mas acenando na minha direção. – Já jantou?

– Ahã. Comi pizza congelada.

– Nina – fala papai –, pode pegar uma garrafa de água com gás na geladeira para mim?

Entrego a ele, depois enfio a cabeça para fora da porta.

Jorie e Eli estão na frente de casa. Parece que estão praticando arremessos de basquete e Jorie vai ganhar uma medalha de ouro em flerte. Ela está usando o short mais curto que eu já vi. E uma camiseta roxa justa, curta, decotada e brilhante. Para completar, fica dando uma risadinha falsa e aguda. Não é assim que ela ri.

– Me mostre como se faz um arremesso – pede ela.

Eli coloca a mão em cima da dela e a ajuda a passar a bola da esquerda para a direita. Depois, quando se aproximam da cesta, ele a ergue no ar para que ela possa arremessar a bola.

Jorie meio que cai para trás, em cima de Eli, enquanto ele a coloca de volta no chão. Mais risadinhas falsas. E ela balança o cabelo. A bola rola até a grama e eles ficam muito perto um do outro.

Eu me sinto enjoada. Como se estivesse vendo algo que não deveria. Jorie não estava brincando sobre Eli e o baile. Normalmente as ideias dela desaparecem em um piscar de olhos.

Eli e Jorie não me veem e eu volto para dentro de casa, um pouco trêmula.

Mamãe está arrumando alguns papéis. Ela tem deixado o cabelo curto e usado gel, penteando-o para trás da orelha. Nem um único fio se soltou ao longo do dia inteiro.

– Estou indo ao mercado – diz ela. – Quer alguma coisa em particular?
Eu hesito.

– Sabe o que quero de verdade?

– O quê? – pergunta ela enquanto coloca os papéis dentro da pasta.

– O bolo de cenoura da vovó.

Ela ergue os olhos, o rosto contraído.

– Não sei fazer. Nem sequer sei onde está a receita.

Um longo segundo se passa. Ela pega a bolsa e tira as chaves de dentro.

– As pizzas congeladas acabaram – digo, dando de ombros.

– Ok. Vou comprar mais.

Certo.

Vovó sempre fazia um bolo de cenoura quando íamos jantar na sua casa. Uma das coisas mais gostosas que já comi, e olha que nem gosto tanto assim de cenoura.

Papai está no sofá, com os pés em cima da mesa, trocando de canal sem parar.

– Qual é o problema? – pergunta ele quando passo ao seu lado.

Continuo em frente e respondo:

– Nada. Estou bem.

– Mesmo?

– Sim.

Isso nem de longe é a verdade. Continuo escutando as vozes de Eli e Jorie lá fora. Por que estou chateada? Quer dizer, se eles gostam um do outro. Mas eu não achava que Eli era assim, do tipo que se rende à paquera e ao short curto.

Mas estou pensando no Eli de quando éramos pequenos. O garoto quieto e superprotetor que não largou minha mão na noite de verão em que nos escondemos da Jorie. O Eli engraçado, doce e esquisito que, com um olhar bobo, me deu um cartão de Dia dos Namorados em formato de caminhão com a frase *Mandando um carregamento de caminhão de [palavra riscada] no Dia dos Namorados. Do seu amigo, Eli.* Usei uma lanterna para decifrar a palavra riscada e descobri que era “amor”.

Será que eu conheço o Eli de agora?

Então sou surpreendida por outra dúvida: será que ainda conheço Jorie?



No caminho para o curso de verão, Jorie não comenta nada sobre Eli. E eu não pergunto. Mostro para ela meu desenho da cadeira.

– O que você acha que é isso?

Ela balança a cabeça.

– Não sei. Uma dessas mesas antigas para arrumar o cabelo e se maquiar?

– Você quer dizer uma penteadeira?

– Isso.

– Não, é uma cadeira – respondo, suspirando.

Jorie semicerra os olhos.

– Ah, entendi. Estou vendo. – Em seguida, ela ri. – Eu disse para você fazer aula de computação comigo. É fácil. E estou conhecendo muita gente nova. Um *monte* de garotos bonitos.

Ótimo.

Na aula, quando mostro meu desenho, as pessoas chutam que é uma mesa, uma cama e uma nave espacial. Até que a garota tímida, Sariah, pergunta com uma voz suave:

– É uma cadeira?

E quase sinto vontade de dar um abraço nela.

A sra. Quinlan me dá algumas dicas sobre sombras e perspectiva. Enquanto mexo no meu desenho, dou uma olhada em Sariah. Ela é alta e magra, usa aparelho e tem pele marrom-clara. Cabelo comprido, escuro e liso. Ela desenha uma cesta de frutas, e está ótimo. Na hora do intervalo, tento olhar para ela, mas a menina sai da sala antes de mim e se senta com

outro grupo no refeitório. Portanto, eu me junto aos amigos da Jorie, me acomodando na beirada.

No final da aula, minha cadeira começa a ficar parecida com uma cadeira de verdade. A sra. Quinlan diz:

– Bem melhor. Continue trabalhando.

* * *

E é o que eu faço.

Levo a correspondência da sra. Chung da caixa de correio para a porta dela todos os dias, mas parei de considerar isso uma boa ação. É só parte da minha rotina. Tenho certeza de que ela acha que é o carteiro. Deixo mais dois pratos de doce para o sr. Dembrowski (quinze, dezesseis). Os esquilos ou o sr. Dembrowski pegam a comida, pois no dia seguinte os pratos não estão mais lá. Faço cookies de gotas de chocolate – daqueles prontos para assar – e deixo alguns na escrivaninha do Matt (dezessete). Na manhã seguinte o prato vazio está na pia.

Quando não está jogando mahjong, a sra. Millman tem vigiado nossa rua com Beanie. Ela disse para a sra. Cantaloni que está treinando Beanie para ser um cão de guarda e que o avô dela era um assassino. Desculpem por falar isso, mas aquele poodle minúsculo e distraído não me parece muito um cão de guarda. Verdadeiros intrusos não vão se intimidar com Beanie Millman.

É engraçado, mas quanto mais chateada a sra. Millman fica, mas eu tenho vontade de continuar com minhas boas ações.

Achei que ia ser difícil ter ideias do que fazer. Mas é bem fácil. Vejo que alguma coisa precisa da minha atenção, então vou lá e cuido. Surgem coisas aleatórias todos os dias. Continuo contando e a sra. Millman continua vigiando, como se estivéssemos travando uma disputa silenciosa: Nina Ross versus Myrna Millman. Bondade anônima versus desconfiança. Quem vai ganhar? Não sei, mas torço de verdade para que ela não surte e chame a polícia de novo.

Estou fora numa sexta à tarde, *ainda* trabalhando no desenho da cadeira. O prazo de entrega é segunda-feira. Nunca mais vou querer desenhar outra cadeira. Os três filhos dos Cantaloni estão jogando beisebol no gramado da frente de casa. Os nomes de todos começam com *J* e eu nunca sei quem é quem.

Eles são cópias uns dos outros: atarracados, de cabelo escuro, usando a mesma camisa azul listrada: uma pequena, uma média e uma grande. O mais novo parece ter a idade do Thomas e fico sem entender por que eles não brincam juntos.

O mais alto joga a bola para o do meio. A bola sobe muito alto e o garoto faz o que pode para pegá-la, mas a bola cada vez mais se aproxima do matagal que costumava fazer parte do gramado da frente da casa dos Dixon. Ele para no momento em que a bola cai nas ervas daninhas. Os três ficam parados e apenas observam. Imagino que aquela casa seja para eles o mesmo que a casa do sr. Dembrowski era para mim, Jorie e Eli. Fonte de pesadelos e histórias de terror.

– Você é péssimo! – grita o mais velho para o menor, que corre para dentro de casa chorando. – Pegue a bola! – diz para o do meio.

– Não, pegue você!

– Dou minha melhor figurinha de beisebol para você.

– Esquece. Não vou lá de jeito nenhum.

– Deixo você usar minha luva pelo resto do dia.

– Ahã.

Eles se viram para o arbusto, onde há um farfalhar alto, depois se entreolham e disparam para dentro de casa.

Coloco meu caderno de desenho no chão e me aproximo da casa dos Dixon, tentando ver onde a bola caiu e o que estava fazendo barulho.

Dou dois pequenos passos para dentro do matagal, que bate nos meus joelhos em determinados pontos e arranha minhas pernas nuas. Escuto o farfalhar de novo e percebo que a grama perto da janela da frente se mexe. Deve ser um esquilo ou um coelho.

Nunca estive tão perto da casa dos Dixon. A família só morou ali por três anos. Durante todo esse tempo, tudo o que descobri foi que havia uma

esposa, um marido e um garoto que cursava o ensino médio. Eles deixavam as cortinas fechadas, nunca plantaram flores e fechavam o portão da garagem assim que estacionavam o carro. Papai dizia de brincadeira que eles eram da máfia. Mamãe achava que eram apenas reservados.

Começo a caminhar lentamente, afastando as ervas daninhas com as mãos, de olho na bola e também na direção de onde viera o barulho.

Estou diante de uma casa comum, num bairro calmo e entediante, exatamente igual a outros milhares de bairros por aí. Mas, por causa da grama alta, não se parece em nada com o Crescente Fértil. Está mais para os pântanos da Flórida. E se o farfalhar tiver sido causado por uma cobra, um crocodilo ou uma pantera? Impossível, porque a vida selvagem mais assustadora por aqui são os coiotes. Mesmo assim, fico um pouco trêmula.

No momento em que vejo a bola, um punhado de pelo vermelho açoita o matagal e corre para o meio da rua. Prendo a respiração, me abaixo e fico imóvel. Será que vai me ver? E atacar? Onde está Beanie agora, o grande cão de guarda?

A raposa-vermelha se vira e olha diretamente nos meus olhos enquanto eu espio pelo meio das folhagens. É linda, selvagem e encantadora. As orelhas são pontudas e estão erguidas, o rabo é longo e grosso, mais leve do que o restante da pelugem.

Ela foge por entre a casa da Jorie e da sra. Chung. E desaparece.

Enquanto me levanto devagar, com as pernas bambas, vejo a sra. Chung se apoiando nas muletas. Ela manca até o final da entrada da sua casa.

Pego a bola de beisebol, jogo na direção do gramado dos Cantaloni (dezoito) e me aproximo da sra. Chung, que está usando meia com sandália no pé sem gesso.

Ela ergue uma das muletas e aponta para onde foi a raposa.

– *Kumiho* – sussurra ela.

Isso não soa nada bem.

– O quê?

– Raposa de nove rabos. Lenda coreana. Malvada.

Eu paro e pergunto:

– Malvada?

Ela assente e olha para o céu.

– Uma raposa é sempre um mau sinal.

Sigo o olhar dela. O céu está limpo e azul, não há sequer uma nuvem. Mau? *Não*, tenho vontade de dizer. *Bom sinal. Coisas boas.*

– Sra. Chung.

Tento me lembrar de uma das Simples Verdades da vovó, algo reconfortante, mas ela corre para dentro de casa o mais rápido que consegue com as muletas.

Olho ao redor. Tranquilidade. Silêncio. A bola de beisebol solitária no gramado dos Cantaloni.

Há uma movimentação na janela da sra. Chung. Vejo que ela abre as cortinas com as mãos. E só então penso no que dizer: *A raposa foi embora. E só tinha um rabo. Então não era a kumiho. De verdade, não há nenhuma kumiho aqui.*

Pego meu caderno de desenhos. Está 30°C do lado de fora, mas sinto meu braço se arrepiar quando a sra. Chung fecha de novo as cortinas.

Ainda bem que os garotos escolhem justamente esse momento para abrir a porta de casa com um empurrão e agarrar a bola como se um milagre houvesse acontecido.

Eles não questionam, simplesmente começam a jogar.

– Da próxima vez trate de pegar a bola, seu bobão – grita o mais velho.

– Cale a boca, Jack!

Afundo alguns centímetros na grama. Jack. O nome do mais velho é Jack.



Nunca fui muito boa em concluir projetos. No último ano, comecei um scrapbook, um diário, três livros, exercícios diários de yoga e uma rotina de beleza que envolvia uma máscara facial toda semana e adesivos para evitar cravos e espinhas. Não dei continuidade a nada disso. Eu ficava entediada, distraída. Mas o projeto das sessenta e cinco coisas é algo que *quero* terminar. *Tenho* que terminar. São sorrateiras, divertidas e emocionantes. Adoro pensar nelas, descobrir como mantê-las em segredo. Toda vez tenho essa sensação de plenitude, de poder. Força. Esperança. Eu queria contar para a vovó. E para o meu professor, o sr. Pontello. Eles entenderiam o que estou sentindo.

19. Matt está trabalhando muito para limpar a piscina. O carro dele está uma bagunça e não quero que mamãe e papai se irrite, então eu o limpo enquanto ele toma banho. O que encontro: quinze guardanapos do Subway, uma faixa de cabelo preta, uma meia branca, sete canetas, dois lápis, embalagens de chicletes, um ás de ouros rasgado, folhas amassadas de caderno e uma garrafa quase vazia de refrigerante com um fedor horrível.

Mais tarde, com o cabelo ainda molhado, Matt nem percebe. Apenas pula dentro do carro e sai em disparada.

20. Encontro várias bolas velhas de beisebol do Matt na garagem e deixo todas no gramado dos Cantaloni. Assim os garotos vão ter muitas bolas extras caso joguem alguma no matagal.

A sra. Millman segue sua rotina de saídas diárias. Encontro um balão prateado no porão preso a uma vareta de plástico. Há a estampa de uma cara feliz acima das palavras TENHA UM BOM DIA!

Quando a sra. M. sai para jogar mahjong, prendo o balão em um dos seus canteiros de flores (vinte e um). Talvez isso a faça sorrir. Porém, mais tarde, o balão desaparece e há bilhetes pregados em todas as portas: *Reunião importante da vizinhança. Hoje, 19 horas. Temos que investigar a fundo essas pegadinhas. De uma vizinha preocupada com sua segurança, sra. Myrna Millman.*

Mas ninguém aparece. Outros compromissos, muitas ocupações.

– Devem ser só alguns garotos brincando – opina papai, amassando o bilhete e jogando-o no lixo. E acrescenta, balançando a cabeça: – Onde eu cresci, tínhamos tipo uma sra. Millman. A sra. Betty Lunetti.

– Sério? – Eu rio e me sento ao lado dele no balcão da cozinha. – Você nunca me contou isso. Betty Lunetti? Que nome!

– Ahã. Morriamos de medo dela. Sempre usava bobes azuis metálicos no cabelo. E, pensando bem, ela também tinha um poodle. Esse cachorro tão pequeno, mas malvado e reclamão...

– Steve, por favor! – reclama mamãe, abrindo o laptop. – Todo mundo sabe que Myrna Millman não tem nada para fazer além de imaginar essas bobeyras. Concentre-se. Temos que estar no tribunal amanhã cedo.

Apesar de ser oito da noite, mamãe está impecável com um suéter branco sem mangas e calça preta. A jaqueta quadriculada preta e branca pendurada na cadeira. Sapatos pretos de salto alto jogados no chão. Sabe aquelas lojas que só vendem roupas pretas e brancas? Minha mãe garante a venda delas.

Ela é dois centímetros mais baixa do que eu. Quando Matt e eu éramos mais novos e ela se aborrecia com alguma coisa, costumávamos brincar que ela era um metro e cinquenta de brabeza e três centímetros de mãe.

Papai pega uma garrafa de água com gás, senta-se e vira uma página do bloco de anotação.

– Onde estávamos?

Tenho vontade de dizer a eles: *Eu gosto das bobeyras da vizinhança. São muito mais divertidas do que as bobeyras de vocês.*

O telefone de mamãe toca e ela se vira para mim.

– Nina, querida, sei que a gente não tem conversado direito nos últimos dias. Está tudo uma loucura. Encontro você mais tarde, ok? Quero saber tudo sobre as aulas de artes.

– Está bem.

Mas durmo antes de ela aparecer no meu quarto. Se é que ela realmente apareceu.

* * *

No dia seguinte, após o curso de verão, algo atinge suavemente minha nuca enquanto estou abrindo a caixa de correio. Uma maçã cai no chão. Eu me viro. Ninguém. Eu me sento na grama e dou uma olhada nos envelopes. Então outra maçã atinge meu braço.

Eli costumava recolher as maçãs da sua árvore e jogar em mim pelo meio dos arbustos que, feito soldados enfileirados, separam nossos quintais.

Naquela época era engraçado. Eli tem quatorze anos e está quase tão alto quanto os arbustos.

– Estou vendo você – digo calmamente.

Ele passa pelo meio dos arbustos e se senta ao meu lado.

– O que você está fazendo? – pergunta ele.

– Nada de mais.

– Sei que é você.

– Sou eu o quê?

– Tudo isso que está acontecendo aqui.

– Não sei do que você está falando.

Eli se deita, entrelaçando as mãos na barriga. Ele fecha os olhos por causa da luz do sol.

– Já considerei todas as possibilidades. Ninguém mais faria esse tipo de coisa. Só pode ser você.

Baixo a correspondência.

– Você nem me conhece mais.

– Conheço, sim – fala, sorrindo, com os olhos ainda fechados.

Está me provocando. Ele mudou. O que será que aconteceu entre ele e Jorie naquela noite? Estou muito chateada com os dois. Quer dizer, todo esse tempo nós três sempre fomos unidos.

Dou uma boa olhada nele: os pelos na perna, a camiseta larga nos ombros. Bermuda amassada e desbotada. Unhas limpas e curtas. Então, surge uma memória de nós dois nos escondendo nos arbustos, o cabelo castanho dele brilhando no escuro. Meu coração batendo acelerado e alto.

– Está tudo certo – diz ele. – Não vou contar para ninguém.

Ótimo. Obrigada.

Eli se levanta e caminha de volta para casa.

– Minha mãe usa aquelas paradas nos pés todos os dias.

Alcanço uma maçã e a jogo. Sempre tive boa mira. A maçãzinha acerta em cheio o braço dele.

Conto essa como a ação vinte e dois, pois ele ri.

E uma coisa não mudou: a risada dele.

Eli pega a maçã, a joga para cima e a pega novamente.

– Vejo você mais tarde, Garota Misteriosa.



Todas as manhãs a mãe da Jorie nos leva de carro para o curso de verão. Ela usa roupas descoladas, sempre na moda: blusas transparentes de chiffon, calças skinny, sandálias plataforma. Todo dia ela dá algum conselho ao se despedir de Jorie.

“Se alguém te oferecer drogas, se afaste.”

“Não vá ao banheiro sozinha.”

“Escolha uma fruta ou verdura para o lanche.”

Sei que Jorie está doida para fazer justamente o oposto (com exceção da parte das drogas). Porém, todas as manhãs ela responde carinhosamente: “Ok, mãe. Tchau. Te amo.” Em seguida, puxa meu braço em direção ao portão. A mãe dela nos observa pelo retrovisor à medida que o carro vai se afastando.

Chegamos cedo hoje e Jorie se senta comigo no banco do ginásio. Provavelmente porque ainda não viu Savannah/Dakota/Antártica.

Amber, a garota grandona da aula de artes, e Chase, o cara de cabelo espetado, estão sentados no banco oposto ao nosso, comparando seus desenhos de círculos cromáticos. Os dois vestem preto dos pés à cabeça. Um grupo de garotos malhados passa por ali e fala “Aberrações”, rindo. Amber se levanta, faz uma careta e ergue o punho, mas Chase puxa o braço dela. Eles pegam suas coisas e saem. Jorie está vendo o celular, totalmente distraída. Amber e Chase estão na metade do caminho para a saída quando vejo um círculo cromático no chão. Alguém pisa no papel.

Hesito. *Será que eu deveria?* Chase se abaixa para pegar um pacote de salgadinho vazio no chão, que ele joga no lixo. *Sim, eu deveria.* Salto do

banco, alcanço o desenho e corro atrás dos garotos.

– Ei, vocês deixaram isso cair.

Eles ficam apenas me encarando, então entrego o papel para Amber. Minha mão está tremendo um pouco e meu coração bate a cem quilômetros por hora.

– Obrigada – responde com cautela.

Assinto, inclinando o queixo para a frente, e volto para me juntar à Jorie. Sinto todos os olhares fixos em mim, mas não olho para trás. Digo baixinho para mim mesma “Número vinte e três”. Esse foi como pular a cerca que leva a um bairro totalmente desconhecido.

A cabeça da Jorie está inclinada para o lado.

– Por que você fez isso?

– Aqueles círculos cromáticos são parte importante da nossa nota.

– Isso foi... muito legal.

– Não foi nada.

Ela está me encarando.

– Hum, foi muito legal, sim. Eu não teria feito a mesma coisa. Eles são muito esquisitos.

– Eu sei.

Jorie ri.

– Enfim, eu ia te mostrar meu vestido.

Ela dá uma tapinha na tela do celular. Um tomara que caia vermelho muito curto aparece.

– Seu vestido para o quê?

– Para o baile de boas-vindas. Dã.

– Espere aí. Alguém te convidou? – pergunto enquanto penso: “Por favor, não diga Eli. Por favor, diga outro nome.”

Ela nega com a cabeça.

– Ainda não. Mas é só uma questão de tempo. Muitas garotas já foram convidadas. A festa vai ser muito cedo este ano. No meio de setembro.

– Ah.

Não comentam muito sobre o baile nas aulas de artes. Mas falam bastante de piercings. Onde se faz, quantos cabem numa orelha, na sobancelha, e

em outros lugares.

– As pessoas já começaram a falar sobre os grupos – continua Jorie. – Preciso ver com Eli se ele vai querer ir no meu ou no dele. Por mim, tanto faz.

Eli gosta dela e ela gosta dele. Então por que há um nó na *minha* garganta?

– Se Tyler, amigo de Eli, convidar alguém, talvez a gente possa ir com ele e o irmão mais velho dele. Isso não seria o máximo? Nossos pais nem precisariam nos levar à festa.

– Certo – concordo. Ela já planejou tudo.

– Se eu comprar esse vestido vermelho, qual sapato devo usar? Preto sempre funciona, mas pode ser meio sem graça, sabe? Talvez prateado.

– Sim, prateado é legal. – Sinto meu rosto quente. – Prateado é *sensacional*.

Jorie dá uma olhada em outras fotos de vestidos, me mostrando todas: turquesa, amarelo e um enjoativo cor-de-rosa da Barbie.

– Nem sequer consigo decidir se esse é o vestido. É uma escolha importante. Marca sua imagem durante toda a escola, sabe? – Ela olha para mim, hesitante. Moda nunca foi minha praia e Jorie sabe disso. – O que você acha?

– São todos lindos – digo, olhando para ela. *Ela* é linda. Sempre foi. – Você vai ficar maravilhosa em qualquer um deles. – É a mais pura verdade.

No fundo do coração, conto isso como o número vinte e quatro, apesar de não ter sido exatamente anônimo.

Ela aperta meu braço.

– Ah, obrigada. E adivinhe só? Também escolhi um vestido para você.

– Para mim?

Ela mostra a tela do celular.

– Verde, para combinar com seus olhos.

– Jor, é lindo e é claro que eu adoraria ir ao baile. Mas acho que ninguém vai me convidar.

Ela se levanta e cruza os braços.

– Deixe isso comigo – diz, enquanto acena para as garotas da sua turma e se afasta com elas. – A gente conversa sobre isso depois.

– Espere, Jorie...

Ela não escuta. Já está mostrando o celular para Antártica, puxando o cabelo para cima, como se descrevesse um penteado. Jorie tem o plano dela, e eu tenho o meu. Como é possível amar e não gostar dela ao mesmo tempo?



Quando desço do ônibus (Jorie foi para a casa de Antártica), a sra. Bennett está andando pela calçada enquanto Thomas corre em círculos ao redor dela, de capa e com a espada nas mãos. Ela está com seu uniforme azul royal e não desvia os olhos do celular.

– Olá, sra. Bennett – digo.

– Ah, Nina. – Ela parece muito estressada. – Como você está?

– Bem.

– Onde ele *está*? – pergunta ela e suspira fundo. – Nina, posso pedir um grande favor?

– Claro.

– Eli já deveria ter voltado para cuidar do Thomas. Eu tenho plantão e já estou atrasada. Você pode ficar de olho nele até Eli chegar? Sei que deve estar indo para algum lugar com seus amigos.

Hum. Não exatamente.

– Sem problemas – digo.

O rosto da sra. Bennett se ilumina.

– Você pode mesmo? Tem certeza?

– Claro. É tranquilo. Pode deixar.

Ela corre para dentro da garagem e pega a bolsa, procurando algo.

– Não tenho muito dinheiro aqui...

– Não precisa me pagar.

– Não, isso não está certo.

– Você disse que estava atrasada. Podemos resolver isso depois.

– Você salvou minha vida! – exclama ela, suspirando fundo. Depois segura o braço de Thomas e acrescenta: – Fique com Nina até Eli voltar para casa, está bem?

– Está bem!

Seguro a mão dele enquanto ela vai para o carro. Thomas pula e acena.

– Tchau, mamãe!

Então olha para mim com os mesmos olhos escuros do Eli. E muito mais sardas.

– E aí, o que você quer fazer? – pergunto.

Ele larga minha mão e anda até a garagem.

– Dirigir! – grita ele, montando em um triciclo desgastado.

Sorrio. É o triciclo que era do Eli. Lembro quando ele ganhou e aprendeu a pedalar, cheio de orgulho de si mesmo. Ele deu centenas de voltas na nossa rua sem saída. Empurro Thomas para a calçada. Ele começa a pedalar furiosamente.

– Espere! Não atravesse a rua sem mim! – grito, correndo para alcançá-lo, apesar de não ter nenhum carro por perto.

Atravesso a rua ao lado dele, depois viramos à esquerda na esquina da casa dos Dixon.

Thomas para e aponta.

– Casa assustadora.

– Com certeza.

Ele pedala até os Cantaloni.

– Casa do beisebol.

Rio.

– Você tem um nome para cada casa? – pergunto.

Ele assente, sério.

– Você nunca brinca com os Cantaloni? O caçula tem a sua idade, não tem?

– Jordan? Ele tem quatro anos. Mas está sempre brincando com os irmãos.

– Ah.

Thomas aponta para os Millman.

– Casa do cachorro.

Claro. Os Millman têm o único bicho de estimação do bairro. Jorie tinha um hamster e eu já tive um peixinho dourado, mas, enfim, sabe como são essas coisas. Meu peixe não durou muito. Uma experiência traumática para uma criança de cinco anos. Papai me ajudou a enterrá-lo no quintal.

Thomas pedala até o sr. Dembrowski.

– Casa do escuro.

– Por que casa do escuro? – questiono, espiando pelas janelas.

– O homem que mora aí só sai de casa quando está escuro.

– Como você sabe?

– Quando tenho um sonho ruim, eu acordo e gosto de olhar pela janela.

Às vezes vejo o homem dentro do carro dele.

A casa parece calma como sempre. Começo a imaginar o pior: ele é um bandido? Leva uma vida dupla? Quando a polícia finalmente pegá-lo, todos nós vamos dizer que ele costumava plantar flores, mas que nunca soubemos direito quem era ele. Mas, espere... E se for algo normal, como o D., que trabalha à noite e dorme de dia?

Thomas segue até a casa da Jorie.

– Casa engraçada.

Ele sorri e tapa a boca com a mão.

– Por quê?

– A garota daí é toda engraçadinha com Eli.

Verdade absoluta.

– E essa?

Indico a da sra. Chung.

– Casa da perna quebrada.

Observo as luzes de Natal.

– Eu queria saber como quebrou a perna.

– Caindo de uma escada.

– Você sabe de tudo, não é? – falo, sorrindo.

Paramos na frente da minha casa e Thomas balança a cabeça. Ele mapeou o bairro inteiro.

– Você mora na casa do bem. Porque você é do bem.

- Você é um menininho esperto, Thomas.
- Eu não sou um menininho. Sou grande.
- Ah, me desculpe. E como você chama a sua casa?

Ele desce do triciclo e tira o cabelo dos olhos.

- Da confusão. Casa da confusão.

Eu me ajoelho na frente dele.

- Por quê? – questiono.

Ela balança a cabeça.

- Não posso contar.

Empurramos o triciclo para dentro da garagem. Eli ainda não chegou.

- Thomas, quer ir ao parque?

- Você me leva no carrinho?

- Claro.

Thomas sobe no carrinho e o puxo para fora da garagem. Eu deveria avisar ao Eli, mas não tenho o telefone dele. Pego uma folha do meu caderno de desenho, rabisco um recado e deixo na porta. Depois fecho o portão da garagem e corro por baixo enquanto ele está baixando.

Ali perto há um parque minúsculo e sem graça com três balanços, um trepa-trepa e uma pequena parede de escalada. Mas, para Thomas, o parquinho é um universo totalmente novo na luta contra o mal.

Assim que chegamos lá, ele começa a inventar um monte de histórias com heróis e bandidos, incluindo efeitos sonoros de explosões e batalhas.

Ele está correndo por uma ponte que liga duas paredes de escalada quando sua capa prende em um pedaço de madeira e rasga.

- Ah, não! – grita ele.

Escalo a parede e solto a capa dele. Tem um rasgo bem no meio. Thomas começa a chorar.

Não sei direito o que fazer, mas ele se agarra em mim, e eu o abraço e afago seu cabelo macio, murmurando que está tudo bem.

– Não está, não – retruca ele, se afastando. – Não dá para combater os bandidos com uma capa rasgada – justifica ele com tristeza.

- E se eu disser que conheço alguém que pode consertar sua capa?

Ele seca a bochecha com as costas da mão.

– Quem?

– Uma pessoa. Você me empresta a capa?

Ele pisca.

– Talvez.

– Empresta, vai! – peço. – Agora vamos voltar.

Thomas sobe no carrinho, com a capa rasgada e tudo. Ele olha para mim.

– Mas o que posso usar enquanto isso?

– Vamos dar um jeito.

Quando voltamos, Eli ainda não está em casa. Sinto um frio na barriga. E se tiver acontecido alguma coisa com ele?

Vamos até minha casa e, enquanto Thomas se distrai comparando seu pé com o sapato 44 de Matt, eu desamarro a capa. Até eu preciso admitir que algo parece estranho quando ele fica sem a capa. Encontro uma fronha de travesseiro velha e amarro ao redor do seu pescoço. Ele parece contente. Depois suspira de cansaço, como as crianças costumam fazer, vai até o sofá e dorme.

Foram tantas boas coisas em um único dia.

25. Cuidei do Thomas. 26. Levei ele ao parquinho. 27. Consolei ele. 28. Encontrei uma capa substituta.

Estou muito adiantada.



Minha avó me ensinou a costurar. Uma Simples Verdade: costurar pode quebrar um galho.

Para mim, vovó era uma senhora gordinha fofa que me ensinou como molhar uma linha com a ponta da língua para que fique mais fácil passá-la pelo buraco da agulha. Mas, para mamãe, ela era uma irritação constante. Elas nunca se deram bem. E como poderiam? Uma era a alegre construtora de lares acolhedores e outra uma advogada de divórcios durona. Eram como as duas pontas opostas da História das mulheres. Talvez mamãe tenha sido adotada e nunca contou a ninguém.

Porém, ela guardou a cesta de costura da vovó. Isso me dá esperança de que minha mãe tenha amado a mãe dela pelo menos um pouquinho. Mesmo que a cesta esteja muito bem escondida em um armário da cozinha e não seja usada há muito tempo. Quando eu a pego, parece até que vovó está na sala. A cesta está repleta de coisas que ninguém que eu conheço tem: dedais prateados brilhantes, fitas rendadas enroladas num círculo de papelão, um arco-íris de linhas coloridas, agulhas de diferentes tamanhos presas no interior da tampa. E botões. Uma caixa inteira deles. Eu os acho fascinantes: simples, mas essenciais. Pequenos e arredondados. De tecido, metal, plástico. De dois furos, quatro furos, e, alguns, com um pequeno gancho na base, que são os mais difíceis de usar para costurar.

Mamãe nunca usa a cesta. Se ela precisa remendar uma calça ou pregar um botão, leva a roupa numa costureira. Vovó me contou que tentou ensinar minha mãe a costurar quando era pequena, mas ela não tinha paciência.

Dou uma olhada em Thomas, que ainda parece estar dormindo. Há uma mancha molhada no sofá onde ele babou.

Preparo uma agulha com linha preta e estico a capa no colo. Dou um nó na ponta da linha e passo a agulha pelo tecido, escondendo o nó na parte de dentro. Em seguida faço pontos pequenos e simétricos, como vovó me ensinou. Para dentro, para fora, repete. Vou consertando o rasgo, que lentamente some com os pontos. Tenho que parar por um segundo quando me lembro de vovó sentada na poltrona, costurando, com um bolo de cenoura no forno. Noz-moscada. Açúcar mascavo. Canela. O cheiro invadindo o apartamento dela. SV: Cenouras fazem bem para os olhos. E para o coração.

Íamos muito lá para jantar no domingo. Para mim, a sensação era a de ser enrolada em um cobertor macio e quentinho. Papai e Matt sempre se animavam com a visita. Vovó era ótima cozinheira. Mas mamãe comprimia os lábios com força o tempo inteiro. Enquanto voltávamos de carro para casa, ela comentava sobre o que a vovó havia dito, não dito, ou o que deveria ter dito, e eu não entendia o propósito de nada daquilo.

Quando termino de costurar, faço um nó duplo apertado na ponta da linha e ergo a capa. Parece que tem uma cicatriz no meio. Espero que Thomas goste assim.

Ele está respirando pela boca enquanto dorme. As bochechas estão rosadas e os cílios meio grudados por causa do choro. Esfrego com delicadeza suas costas. Sinto sua pele morna através da fronha. Ele faz um barulho, um suspiro. Pela primeira vez, me sinto um pouco maternal.

Número vinte e nove.

Foi um grande dia.

Fecho a cesta de costura. Quando vovó ficou fraca, ela não conseguia mais fazer coisas normais sozinha. Como escrever. Segurar uma colher. O mais difícil foi quando ela não conseguiu mais costurar.

Só percebo que estou chorando quando uma lágrima cai na fronha.



Eli aparece para buscar Thomas, mas não diz onde esteve. Ele parece bravo e passa direto por mim. Talvez eu não devesse perguntar nada, mas não resisto.

– Você está bem?

Ele me olha de relance, vai até o sofá e sacode gentilmente o ombro de Thomas.

Eu o sigo.

– Quer dizer, sua mãe estava preocupada.

Ele se vira e parece suado. No cotovelo há um arranhão recente, como se tivesse parado de sangrar poucos minutos atrás.

– Estou *bem*.

– Mesmo?

– Sim. – Ele pega a capa e coloca Thomas, ainda sonolento, no colo. – *Sim*, estou bem, ok?

– Claro – digo, olhando de relance para o seu cotovelo. E tenho certeza de que ele percebe.

Eli vai para a porta com o irmão nos braços. Nesse momento, ele parece um pai: com a cabeça de Thomas apoiada no ombro, uma mãozinha agarrando sua camisa branca, pernas balançando perto dos quadris dele. Percebo que gosto muito desse seu lado. De como ele cuida bem de Thomas. De como é protetor. O irmão mais velho de que todos precisam.

– Você não tem que se preocupar comigo – diz ele com rispidez. – *Ok?*

– Ok – respondo, desamarrando a fronha do pescoço de Thomas.

– Obrigado por cuidar dele.

– Sem problemas.

Observo Eli seguir para casa carregando Thomas e a capa, como se tentasse manter tudo em equilíbrio. Definitivamente precisa de alguém que se preocupe com ele.

Minha casa parece solitária sem Thomas dormindo no sofá. Pego um dos livros que quero ler no verão, *O alquimista*, leio as primeiras cinco páginas e de repente me sinto totalmente perdida. Escuto Matt abrir a porta. Eu nem sequer sabia que ele estava em casa.

Ele desce saltitando pela escada, tira o fone e pergunta:

– Ei. E aí?

– Nada. – Deixo o livro de lado. – Tudo.

Surpresa. Ele se senta ao meu lado no sofá.

– Você está com a mesma cara de quando seu peixinho-dourado morreu – diz.

– Estou?

Ele aponta para o livro.

– Eu me lembro desse – diz ele. – Nunca entendi.

– Ah, que ótimo – respondo.

– Estou te devendo um jogo de cartas, não estou?

– Você não tem que ir para algum lugar? Para o trabalho, por exemplo?

– Daqui a meia hora.

Matt entra na cozinha, pega um baralho na gaveta, depois volta e começa a embaralhar com rapidez e precisão. Feito um profissional.

– Quando foi que você ficou tão bom nisso?

Ele dá de ombros, começa a distribuir as cartas e pergunta:

– Guerra de cartas?

– Pode ser. E vou ganhar dessa vez.

Ele ri e em cerca de quinze minutos eu só estou com duas cartas baixas e um rei solitário.

– Não entendo como você sempre ganha – resmungo. – Você tem alguma estratégia secreta?

– Tenho sorte – justifica, esticando os braços e estalando os dedos.

Mais algumas cartas, uma última disputa, e acabamos.

– Este foi o jogo mais rápido de todos – digo.

Observo o rosto de Matt. É a primeira vez que jogamos desde que vovó morreu. Será que ele não lembra o que aconteceu? É difícil dizer. Já faz algum tempo que ele guarda tudo para si.

Ele embaralha as cartas mais uma vez e pergunta:

– Você sabe jogar pôquer?

– Hã-hã. Ninguém nunca me ensinou.

– *O quê?* Temos que mudar isso. – Ele distribui algumas cartas, coloca as que sobram no meio da mesa e vira a primeira carta para cima. – Então, o que você precisa fazer é procurar pares ou sequências, que são chamadas de straights.

– Eu tenho duas rainhas.

– Isso é ótimo.

– Espere aí. O que você tem? Será que ganhei de você uma vez na vida?

– É, você ganhou – responde Matt, rindo, enquanto confere as próprias cartas. – Nada mal para alguém que nunca jogou pôquer. – Ele olha para o relógio da cozinha. – Ah, droga, preciso ir.

Ele se levanta e me encara por um longo segundo.

– O que foi? – pergunto.

– Isso foi divertido.

Acho que ele vai dizer mais alguma coisa, mas ele já saiu pela porta. Entrou no jipe. E evaporou.

A piscina fecha às sete. Para onde ele vai depois do trabalho? Por favor, não me diga que é algo parecido com a vez em que ele se encrencou na escola.

Mais tarde, quando mamãe e papai chegam e espalham suas coisas pela mesa, eu me sento ao lado deles. Outros pais poderiam entender que isso significa que eu quero conversar. Que talvez isso seja um gesto pequeno, mas importante, da filha adolescente. *Olá, estou aqui.* Mas eles mal levantam os olhos. Dizem poucas palavras dispersas.

– Tudo bem? – diz papai.

– Seu cabelo está comprido. Você precisa cortar – diz mamãe.

– Então. Como está o caso? – pergunto.

– Só um segundo – responde papai, folheando as páginas do bloco de anotação, mas depois se vira para mamãe, e diz: – Temos que correr atrás da casa na Flórida.

– Claro.

– Caramba, a das Bermudas também – acrescenta ele e ri.

Mamãe concorda.

– Não que a gente vá conseguir.

Sirvo limonada para mim e me sento num banco do balcão.

– Matt me ensinou pôquer hoje. Vocês querem jogar uma partida quando acabarem aí?

Papai entrega um documento para mamãe.

– Claro. Daqui a pouco – diz ele.

– Você já terminou de ler isso aqui? – pergunta ela.

– Pôqueeeeeer – insisto, sacudindo a limonada enquanto giro no banco.

Papai sorri.

– Você costumava girar desse jeito quando era pequena e não gostava do que tinha para jantar.

Mamãe anota algo e diz:

– Nina, querida, só mais um minuto...

– Ah, estou interrompendo o show dos advogados?

Ela tira os óculos de leitura e olha para mim. Finalmente.

– Não estamos ignorando você. Só estamos preocupados. A mídia está acompanhando o caso. Você nem acredita em tudo o que está acontecendo. É muito emocionante. O tipo de caso que eu sempre quis ter.

– É como estar no topo de uma montanha – completa papai.

Claro.

Mamãe cruza as pernas e fala sem parar, tentando compensar o tempo perdido:

– Como estão as aulas de artes? Como estão seus amigos do time de basquete? Jorie está bem? Vamos almoçar juntos quando tudo isso terminar, ok? Vamos te recompensar. – Ela tamborila a ponta dos dedos na mesa. – Podemos ir ao shopping. Você pode escolher alguns conjuntos legais para usar na escola.

– Ninguém mais usa conjuntos, mãe.

Ela dá um sorrisinho.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Claro.

Ela pega o telefone e comenta:

– Matt não respondeu minha mensagem.

– Ele tem dezoito anos. O que você esperava? – Papai dá de ombros. – Pode ir se acostumando, mês que vem ele vai estar longe daqui, na faculdade.

Mamãe se levanta e estica os braços acima da cabeça. Não sei como vê, afinal está tão *preocupada* e tal, mas suas sobrancelhas se franzem e seus lábios se comprimem quando ela pergunta:

– Por que isso está aqui fora?

A cesta de costura ficou em cima do balcão. Grande erro.

– Precisei costurar hoje – digo, como se não fosse nada de mais, então me levanto e guardo a cesta de volta no armário.

Pronto, sumiu. Mas, ainda assim, Erica Gentil não parece estar nos seus dias mais gentis. Ela cerra o punho. As unhas vermelhas cravam na pele. Ai.

– Toda vez que vejo aquilo – diz ela –, aquela cesta floral, vejo também minha mãe de vestido floral sem graça, sentada na poltrona, *costurando*.

Tenho vontade de perguntar: “E qual é o problema?”, mas já imagino qual seria a resposta.

E lá vem.

Mamãe imita a voz da vovó:

– Toda menina deveria saber costurar, Erica. – Ela afunda na cadeira. – Vai saber onde eu estaria se tivesse seguido os conselhos dela.

Papai olha para minha mãe, depois se vira para mim e pergunta:

– O que você estava costurando?

– Uma coisa.

Ele sorri.

– Acho legal que você costure. Poucas garotas hoje em dia sabem fazer isso.

Mamãe toma um gole de água, depois coloca a garrafa com força na mesa, derramando nos papéis.

– Ah, que maravilha! – grita ela.

Corro para pegar papel toalha.

Papai ergue os papéis com uma das mãos e segura o braço da mamãe com a outra.

– Você está bem?

– Estou ótima.

– Erica, quando acabarmos esse caso, deveríamos aceitar a oferta do meu irmão e passar alguns dias na casa de campo deles. Tirar uns dias de folga.

Mamãe amassa o papel toalha úmido e depois joga no lixo.

– Não consigo pensar nisso agora.

Eles se entreolham e de repente sinto que estou sobrando.

– Acho que vou subir – digo.

Mamãe dá um tapinha no meu braço. Papai joga um beijo no ar.

Eles nunca foram de dar abraços, como os pais da Jorie. Pelo menos liam uma história antes de dormir. Papai fazia vozes engraçadas, e mamãe desembaraçava meu cabelo. Mas eu cresci. E tudo o mais aconteceu. As coisas mudaram.

No meu quarto, diminuo a intensidade da luz e depois paro e fico observando a casa do sr. Dembrowski. Parece igual.

Quase todas as casas da nossa rua estão apagadas. Há poucas luzes em quartos isolados, o brilho azulado de uma TV. Aquela árvore grande dos Millman balançando com a brisa. Um pedaço de papel voando pelo quintal dos Cantaloni. Camisas que saíram da lavanderia foram deixadas dentro de uma sacola plástica na maçaneta da porta da casa de Jorie.

Então vejo um flash de luz vindo dos Dixon.

Será que alguém está lá?

Um corretor? Ladrões?... A *kumiho*?

A luz parece se mover um pouco, depois some. Continuo olhando por mais alguns minutos, com o coração acelerado. A casa continua na escuridão.

Quando finalmente consigo me afastar da janela, pesquiso *kumiho* na internet. O significado literal da palavra é “raposa de nove rabos”. Há diferentes versões da lenda coreana. A maioria diz que uma *kumiho* é uma raposa de mil anos, com nove rabos e que consegue se transformar numa mulher má, mas muito bonita. Algumas vezes uma *kumiho* é capaz de convencer um homem a se casar com ela. Outras, elas ficam de espreita na floresta, comendo fígados humanos.

Legal. Espero que essa não seja uma história de ninar para as crianças da Coreia.

Porém, em lugar algum está escrito que uma *kumiho* tem o poder de acender as luzes de uma casa vazia.



Na aula de artes do dia seguinte, terminamos as figuras abstratas de argila para que possam ser queimadas. Figuras abstratas são ótimas: ninguém precisa adivinhar o que eu fiz. Depois temos que formar uma dupla. Uma das crueldades recorrentes dos professores. Será que eles não percebem como são essas coisas? Quem já se conhece forma duplas em um segundo (Amber e Chase, que eu conhecia), e então sobram pessoas aleatórias que evitam umas às outras.

Eu sou uma dessas pessoas aleatórias.

Engulo em seco. Olho ao redor. Um breve momento de pânico. Depois, alívio. Faço contato visual com Sariah. O que é útil, afinal o exercício é desenhar os olhos da outra pessoa. Os dela são castanho-escuros e lembram uma fonte de chocolate. Fico feliz em ver que ela tem piercings normais, só mais um furo ao lado dos brincos.

Sariah e eu nos encaramos, uma mesa diante da outra, segurando nossos cadernos. Em menos de dez minutos ela desenhrou detalhadamente meu olho, incluindo pálpebras e cílios.

– Como você fez tão rápido? – pergunto.

Eu ainda estou nos esboços. A Sariah do meu papel nem sequer tem pupila. Ela dá de ombros.

– Você é boa nisso – acrescento.

– Obrigada.

– Meu olho é assim mesmo?

Sem parar de desenhar, ela assente.

Sariah desenhou olhos no formato de uma amêndoa, cílios longos e pequenas manchas na parte verde. Talvez haja algo em mim que realmente seja bonito.

Hora do intervalo. Começo a limpar meus materiais. Um dos meus lápis rola para fora da mesa e pelo chão, como se estivesse fugindo. A bota de alguém o segura. Chase pega o lápis e me entrega. Durante uma fração de segundo desconfortável a gente se olha, cada um segurando uma das extremidades do lápis.

Então joga o lápis na bolsa.

– Obrigada.

Chase sorri. Uma lasquinha no seu dente da frente quebrou.

– *De nada* – diz ele, forçando o sotaque espanhol.

Algo bem pequeno. Mas, ao mesmo tempo, grande.

Sariah e eu nos sentamos juntas nos degraus do refeitório. Eu me sinto uma baixinha perto dela.

– Qual a sua altura? – pergunto.

Ela olha para baixo e sorri, exibindo o aparelho prateado nos dentes.

– 1,73.

Jorie ainda não notou minha ausência. Um garoto de bermuda xadrez agarra a garrafa de água dela e a joga para outro menino. Ela tenta pegar (pulando alto de um jeito que sua blusa levanta, deixando sua barriga à mostra), mas eles estão jogando para lá e para cá. Ela se senta, cruza os braços e faz beicinho, fingindo estar chateada, por isso o garoto de bermuda devolve a garrafa a ela. Fazer beicinho funciona, pelo menos para Jorie. Ele se ajoelha na frente dela, como se pedisse desculpas. De onde estou, escuto ela rir enquanto bagunça o cabelo do garoto.

Espera aí. E Eli? Por que ela está dando em cima desse menino? Às vezes não entendo Jorie.

– Então – digo, me virando para Sariah.

Ela tira um biscoito do pacote e dá mordidinhas nas beiradas. Descubro que ela fez o ensino fundamental em outra escola. Que ela dança. Ri bastante. Coleciona sapos de plástico, metal e vidro.

– Tenho cento e dois – conta ela.

– Uau. Quantos sapos.

– Ahã. Tenho duas prateleiras cheias de sapos no meu quarto – acrescenta ela, limpando os farelos de biscoito dos dedos. – Você sabia que os sapos não bebem água? Eles absorvem pela pele.

– Não, não sabia – digo, rindo. E dou uma cutucada nela. – Essa conversa está ficando cada vez mais esquisita.

Mas Sariah responde, muito séria:

– Sapos são fascinantes. Alguns cientistas acham que suco de sapo é capaz de curar doenças.

Ergo as sobrancelhas.

– Suco de sapo?

Ela assente.

– A química da pele deles. As pessoas podem criar remédios com isso.

Se ela está dizendo...

– Você sabia que existem milhares de espécies de sapos no mundo? – continua ela.

– Hum, não.

Pelo canto do olho, vejo Jorie se sentar no colo do garoto de bermuda, rindo de forma histérica. A risada verdadeira dela, não a forçada que deu quando estava com Eli. Sinto um embrulho no estômago.

– Biscoito? – oferece.

Pego uma maçã na bolsa.

– Não, obrigada.

Sariah desvia o olhar. Talvez a tenha magoado por não me interessar tanto por sapos. Mas, fala sério, é um assunto um pouco esquisito. Toco o braço dela e digo:

– Seus desenhos são incríveis. Você é muito talentosa.

Ela sorri.

– Obrigada.

Número trinta.

Jorie está rindo. Sariah continua mastigando. Tenho a sensação de ter mudado de lado. E não tenho certeza de que fiz bem. Mas o lado de lá também não parecia certo. Então para onde eu deveria ir?



Duas pessoas me disseram que tenho uma alma antiga. O sr. Pontello e vovó.

Isso não é tão assustador quanto parece.

Quem tem “alma antiga” é alguém espiritualizado, com mais sabedoria do que as outras pessoas da mesma idade. Uma alma que teve outras vidas. Uma pessoa que entende que tudo no universo está entrelaçado.

Primeiro foi o sr. Pontello. Nas aulas, havia momentos em que ele discursava sobre a Segunda Guerra Mundial ou sobre o Vietnã e eu entendia tudo num nível mais profundo, mais do que só os fatos e os dados de que precisávamos saber para a prova. Os outros alunos cochilavam durante a aula e riam das botas de caubói e do cabelo raspado do professor, mas ele me faz amar História. Ele me mostrou como podemos aprender com nossos erros. Nas margens da última redação que fiz naquele ano, o sr. Pontello escreveu: “Você tem uma alma antiga.”

Vovó me disse a mesma coisa quando me ensinou a costurar. Ela falou que percebia isso pelos pontos que eu fazia no tecido.

Ela comentou que eram muito simétricos e alinhados para alguém tão jovem e que eu parecia muito confortável mexendo com agulhas e linhas.

“Mas só tenho dez anos”, retruquei.

“Não se preocupe, isso é bom.” Ela aproximou ainda mais os olhos da toalha de mesa que estava remendando. “É muito bom.”

“Eu não entendo.”

“Um dia vai entender. Alguma coisa vai acontecer.”

Almas antigas, vovó me explicou, podem não ser as pessoas mais alegres e despreocupadas que existem, mas têm uma chama no coração que fica acesa por um bom tempo.

Aquilo pareceu um pouco assustador. E me fez lembrar do coração brilhante do E.T. no filme.

Mas já comecei a entender. E eu gostaria de poder contar a ela. Algo aconteceu no dia que plantei os cravos da sra. Chung.



Quando desço do ônibus, vejo que o sr. Millman está ajudando a sra. Cantaloni a descarregar várias sacolas de mercado abarrotadas da parte de trás da minivan.

De pé, do meio da rua, observo o sr. Millman segurar duas sacolas em cada mão e seguir a sra. Cantaloni para dentro de casa. Ela engordou tanto que anda rebolando. Ele volta assobiando para buscar as sacolas restantes.

Espera um pouco. Assobiando? Será que meus pequenos esforços estão atingindo mais uma pessoa? Talvez fazer o bem seja tão contagioso quanto bocejos.

Talvez para o sr. Millman, mas não para a sra. Millman, que está parada na entrada da garagem, segurando Beanie em uma coleira curta, batendo o pé com sua pantufa bege no chão. Quando ele termina de descarregar as sacolas, se aproxima dela, que resmunga:

– Não lembro qual foi a última vez que você *me* ajudou com as compras.

– E a culpa é minha se você só vai ao mercado enquanto estou trabalhando?

– E que história é essa dos charutos? – dispara ela. – Você vai ter um câncer de língua.

O sr. Millman encara os próprios sapatos e retruca:

– Myrna, viva um pouco.

– Eu vivo o suficiente, muito obrigada!

Durante todo esse tempo, Beanie fica esticando a coleira, farejando algo. De repente, a cadela se solta e dispara para o matagal dos Dixon.

A sra. Chung se aproxima, descendo a calçada depressa, apoiando-se nas muletas.

O matagal se mexe onde Beanie deve estar fuçando. A sra. Millman corre até a beirada e grita:

– Beanie, querida! Saia já daí! – Ela fica na ponta dos pés e continua: – Stan! Faça alguma coisa!

– O que você quer que eu faça?

Ele exhibe um sorrisinho. Acho que está adorando isso tudo.

A sra. Chung se aproxima da sra. Millman no mesmo instante em que Beanie sai correndo do matagal, soltando um ganido horrível de dor.

– Ela está sangrando! – exclama a sra. Millman.

Eu sabia que isso ia acontecer.

– *Kumiho* – diz a sra. Chung, balançando a cabeça. – Tem raposa nesse mato. Ela espera. Espreita.

– Sobre o que você está falando? – pergunta a sra. Millman, pegando Beanie no colo, enquanto a cadela gane de dor. – Stan! Me leve ao veterinário! *Alguma coisa* mordeu Beanie! Esse lugar é um perigo.

Ele se aproxima da garagem e diz:

– Vamos!

Thomas, na frente de casa, ergue a espada. Jack Cantaloni e os irmãos correm para fora enquanto os Millman entram no carro e saem. A sra. Chung continua encarando o matagal, balançando a cabeça.

Um segundo depois, os meninos arremessaram mais uma bola no meio do mato. Será que ainda não aprenderam a não arremessar tão longe? Por outro lado, a bola cairia no quintal da sra. Millman. Que boas escolhas. Matagal com uma *kumiho* ou a mulher maluca do bairro.

A sra. Chung se vira e sai andando na direção da própria casa.

– Mau sinal – diz ela.

Os garotos apenas a encaram.

Precisamos de uma boa coisa. Neste exato minuto.

Eu me aproximo da sra. Chung.

– Segundo algumas lendas, as raposas são espertas e podem ser guardiãs fiéis – comento. – Podem tomar conta de todos, sabe.

– Onde você escutou isso?

– Li na internet.

– E por isso acredita? – retruca ela, seguindo seu caminho.

Bem, eu tentei.

– Pode pegar a bola? – pergunta Jack. – Você viu onde caiu?

– Vi.

Encontro a bola e a arremesso para ele. O que pode ter mordido Beanie? Não vejo nem escuto nada. Talvez uma aranha.

Jordan joga a luva para o alto. Jack agradece e dá uma cotovelada no irmão do meio.

– Jeremy, vá para o meio do campo. Vou bater dessa vez. Jordan, você rebate.

Thomas ainda está na frente de casa.

– Ei, meninos, quem está pegando os arremessos? – pergunto.

Jack dá de ombros.

– Não temos ninguém para fazer isso.

– Thomas? – Eu aceno. – Estão precisando de alguém no jogo.

Ele se aproxima de nós, hesitante.

Jack avalia o menino.

– Você consegue pegar os arremessos?

Thomas coloca a espada no chão.

– Ahã.

– Ok. – Jack aponta para um lugar específico. – Fique bem aqui.

Os olhos castanhos de Thomas estão brilhando. Trinta e um.



A pequena chama no meu coração está ficando mais forte.

32. Gasto 2,17 dólares das minhas economias para comprar um osso com uma aparência apetitosa para Beanie. A pobre cadela definitivamente foi mordida por alguma coisa e ainda precisa conviver com a sra. Millman. Deixo o osso no degrau da entrada da casa deles.

33. Embrulho duas fatias de pão de banana e deixo para o sr. Dembrowski. A sra. Bennett fez uma fornada como agradecimento por eu ter cuidado do Thomas no outro dia. E ninguém além de mim está comendo mesmo.

34. Mamãe tem cerca de quinze frascos de hidratante fechados no banheiro, praticamente um pequeno depósito de produtos de beleza. Ela não é capaz de usar todos. Por isso, coloco uma laço em volta de um deles e entrego para Jack Cantaloni.

– Acho que sua mãe ia gostar de uma massagem nos pés – digo para ele.

O sr. C. sempre chega em casa tarde. E viaja muito a trabalho. Jack olha para mim como se eu fosse tão maluca quanto a sra. Millman. Ele desenrosca a tampa, sente o cheiro e depois aperta o frasco. Um pouco de creme pula para fora e cai no sapato dele.

– Eca! – resmunga o menino.

Também tem hidratante nas mãos dele. O tiro saiu pela culatra.

– Talvez eu devesse pegar isso de volta – digo.

Ele me entrega o pote, corre para dentro de casa e grita:

– Mãe! Meus sapatos estão cheios de gosma cheirosa de menina!

Será que também dá para contar uma tentativa?

Por falar na sra. Millman, Beanie está usando no pescoço um daqueles cones para cachorro em forma de luminária. Tiveram que raspar o pelo das suas costas e dar cinco pontos por causa do que a sra. Millman chamou de “o ataque”. Ela ligou para o serviço de controle de animais, mas disseram que não poderiam colocar nenhuma armadilha, pois não tem ninguém morando na casa dos Dixon para autorizar.

Eli não tem aparecido muito. Mas Jorie continua fazendo planos para o baile de boas-vindas e me chama para ir ao shopping com ela.

– Quero te mostrar o vestido – diz.

Acho que ela brigou com Antártica. A mãe de Jorie nos deixa no shopping.

– Não largue a bolsa no provador se você tiver que sair para pegar um tamanho diferente – aconselha ela, enquanto descemos do carro.

Jorie revira os olhos azul-claros, da cor de uma calça jeans desbotada.

– Tchau, mãe. Te amo. – Ela entrelaça o braço no meu e suspira, feliz. – Amo shopping.

Caio na gargalhada. Jorie está na sua segunda casa.

Entramos numa loja com música muito alta, onde uma garota falsamente simpática nos entrega cupons e espalha um jato de perfume em nós. Jorie leva uma dúzia de vestidos para o provador. As cores são Marrocos e Miami (vermelho e amarelo). Jorie sai e desfila cada um deles para mim.

– Qual penteado combina com esse? E qual sapato? O que combina com amarelo? O vermelho me deixa com mais peito, não acha? Você sabe qual é a cor favorita do Eli? O garoto precisa usar a gravata da mesma cor do vestido da menina. Eu deveria descartar o Miami. Eli não ia querer usar gravata amarela.

– Você não vai me deixar responder, Jor? – pergunto, sorrindo para ela através do espelho.

– Qual é o seu favorito?

Ainda tem resto do esmalte cor-de-rosa que ela passou semanas atrás nas minhas unhas. Mostro-as para ela e digo:

– Eu sou rosa, você é vermelho.

– Você tem toda a razão. Só quero experimentar também aquele roxo – diz Jorie, entrando de volta no provador.

Dou uma volta na loja, tentando evitar a garota do perfume (que não se lembra de já ter passado em mim), e vejo Sariah com uma mulher que deve ser a mãe dela.

Ops. Não quero mais ouvir nada sobre sapos. E se eu cumprimentar Sariah e Jorie nos vir conversando, sei que ela vai dar aquele sorrisinho com o canto da boca. Um sorriso que pergunta *Quem é ela?*. Eu me transformo numa pessoa não muito legal e finjo estar muito concentrada observando uma pilha de regatas.

Isso apaga, sei lá, cerca de dez boas coisas.

Por sorte, Sariah e a mãe saem da loja. Acho que ela não me viu. Se viu, também notou Jorie vindo na minha direção com um vestido roxo esvoaçante (Maui) e entendeu tudo.

Então vejo algo. Um vestido. Pego ele. Azul. Nem mesmo azul de verdade, mas um leve toque do azul mais claro que dá para imaginar. Preciso buscar palavras no meu vocabulário para descrevê-lo. Palavras como “celeste” e “etéreo”. Se eu fosse ao baile, não teria que provar uma dúzia de vestidos. Seria esse aqui. Caso me convidassem. O que é improvável. Praticamente impossível.

No caminho para casa, no banco de trás do carro, Jorie se vira para mim.

– Tenho uma pergunta séria. Por que você nunca responde as minhas mensagens? Está me ignorando ou algo do tipo?

– É o meu celular. Está possuído. Nem sempre as mensagens chegam para mim.

– Nina Ross. Como você consegue viver sem celular? Às vezes não *entendo* você.

Eu sei.

– Mas – acrescenta ela, apoiando a cabeça no meu ombro – eu te amo.

Eu sei.

– Você se lembra daquela vez no acampamento quando pulamos juntas do penhasco naquele lago congelante? – pergunta ela.

– Juntas? Você me obrigou a fazer isso.

– Eu precisava! Era a única maneira de fazer você pular.

– Nós gritamos do início ao fim.

Ao cair no lago, achei que fosse me afogar. Afundei tanto na água assustadoramente fria que pensei *É assim que vou morrer*. Jorie agarrou meu braço e me puxou para a superfície. Depois me entregou uma toalha, me enrolou nela e esfregou minhas costas até eu parar de bater os dentes.

Ela ergue a cabeça.

– Foi um dia divertido. Um dos nossos melhores momentos.

– Jor.

Eu pisco e uma lágrima escorre, então me inclino na direção dela, que segura minha mão.

Por uma fração de segundo das nossas vidas, estamos realmente conectadas.

– Também te amo – murmuro.

Ela fecha os olhos.

– É difícil. Muito esforço. Estar *por dentro* o tempo todo...

Penso no aniversário de sete anos dela. E no seu novo grupo de amigos. No garoto de bermuda xadrez jogando sua garrafa de água.

– Então não faça tanto esforço – digo. – Apenas seja você mesma. Lembra? Não precisa tentar ser outra pessoa.

Jorie nega com a cabeça.

– Mas eu quero.

Entramos na nossa rua e o momento passa.

– Olhe! – exclama Jorie.

Eli está jogando basquete sozinho na frente de casa. Sem camisa.

– Ai, meu Deus – diz ela, suspirando.

Tenho que concordar.

– Mãe, deixa a gente aqui.

Jorie tira o cinto e pula para o banco do carona. A mãe dela para o carro, Jorie sai e grita “ei!” para chamar Eli. Com aquela voz, ela consegue dar um significado totalmente novo para “ei”. Será que vou atrás dela? Ou fico sentada no carro? Agora não tem uma pilha de regatas atrás da qual eu possa me esconder.

– Você vai descer? – pergunta a mãe de Jorie.

– Hum.

– Vou parar na nossa garagem – oferece ela.

– Ok. Obrigada.

Acho que essa foi uma boa ação dela. De uma maneira meio esquisita.

– Gostei da sua blusa – comento. – Essa cor fica muito bem em você.

Ela sorri para mim pelo retrovisor.

– É mesmo? Fiquei na dúvida se era jovem demais para mim.

– Não, é linda.

Ela desce do carro e aperta meu braço.

– Obrigada por perceber – diz.

Certo, essa foi a número trinta e cinco.

Passei da metade da minha meta de sessenta e cinco boas ações. Algumas não foram exatamente anônimas, mas quem disse que não posso mudar as regras no meio do processo? O plano é meu, certo?



Estou andando até minha casa, tentando não olhar para Jorie e Eli, quando Thomas vem correndo com sua capa remendada. Eu me ajoelho e ele quase me derruba com um abraço forte.

– A capa ainda funciona? – pergunto.

– Funciona! Mas quem consertou?

Sorrio para ele.

– Um conhecido meu que tem superpoderes.

Eu poderia consertar muitas outras coisas se ao menos isso fosse verdade.

– Quem? – insiste ele.

– Uma pessoa que tenta ser legal – sussurro – e derrotar os inimigos, assim como você. – Ele assente. – Então, está pegando muitos criminosos?

Ele mostra o muque.

– Ahã! Há muitos bandidos por aqui. Mas eu sou durão!

Aperto o braço dele e concordo.

– Com certeza!

Pelo canto dos olhos, vejo Jorie dar um soco fraquinho na barriga nua de Eli. Ele segura o pequeno punho dela, que em sequência dá um falso gritinho de dor.

Pois é.

– Estou indo para casa, Thomas. Vejo você mais tarde, ok?

– Não vá embora – choraminga ele. – Quer me ajudar a matar os bandidos?

Nego com a cabeça.

– Você não quer matar os bandidos. Só mandar para a prisão, certo?

Ele franze a testa e faz um gesto para que eu me aproxime. Com as mãos unidas, sussurra no meu ouvido:

– Eli disse que papai precisa dar dinheiro para mamãe. Ou então ele vai para a prisão.

Olho para Eli. O que está acontecendo?

– Papai chega. Ele e mamãe brigam. Papai vai embora. Eli procura ele para pegar o dinheiro.

Caramba.

Pego Thomas no colo e ele chora um pouco no meu ombro. Depois o carrego de volta para a “casa da confusão” e o deixo sentado na grama.

– Obrigado – diz Eli, bagunçando o cabelo de Thomas.

– Nina – diz Jorie, rindo –, você é tão mãezona!

Thomas se levanta em um segundo, dá um pulo e a capa voa atrás dele.

Eli sorri enquanto o irmão atinge um arbusto com a espada e depois me olha.

– Então você costurou a capa, né? Na noite em que cuidou dele.

– Ahã.

– Ele vive me perguntando como a capa foi consertada. Até que eu disse que foi uma nova super-heroína chamada Garota Misteriosa. Ele amou a explicação.

– Minha identidade secreta.

– Algo que todo mundo deveria ter – responde Eli, balançando a cabeça.

– Não entendi. – Jorie olha de Eli para mim e vice-versa. – Sobre o que vocês estão falando?

Eli pega a bola de basquete.

– Contem! – implora Jorie.

Eli arremessa a bola. Há alguns pelos encaracolados no seu peito. De onde vieram? Não sei se fico com nojo ou fascinada.

– Está bem – resmungo Jorie. – Não precisam contar!

Eli joga a bola para mim e eu a pego no ar.

– Dois contra um? – pergunta ele com uma sobrancelha erguida, olhando para nós duas.

Outra coisa que sei além de costurar: fazer cesta no basquete. Matt me ensinou. A distância entre a cesta e o fim da grama no pátio da nossa casa é quase igual à da cesta até o fim da garagem de Eli. Chego para trás, quicando a bola.

Jorie apoia as mãos no quadril.

– Você não vai acertar daí. E, de qualquer jeito, Eli estava me ensinando a jogar.

Ele inclina o queixo e diz:

– Vá em frente, Ni.

Cesta.

Ele arremessa a bola de volta para mim.

– Jogue até errar.

Faço mais quatro cestas. Na quinta cesta, a bola acerta o aro.

– Ok, minha vez – sibila Jorie.

– Enfim, tenho que ir agora – digo.

– Tem certeza? – pergunta Eli, sorrindo. – Jorie *certamente* precisa da sua ajuda.

Jorie dá um empurrãozinho nele.

– Fique quieto.

Começo a voltar para casa.

– Tudo bem. Joguem vocês dois. Preciso terminar um exercício de artes para amanhã.

– Nina! – grita Eli e eu me viro. Já estou no gramado da minha casa. Ele joga a bola para mim. – Tente.

– Daqui? – pergunto.

– Sem chance – fala Jorie.

Eu me concentro na cesta. Seria o arremesso da minha vida. Jogo a bola com toda a força, como se eu estivesse levantando peso ou algo assim. Ela cai longe da cesta.

Jorie pega a bola.

– Eu sabia que você não era *tão* boa – diz ela.

Eu me viro para a porta da minha casa.

– Mas foi uma boa tentativa – acrescenta Eli.

– Ei, Eli. – Escuto a voz de Jorie. – Qual sua cor favorita?

Eu paro.

– Hum, não sei. Azul? – responde ele.



O sol já está se pondo. Sentada no degrau diante da porta de casa, penso em como as cores se parecem com os cravos da sra. Chung, que já cresceram e se espalharam. Parecem flores sob o efeito de anabolizantes. Deve ser o trabalho mágico da *kumiho*.

Estou tentando não pensar em Jorie e Eli.

Os filhos dos Cantaloni estão na rua, como sempre, mas desta vez eles têm a companhia de Thomas.

– Você sabe arremessar? – pergunta Jack para ele.

Thomas confirma com a cabeça e deixa a espada no chão. São quatro silhuetas contrastando com o céu laranja e dourado.

Jack olha na minha direção.

– Se a bola cair no matagal, você pega, Nina?

– Claro!

Matt chega de carro e estaciona diante da nossa casa. Está com roupa de banho e uma toalha nos ombros. Ele sai e chacoalha o cabelo molhado.

– O que você está fazendo? – pergunta ele quando me vê.

– Nada de mais – respondo, dando de ombros.

Ele tira a toalha e finge bater em mim com ela.

– Como está indo *O alquimista*?

– Nada bem.

– Posso emprestar minhas anotações. Só que – ele ri – eu tirei seis nessa matéria.

– Claro. Por que não?

– Está bem. Preciso tomar banho. – Matt passa por mim e abre a porta. – Ei, você deveria ir para a piscina um dia desses. Posso te colocar para dentro de graça.

Com quem eu iria? Penso em Jorie, Eli, Sariah e no meu antigo grupo de amigos, que deve voltar em breve. Estou no limbo de tudo.

– Pode ser.

Matt entra no instante em que Jack acerta a bola, que voa para o matagal.

– Nina! – grita ele.

Corro até lá e procuro a bola, mas não encontro.

– Acho que perdemos essa, meninos.

Jack pega outra bola na garagem e diz:

– Até parece que você é a monitora de uma colônia de férias.

– Isso aí – concorda Thomas, rindo. – Monitora Nina!

– Sabe jogar beisebol? – pergunta Jack.

Sorrio e vou até o pátio dos Millman.

– Vou cobrir a lateral esquerda – digo.

Trinta e seis?

Nós jogamos um pouco e, quando fica escuro, as mães chamam os meninos para dentro. Enquanto volto para casa, vejo alguma coisa presa na nossa caixa de correio. Até então eu não tinha reparado naquilo: um pedaço de papel branco dobrado. É um bilhete, escrito com uma letra uniforme e pequena. Está escrito: *Obrigado. Les Dembrowski.*

Tanto esforço para manter meu anonimato...

Enfio o bilhete no bolso, depois subo na rede e me estico. Vamos repassar os fatos. A sra. Chung ficou contente com os cravos, o sr. Millman e a sra. Cantaloni se tornaram amigos, a sra. Bennett usa os adesivos para os pés todos os dias, o sr. Millman está gostando dos charutos, Thomas passou a brincar com os filhos dos Cantaloni e continua lutando contra o crime com sua capa remendada. E o sr. Dembrowski está alimentado e grato.

Desdobro o bilhete do sr. D. e leio novamente, depois observo nosso Crescente Fértil sob a noite estrelada de verão.

A sra. Millman tem razão sobre uma coisa. Tem *algo* acontecendo na nossa rua.

Por minha causa.



Sariah deve ter me visto na loja do shopping. Ela passa toda a aula de artes me evitando. Quando fui buscar um copo d'água para mim, também peguei um copo para Sariah lavar os pincéis, mas ela nem sequer ergueu os olhos. Falei "oi" algumas vezes e ela fingiu não escutar.

A questão é: nem tenho certeza se quero que sejamos amigas. Ela não me conhece como Jorie, não sabe que tenho medo de água funda ou que sou "tão mãezona" ou que costumo deixar meu celular cair.

No intervalo, volto a me sentar no canto do grupo de Jorie.

A sra. Cantaloni está enorme de gorda. Como a pele pode esticar tanto? A gravidez parece ser algo doloroso. Gostaria de dar outro hidratante a Jack, mas mamãe poderia perceber que tem algo faltando. Além disso, é provável que explodisse o frasco mais uma vez.

37. Depois que Thomas me contou sobre seu pai, me sinto mal pela sra. Bennett. Aqueles adesivos são bons para os pés, mas não ajudam no contexto geral. Não que isso vá ajudar, mas encontro um vaso de cerâmica no nosso porão, onde planto alguns cravos da sra. Chung e deixo diante da casa da sra. Bennett.

38. Enfio um bilhete na caixa de correio do sr. Dembrowski: *De nada*. Nem preciso assinar.

Planejei algo grande para o número quarenta. Já faz tempo que ando pensando nisso. É algo que eu já deveria ter feito. Na verdade, algo que eu, Jorie e Eli deveríamos ter feito, mas como eles já são praticamente um casal, terei que fazer sozinha. Mas não tem problema. Ou quase.

A aula de artes de hoje passa muito devagar. (Estamos trabalhando com perspectiva e pontos de fuga.) Até que, finalmente, Jorie e eu estamos andando até o ônibus. Uma minivan prateada para na nossa frente e a porta se abre.

– Querem carona? – pergunta Eli.

Há mais dois garotos no banco da frente. Jorie sai correndo, dando passos imprecisos com a sandália plataforma, a bolsa balançando e batendo no quadril.

– Claro! Venha, Nina!

Antes mesmo que eu chegue ao carro, ela se acomoda no espaço do meio, ao lado de Eli. Só me resta subir no banco de trás, feito uma criança.

– Vocês conhecem Tyler – diz Eli, apontando. – E esse é o irmão dele, Sam.

Jorie se inclina na direção do banco da frente e aumenta a música. Ela fica conversando, manda mensagens para Antártica, passa gloss, dá em cima dele. Eu não conseguiria abrir a boca mesmo se pensasse em algo engraçado ou legal de dizer.

Eu me recosto no banco, deixo o vento bagunçar meu cabelo e olho para a mão de Eli no apoio de braço. E Jorie não para de tocar nele.

Quando chegamos na casa dele, Tyler e Sam saem do carro, pegam uma bola de basquete e começam a praticar arremessos. Ao sair, Jorie tropeça e quase cai. Eli continua sentado e vira o rosto para mim, apoiando a cabeça no encosto do banco da frente.

– Ela adorou as flores.

Sorrio.

– Ela achou que tinha sido Thomas e eu – continua. – E nós não negamos. Ela disse que parecia Dia das Mães ou algo do tipo.

Passo para o banco do meio, ao lado de Eli, que se inclina mais um pouco.

– Ela estava brava comigo. Eu tinha esquecido alguma coisa, lavar a roupa, sei lá. E ela se acalmou quando viu as flores. – O cabelo dele roça minha bochecha. – Você me salvou. Foi como se soubesse.

– O que vocês estão fazendo aí? – grita Jorie, sem desviar os olhos do celular.

Tenho uma sensação maluca e completamente surreal de que Eli quer me beijar. Mas (1) será que estou delirando? E (2) Jorie está do lado de fora do carro.

– Ai, meu Deus! – exclama ela, rindo. – Dakota foi convidada para o baile! Sabe aquele garoto, Dylan? O ruivo? Enfim, ele fez um buquê de pirulitos com um cartão escrito “D & D soa tão Doce. Vamos ao baile juntos?”.

Jorie mostra a tela do celular com a arte de pirulitos feita por Dylan.

– Que fofo – diz Eli.

– Criativo – concordo.

– Mas eu – Jorie dá uma piscadela – prefiro chocolate.

– Cara, ela gosta de chocolate – brinca Sam, passando a bola para Tyler.

– Bom saber – fala Eli, rindo.

Nesse instante, enquanto saímos da van, tenho a impressão de que meu coração despenca de um prédio. Eli anda até o pátio e começa a arremessar a bola. Jorie praticamente baba, observando os garotos.

Thomas surge na porta de casa.

– Eli! Mamãe precisa de você!

– Ok. Já vou – responde ele, driblando Tyler para enterrar a bola na cesta.

Thomas acena para mim.

– Vamos ter a monitora Nina hoje?

Eu rio.

– Talvez! – respondo.

Os garotos avisam que precisam ir e Eli leva a bola para a garagem.

– Espere! – Jorie sai correndo, puxa ele para perto e tira uma selfie. – Vou mandar isso para Dakota agora mesmo. É *tão* fofo!

Eli dispara para dentro de casa e Jorie começa a andar de volta para a dela.

– Você acha que ele entendeu minha dica? – Ela sorri. – A do chocolate?

– Ahã, acho que sim.

– Estou muito animada! Parece que já está quase tudo certo.

– Parece mesmo – respondo.

– E, Ni, não me esqueci de você. Estou trabalhando nisso. – O celular de Jorie toca e ela atende. – Ai, meu Deus – grita ela –, deixe eu contar o que acabou de acontecer.

Ela entra em casa e sua voz preenche o ar quente de verão.

– Jorie – chamo, baixinho, observando-a entrar.

Sinto falta da garota que não sabia fazer colagens, que trouxe a toalha para mim depois que mergulhamos na água, que se preocupava se eu estava bem. Sinto falta da garota que eu conhecia.



No dia seguinte, a sra. Millman e a sra. Chung estão de pé na calçada. A sra. Millman está contando que Beanie sofre de transtorno de estresse pós-traumático. Por mais que o veterinário não saiba ao certo qual animal a mordeu, a cadela teve que tomar injeções, o que acabou com ela. É o que diz a especialista em psicologia canina.

A sra. Millman conta nos dedos os sintomas de Beanie. A sra. Chung assente, como se isso fosse exatamente o esperado após um encontro com a *kumihō*.

– Beanie vive choramingando. Usando os móveis de esconderijo. Estremecendo com qualquer barulho. Sem apetite. Letárgica. Não sai de casa. E, o pior de tudo, minha querida Beanie não fica mais no meu colo para assistir a *Dancing With the Stars*. Era o programa favorito dela. Não sei se algum dia ela vai voltar ao normal.

– Que pena – diz a sra. Chung, balançando a cabeça.

A sra. Millman se vira e observa a casa dos Dixon.

– Já que as autoridades não vão ajudar, é meu dever cuidar do que está à espreita nesse matagal, seja o que for.

– Não é fácil. A raposa é esperta. Cheia de surpresas.

– Já li que animais não gostam do cheiro de certos temperos – diz a sra. Millman.

– Leu na internet?

– Sim.

– Rá!

A sra. Millman cruza os braços e acrescenta:

– Eu tenho um plano.

A sra. Chung ergue as sobrancelhas.

– Páprica – arrisca a sra. Millman.

– Hum.

– Molho de pimenta?

– Não vai funcionar.

– Quem sabe naftalina?

A sra. Chung tapa o nariz em resposta.

– Boa! – exclama a sra. Millman. – Vou tentar. É o mínimo que posso fazer. Se eu expulsar o bicho dali, talvez Beanie consiga viver sem medo.

– Para isso você vai desperdiçar bons temperos – responde a sempre reticente sra. Chung, voltando para casa.

Ela acena para mim e, assim que chega diante de casa, um carro estaciona e um jovem casal desce. São os filhos dela. Faz muito tempo que não os vejo e fico feliz que tenham vindo visitar, porque a sra. Chung precisa de companhia. E de distração.

Mais tarde, vejo a sra. Millman de pantufas e um cardigã fechado até o pescoço segurando uma jarra enorme com um pó avermelhado, que ela espalha pelo matagal. Em seguida, entorna dois vidros de molho de pimenta por toda a área, e, por fim, algumas bolotas de naftalina.

– Vamos ver se você gosta disso! – grita.

Ela volta para casa e observa da janela, como se esperasse que a criatura responsável pelo trauma de Beanie saísse correndo dali no mesmo instante. Mas isso não acontece.

Matt chega de carro, com as janelas abertas e a música nas alturas. Ele estaciona bem em cima da mancha de óleo.

– Oi – falo.

– Que cheiro é esse? – pergunta ele assim que desce do carro.

– Páprica. Molho de pimenta. Naftalina.

– Hã?

Chego mais perto dele, afundando os dedos do pé na grama.

– É uma longa história. E bem engraçada, na verdade, apesar da parte do cachorro ser triste.

– Só vim em casa trocar de roupa. Preciso ir para o trabalho.

Sigo ele até dentro de casa. Matt sobe a escada e desce segundos depois com outra camisa. Ele ri e joga a roupa suja para mim. Eu pego, mas em seguida deixo-a cair no chão.

– Eca! – exclamo, afinal a camisa está com suor de menino.

– Pode deixar na lavanderia para mim? Preciso ir.

– Para a piscina?

– É. Pelo que lembro, é onde eu trabalho.

Minhas amigas voltaram da viagem cheia de aventura e me chamaram para ir à piscina.

– Espere! – falo, correndo até a escada. – Posso ir com você?

– Claro. Vamos.

Troco de roupa rapidamente, pego uma toalha, óculos escuros e pulo no banco do carona, afastando para o lado uma pilha de papel de bala, latas de refrigerante e outra camiseta fedida.

Matt estaciona perto da piscina, depois se empoleira na portaria e aponta para mim.

– Ela é minha irmã – diz ele ao cara com camiseta de salva-vidas vermelha.

As garotas – Leah, Sadie, Cass e Rachel – já estão lá. Guardaram um lugar para a minha toalha. Elas me abraçam e dizem várias coisas, tipo “Como foi seu verão?”, “Sentimos sua falta” e “O que aconteceu de bom por aqui?”. Depois Sadie diz algo que deve ser uma piada interna da viagem delas e Cass lembra da noite em que Leah ficou presa no saco de dormir. Estão rindo e chamando umas às outras por apelidos, como Escoteira e Chico. Todas estão com uma calcinha de biquíni preta e a parte de cima de outra cor. A calcinha do meu biquíni combina com a parte de cima. Ninguém me falou que era para misturar. Depois de algum tempo, elas continuam falando sobre a viagem, então me deito de barriga para baixo. Fecho os olhos. E me desligo do mundo.

Quando ergo o olhar, elas estão na piscina jogando água umas nas outras. Como já estou torrando no sol, resolvo procurar Matt.

– O que houve? – questiona ele.

– Ah, sei lá, elas viajaram juntas. Eu, não. Está estranho.

Matt aponta para uma vitrine de doces.

– Pegue um Kit Kat.

– Eu não deveria pagar?

– Relaxe. Então. Começar o ensino médio é confuso mesmo. Tudo muda.

– Eu sei! Parece tão...

Uma fila grande se forma atrás de mim, e Matt começa a organizar com seu apito. O chocolate está derretendo. Lambo os dedos quando termino de comer.

– Sua atrapalhada – diz Matt, rindo.

As garotas aparecem com minha toalha e Rachel diz:

– Minha mãe pode te dar uma carona para casa.

Não temos muito para dizer no caminho. Eu desço do carro.

– Obrigada por ter me convidado.

– Claro. Vamos combinar outras vezes.

– Ok.

– Até mais – diz ela, já apertando os botões do rádio.

* * *

A camiseta suada de Matt está no chão, exatamente onde eu a larguei. Eu a pego e me lembro das férias de inverno em que montamos o maior quebra-cabeça do mundo, enquanto do lado de fora tinha cinquenta centímetros de neve. De quando jantamos sorvete, pois mamãe e papai não estavam em casa, e de como assistimos tantas vezes ao primeiro filme do Harry Potter que sabíamos todas as falas de cor.

Folhas retorcidas ocupam o lugar onde antes estava estacionado o carro, e elas rodopiam com o vento.

Vou até a lavanderia e deixo a camiseta dele no cesto. Trinta e nove.

E fico ali parada. Eu poderia chorar. Mas não faço isso.



Amanhã faz um ano que vovó morreu. Acho que sou a única que se lembra da data. Se mamãe, papai e Matt se lembram, não dizem nada.

Vovó estava com oitenta anos e já fazia algum tempo que tinha algo errado com seu coração. Na primavera passada, ela decidira não fazer outra cirurgia. Seu corpo já havia aguentado coisas demais.

Mamãe brigou com ela porque mamãe briga por tudo. Mas vovó estava decidida. Estava cansada de tomar remédios, se consultar com médicos, fazer cirurgias e tratamentos. Para ela, estava tudo bem. Começou a se despedir das pessoas e segurou meu rosto bem perto, dizendo que sentiria terrivelmente minha falta.

Não tanto quanto eu sinto a falta dela.

Vovó veio morar com a gente em março, pouco tempo antes do fim. Ela estava sempre em casa quando eu chegava da escola. E me contou muitas SVs, como se quisesse compartilhar o máximo possível antes de partir.

No dia em que me disse que eu tinha uma alma antiga, vovó falou que ela também tinha. Estávamos sentadas no pequeno sofá no quintal. “Almas antigas não aparecem com muita frequência”, afirmou ela. “São espécies em extinção. Você é muito sortuda. E especial.”

O serviço funerário nos deu pacotes de sementes de não-me-esqueças para plantarmos em memória da vovó. Eles entregaram para todo mundo, mas, depois do funeral, as pessoas vieram até nossa casa e largaram aqui os pacotes. Na hora de ir embora, ninguém se lembrou de levar as sementes.

Recolhi todos os pacotes (onze) das mesas, do balcão e até do sofá, onde havia um escondido ao lado da almofada.

Atrás de cada pacote estava escrito:

As não-me-esqueças são lindas flores delicadas que evocam o poder e a memória do amor. Plante-as em um lugar especial para você. Enquanto crescerem e florescerem, o seu amor – e a pessoa que você amou – continuará vivo.

Hora do número quarenta.

Depois do jantar, enquanto o sol se põe na nossa rua, puxo uma cadeira para perto da janela do meu quarto, seguro os pacotes de sementes nas mãos e espero. Eu me sinto um pouco como a sra. Millman, a espiã do bairro.

O céu muda de turquesa para azul-marinho. Meus pais batem na porta e entram para desejar boa noite. Então escuto eles entrarem no próprio quarto e escovarem os dentes, fazendo o chão ranger. Escuto suas vozes baixas enquanto eles conversam. E, em seguida, silêncio.

O céu está escuro e faço um pedido quando vejo a primeira estrela. O relógio marca 23h23, e faço outro pedido por causa disso.

Às 23h42, acontece o que eu estava esperando. O portão da garagem do sr. Dembrowski se abre. Um carro surge. É marrom, comum, de quatro portas, com um homem de aparência normal ao volante. Dá ré, segue para a rua e sai dirigindo devagar.

Thomas estava certo.

Desço a escada na ponta dos pés, vou até a garagem e pego a pá que usei para plantar os cravos. Saio pela porta da frente, fazendo um barulho baixinho ao fechá-la.

À noite parece outro lugar. As casas escuras e silenciosas estão tão quietas quanto montanhas. Uma brisa suave circunda as árvores. O ar pesado e inebriante do verão. A lua alta e branca no céu. Atravesso a grama, sentindo a umidade sob meus pés descalços, e vou até os fundos da casa do sr. Dembrowski.

Deveríamos ter feito algo para compensar a destruição. Deveríamos ter feito algo naquela época.

Depois que arruinamos seu canteiro naquela noite, o sr. Dembrowski parece ter perdido a paixão pelas flores. Acho que nunca mais plantou um

jardim como aquele. Posso ter visto algumas margaridas, talvez, ou quem sabe violetas, mas nada como antes. E, nos últimos anos, nenhuma florzinha sequer.

Há uma luz acesa nos fundos da casa do sr. D. Fico de pé e primeiro observo o jardim: um pequeno retângulo de terra. Em seguida, me ajoelho e cavo uma linha de uma ponta a outra. Tiro um dos pacotes de não-me-esqueças do bolso do short. Está tão perto da meia-noite que já posso considerar que é amanhã.

Jogo lentamente as sementes no solo, depois as cubro com a terra.

– Oi, vovó.

Estou começando a segunda fileira quando sinto uma movimentação. Uma sombra. Passos. De animal ou de humano? Seguro a pá com força, como se isso bastasse para me proteger.

Dou um pulo quando escuto:

– Ni? O que você está fazendo?

Ergo os olhos e me deparo com Eli.



Ele sorri para mim.

– Abaixei a arma. Vim em paz – diz.

Fico de pé. Meu coração desacelera.

– Há há. Não precisava chegar de fininho assim.

– Não cheguei de fininho. Então, hum, Ni? O que você está fazendo?

– Eu. Espere aí, o que *você* está fazendo?

– Perguntei primeiro.

– Ok. Bem, estou plantando flores.

– E eu estou dando uma caminhada. Não conseguia dormir. – Ele observa os pacotes de sementes. – Plantando? À meia-noite e quinze?

– É. – Sorrio. É difícil não sorrir para Eli. – Tem alguma coisa contra isso?

– Não. Acho que não. Mas aqui? E posso perguntar por quê?

– Lembra aquela noite, quando destruimos o canteiro de flores do sr. D.? Ele coça a bochecha.

– Hum... Não.

– Nós corremos pelo canteiro enquanto brincávamos de esconde-esconde. Éramos pequenos. Eu, você e Jorie. Ele ficou bravo e exigiu ver nossos sapatos.

– Ah, é verdade. – Ele ri. – Cara maluco.

– Não, ele não é maluco. Esse é o problema. Nossos pais eram os malucos. Superprotetores.

– Então depois de todos esses anos você simplesmente decidiu vir aqui e consertar o jardim dele? No meio da noite?

– É. A essa hora ele não está em casa.

– Ok...

Eu me ajoelho e continuo cavando. Eli fica ali parado, olhando.

– Por que está fazendo todas essas coisas? – pergunta. – É você, não é?

Tudo o que tem acontecido aqui?

Continuo cavando.

– Ni?

– Você sabe a resposta.

Abro outro pacote de sementes e jogo na terra.

Eli enfia as mãos no bolso da bermuda.

– Mas você não me disse o motivo.

Espalho terra por cima das sementes e olho para ele.

– Quer realmente saber?

– Quero.

Ele se senta na grama e estica as pernas.

Começo a terceira fileira, depois tento interpretar a expressão no rosto dele. Será que posso confiar em Eli? Eu gostaria de poder. Gostaria de explicar isso para alguém. Talvez até para mim mesma. Mas não sei o que ele vai achar.

Eu me sento e me lembro do desenho que fiz das casas da nossa rua no cartaz, oito quadrados separados que pareciam flutuar.

– Sabe todos esses filmes de heróis combatendo alienígenas, monstros, imperadores poderosos e magos do lado do mal? Heróis acabando com a maldade no mundo?

– O que tem isso?

– Então. E se tudo for completamente diferente? Quer dizer, e se as coisas ruins não forem tão óbvias? Se forem apenas parte do que está ao nosso redor, mas não conseguíssemos enxergar direito. E se forem *nós mesmos*? Tipo, o jeito que agimos ou deixamos de agir?

– Acho que estou entendendo – diz Eli.

– E se a solução for simplesmente... o bem? Pequenas coisas simples e boas, coisas que ninguém percebe, tão comuns que se tornam

extraordinárias. E se pessoas comuns pudessem ser heróis? – Aponto para as casas apagadas. – Bem aqui.

Ele não fala nada. Sua camiseta balança com a brisa.

Rasgo outro pacote de sementes.

Ele cutuca a terra com a ponta do sapato.

Em seguida, nos entreolhamos pelo que parece muito tempo, apesar de provavelmente só ter durado alguns segundos.

E tenho aquela sensação mais uma vez. A do beijo.

Mas... ele se levanta.

– Vou buscar água.

Quando ele volta, já esvaziei seis pacotes de não-me-esqueças no canteiro do sr. Dembrowski. Juntos, Eli e eu plantamos o restante até preenchermos todo o jardim. Depois ele molha a terra com o regador.

– Acha que vão crescer? – pergunto.

– Não sei.

Ficamos ali parados. Não quero voltar para casa e sinto que ele também não. Eu deveria estar cansada, mas não estou. A lua está menor e mais alta. Muito distante, bem acima das nossas cabeças.

Suspiro.

– Você sente saudade de quando éramos pequenos?

– Às vezes.

– Hoje faz um ano que minha avó morreu.

Eli assente.

– Por isso você quis fazer isso esta noite?

– Ahã.

Ele desvia o olhar.

– Às vezes eu queria que meu pai estivesse morto. A vida seria bem mais fácil.

Engulo em seco.

– Ah, Eli, está tão ruim assim? Sinto muito. – Tenho vontade de segurar sua mão, mas ele dá um passo para trás. – Thomas meio que me contou a história do dinheiro...

– É, então, é uma droga. – Ele afasta o cabelo da testa e aponta para a terra. – Sabe, meu pai nunca entenderia uma coisa dessas.

Eli pega o regador, se vira e sai andando.

– Espere, Eli.

Cato todos os pacotes de semente e limpo a pá na grama. Quando o alcanço, ele já passou da minha casa e está parado no meio do caminho entre nossas casas.

– Concordo com você que as coisas ruins estão bem ao nosso redor. Entendo o que você quer dizer. Mas a verdade é que o bem não funciona para todo mundo – diz Eli. – Algumas pessoas, muitas pessoas, simplesmente não entendem o bem. Estão sempre querendo tirar proveito. Só pensam nelas mesmas.

Eu me aproximo dele.

– Não. Você está errado.

– Flores? Adesivos para os pés? Você é tão ingênua... Como se isso pudesse mudar alguma coisa.

– Você não acredita nisso de verdade, não é? Parece até que você não tem nenhuma esperança...

– Isso é fofo, Nina, mas se quer minha opinião, as pessoas estão muito ferradas. Este mundo é muito ferrado para que pequenas coisas façam diferença.

Estreito os olhos, dou um passo atrás e digo:

– Nunca pedi sua opinião.



Eu não sabia que Eli tinha se tornado alguém assim.

Jorie vai mesmo combinar melhor com ele. É engraçada e não se preocupa com o mundo. Talvez ela tenha uma alma nova.

Eu me recuso a acreditar no que ele disse. Mais uma peculiaridade sobre quem tem alma antiga: somos pessoas teimosas.

41. Todos os dias rego as não-me-esqueças. O sr. Dembrowski não comenta nada, então não sei se ele viu a terra revirada nos fundos da casa.

42. Continuo regando os cravos da sra. Chung e o vasinho da sra. Bennett. Ambos estão florescendo descontroladamente.

43. Encontro uma caixa fechada com bolas de golfe no porão (papai tentou jogar, mas tinha um ritmo muito lento para sua hiperatividade), deixo algumas no gramado dos Millman e, conforme o esperado, no dia seguinte o sr. Millman está ali praticando tacadas. Ele acerta uma bola no matagal dos Dixon, depois disso se vira e passa a mirar o outro lado.

A sra. Millman também está do lado de fora de casa, com a bolsa de mahjong, de onde uma pelugem branca escapa, apoiada no quadril. Ela examina as casas, abre a bolsa e olha o conteúdo.

– Nenhum sinal de nada, Beanie. A rua está segura de novo.

Um ganido sai dali.

– O que quer que tenha sido, deve ter ido embora – fala ela para o sr. Millman. – Foi afugentado pelo cheiro.

– Myrna – responde ele, inspecionando o taco de golfe –, você está um pouco obcecada por esse cachorro, sabia?

– Não comece, Stan.

A sra. Millman se senta em uma cadeira no quintal e tira Beanie da bolsa.

– Está tudo bem – diz, afagando a cadela, que late e arranha seus braços quando tenta colocá-la no chão.

– Ah, pelo amor de Deus, leve ela para dentro, Myrna – grita o sr. Millman.

Com Beanie no colo, ela volta para casa. Ficamos apenas eu e o som estridente do taco do sr. Millman. Até que escuto:

– Niiiiiiiiina!

É Thomas do outro lado dos arbustos que separam nossas casas.

Eu aceno.

Ele afasta os galhos com as mãos e sussurra:

– Preciso da Garota Misteriosa.

– Precisa?

– É. Você pode chamar ela?

– Talvez. Qual é o problema?

– Um novo rasgo – murmura ele com tristeza, depois de cortar caminho pelos arbustos e se virar para me mostrar a capa.

– Talvez você não devesse mais passar pelo meio dos arbustos – sugiro, sorrindo e segurando seu braço.

– Mas é lá que os bandidos se escondem!

Eu deveria ter adivinhado.

– Certo. Com certeza consigo entrar em contato com a Garota Misteriosa. Mas você vai ter que me dar a capa, ok?

Ele concorda com a cabeça. Eu o ajudo a desamarrar as pontas e depois dobro a capa no meu colo.

– Por que ela continua rasgando? – indaga ele com os olhos arregalados e cheios de dúvidas.

– Não sei. Mas quando algo rasga, temos que continuar consertando.

Thomas parece pequeno e indefeso usando só short e camiseta.

– Ei, você está usando roupas hoje – comento, fazendo cócegas nele, que ri e dá um pulo para longe.

– Eli disse que eu preciso usar – responde ele com o cenho franzido. – Porque desse jeito quando eu for para o jardim de infância as pessoas não

vão me achar esquisito.

Sinto um pouco de pena. Thomas tem que começar a seguir as regras porque vai para a escola. Imagino ele no futuro, descendo do ônibus com uma expressão de cansaço e uma mochila, em vez da espada. Logo mais vai esquecer tudo sobre ser um herói e sobre os bandidos nos arbustos, mesmo que ainda estejam ali. Ele é que não vai mais vê-los.

Mas ainda é verão.

– Thomas – digo –, vou achar a Garota Misteriosa e trazer a capa costurada de volta para você. Prometo.

– Ande logo, ok? – pede ele e volta para casa saltitando por entre os arbustos.

* * *

Um pouco mais tarde, encontro mamãe e papai sentados no sofá bebendo café.

– Nina! – chama papai. – Venha ver isso! Aparecemos no jornal hoje!

Ele ergue o celular e dá play em um vídeo. Ross e Gentil sendo entrevistados por um repórter.

– Legal.

Papai vira a tela para si e dá play de novo.

Mamãe sorri.

– Quantas vezes você já viu isso, Steven?

– Perdi as contas. Fico bem na TV, sabe.

– Hoje recebemos quatro ligações de possíveis clientes – conta mamãe. – Acho que estamos ficando famosos.

Uma loira voluptuosa aparece ao lado deles no vídeo.

– Quem é essa?

– Melanie – responde mamãe, tomando um gole de café.

– Uau.

Melanie é uma dessas mulheres que evidentemente são viciadas em cirurgia plástica. Lábios grandes, peitos grandes, cabelo grande. Ela poderia

estar em um reality show.

– Não se engane pela aparência. Ela é durona. E esperta.

– Está bem

O celular da mamãe toca e ela me encara.

– Parece que ela nos escutou – diz, depois atende o telefone. – Oi, Melanie. – Minha mãe escuta, assentindo. – Sem problemas. Sim. Não se preocupe. Vamos cuidar disso. Durma bem, ok? Nós nos falamos de manhã.

– Mamãe desliga, balança a cabeça e fala: – Agora sou a terapeuta dela também.

Ergo as sobrancelhas e digo:

– Vovó diria que essa moça está precisando de um sermão.

– Provavelmente, sim – replica mamãe, parecendo triste.

Silêncio constrangedor.

Papai se levanta, recolhendo as xícaras de café.

– Está tudo bem com minha garotinha?

– Ahã. – Dou de ombros. – Meu celular está com problemas. Caso você não consiga me ligar.

Papai vai até a cozinha, lava a louça e pergunta:

– Nina, qual é o problema com você e os telefones?

No sofá, estamos apenas eu e mamãe e ela encara o vazio.

Mordo o lábio e digo:

– Eu não queria te deixar triste.

– Não estou triste.

Mamãe dá um tapinha no meu joelho, depois se levanta abruptamente e sobe a escada.

* * *

Acordo no meio da noite e escuto um barulho. Eu me esgueiro até a metade da escada e vejo mamãe sentada na mesa da cozinha com uma caixa de sapatos aberta. Chorando. Dentro da caixa há todos os tipos de papéis e fichas e ela está revirando todos, como se procurasse alguma coisa.

Conheço aquela caixa de sapatos.
Era da vovó.



Na manhã seguinte, a caixa não está mais lá e, sem que ninguém veja, levo a cesta de costuras para meu quarto, para que mamãe não fique chateada. Consertar a capa do Thomas de novo conta como mais uma boa coisa? Será? Se sim, estou no quarenta e quatro.

Mamãe e vovó brigaram na última vez em que estiveram juntas. Depois de passarem a vida discutindo, talvez esse fosse mesmo o único jeito de se separarem. Mamãe estava implorando para vovó tomar os remédios e operar, assim ela ganharia mais tempo. Ao que vovó só respondia: “Para quê?”

“Você é a mulher mais difícil que já conheci”, falou mamãe.

“Assim como você”, respondeu ela, com as mãos no colo.

As duas estavam certas.

Mamãe estava no trabalho no dia em que vovó morreu. Eu também não estava ao lado dela. Vovó havia sido colocada num asilo, e, àquela altura, já nem levantava mais da cama. Uma das enfermeiras, Shelley, nos disse que achava que vovó esperou ficar sozinha para partir.

“É muito estranho”, explicou ela. “Já vi isso acontecer muitas e muitas vezes. As pessoas aguardam o momento em que aqueles que amam não estão no quarto. De algum modo, elas sabem.”

Nessa noite, estou no meu quarto prestes a passar a linha pela agulha quando vejo um lampejo de luz na casa dos Dixon. *O que está acontecendo?*

Deixo de lado a capa de Thomas, depois saio de casa e sigo pela rua vazia e escura, desviando do canteiro de grama no meio da nossa rua, prestando atenção a qualquer coisa que possa surgir: um animal, a *kumiho*, Eli,

bandidos. Tudo parece assustador esta noite e sinto arrepios nos meus braços. O jeito como o vento percorre os gramados. A lua parcialmente coberta por uma nuvem. Os galhos das árvores arranhando as paredes das casas. Talvez eu devesse ter vestido a capa. Não duvido dos seus poderes protetores.

Vou andando devagar pelo gramado dos Millman até chegar ao fundo da casa dos Dixon. Tudo está escuro e silencioso, mas sinto um fedor, como de leite estragado. E naftalina. Escuto um barulho de motor ao longe. Pneus guinchando. Fogos de artifício.

A grama está molhada e grudada ao redor das minhas pernas. De repente, meu pé chuta algo. Uma garrafa de vidro voa alguns centímetros à frente. Um raio da lua revela um pouco mais. Deve ter pelo menos umas dez garrafas escuras, a maioria em torno de um pinheiro seco. Além disso, sacos amassados de biscoito, pacotes de bala e miolos de maçã. Parecia até que algumas crianças tinham dado uma festa aqui.

Observo a pista que leva para a saída da nossa rua. Nenhum carro. Quem quer que tenha vindo aqui já foi embora. Devem ter estacionado em outro lugar. Pego uma das garrafas. Difícil descobrir o que é no escuro. Não tem rótulo.

Um mosquito zumbe perto do meu rosto e eu o espanto com a mão. Não posso simplesmente deixar tudo do jeito que está. É totalmente nojento. Moscas circulam os miolos das maçãs. Volto para casa, pego um saco de lixo e rapidamente limpo tudo. Número quarenta e cinco, acho. Mas por que dessa vez parece diferente? Penso no que Eli disse: o mundo é muito ferrado e algumas pessoas simplesmente não se importam.

Dou um nó no saco e o levo de volta, saindo dos fundos da casa. Quando chego na lateral, alguém grita na escuridão:

– Ahá! Peguei você!

Ali está a sra. Millman de roupão, com uma lanterna direcionada para meus olhos.



Será que ela é louca?

– O que tem nessa sacola? – pergunta, rindo de forma histérica.

Invento algo brilhante:

– Humm...

– E então? – insiste ela, direcionando o fecho da lanterna para o contorno da sacola.

A mão dela está tremendo. Com o cabelo preso em uma rede e creme branco ao redor dos olhos, a sra. Millman é mais assustadora do que qualquer árvore ou raposa. Talvez a *kumiho* já tenha se transformado em uma mulher má, e durante todo esse tempo era a própria sra. Millman. Será que a sra. Chung pensou nisso?

– Vi uma luz acesa – digo.

Ela se aproxima de mim.

– E o que era?

– Só encontrei lixo. – Aponto para a casa dos Dixon. – Lá atrás.

A sra. Millman cruza os braços.

– Que tipo de lixo?

O que ela pensa que é? Uma detetive?

– Tipo garrafas, pacotes de bala. Você sabe, *lixo*.

– Garrafas? De bebida?

– Não sei.

Tenho a impressão de que ela vai pegar o saco da minha mão, abri-lo e inspecionar o que tem dentro, mas pergunta:

– Você viu alguém?

– Não – respondo, balançando a cabeça.

Ela dá mais alguns passos até parar a poucos centímetros do meu rosto. Fica ainda mais assustadora de perto. Se é que isso é possível.

– Tem alguma coisa acontecendo. Aquela *casa*. Um animal selvagem ataca um bichinho inocente. Agora parece que um grupo de crianças irresponsáveis veio aqui para se divertir. – Ela abaixa o tom de voz e acrescenta: – Também estou suspeitando de atividades paranormais.

Eu a encaro.

– Eu vejo aquele programa de tv. Temos todos os sinais aqui.

– Espere. Você está falando, tipo, de fantasmas?

– Exatamente!

A sra. Chung está convencida de que há uma raposa de nove rabos espreitando o bairro. Agora a sra. Millman suspeita de fantasmas. Ok.

Ela ajusta aquela rede esquisita no cabelo e eu troco o saco de uma das mãos para a outra. Quem iria acreditar nisso? Estou no matagal dos Dixon no meio da noite carregando um saco de lixo nojento e conversando sobre fantasmas com a sra. Millman.

– Que tipo de sinais? – questiono.

– Luzes, barulhos, sombras, rostos nas janelas. Esse lugar é mal-assombrado!

– Você viu rostos nas janelas?

Que assustador. Se for verdade... O que é pouco provável. Ela apaga a lanterna e balança vigorosamente a cabeça.

– Vi, sim. E acho que é meu dever fazer alguma coisa. Como sempre. – Ela ajeita o roupão e acrescenta: – Estou de olho em você.

A sra. Millman faz aquele sinal com os dedos formando um V, primeiro apontando para os próprios olhos depois para os meus. E vai embora batendo os pés com força.

Volto para casa e jogo fora o saco de lixo.

Também estou de olho.



Na manhã seguinte, há um cartaz enorme na frente da garagem do Eli, exposto para o bairro inteiro ver.

E + J = BAILE

Ai, meu Deus.

Então é isso. Eles vão juntos.

Matt está apoiado no jipe, comendo uma tigela de cereal, com o rosto muito amassado.

– Quem é J?

– Jorie.

– Eu não sabia que eles estavam saindo.

– É recente. Pelo que eu sei.

– Sempre achei que Eli sentia alguma coisa por você.

– Aparentemente não. Por que você achava isso? – pergunto, ficando vermelha.

Matt dá de ombros.

– Garotos percebem essas coisas – diz ele.

– Bem, não é verdade.

– Mas é estranho. São os garotos que convidam para o baile de boas-vindas. – Ele aponta com a colher para o cartaz. – As garotas convidam para o de despedida. Então por que o cartaz está na garagem do Eli? Foi Jorie quem convidou ele?

Não sei. Mas estou morrendo de vontade de sair correndo e arrancá-lo da parede. Matt olha para mim e pergunta:

– Você está bem?

– Por que eu não estaria? Claro que estou. Não pareço bem?

– Foi só uma pergunta. – Ele cospe o leite na grama e me entrega a tigela de cereal. – Preciso ir. Leva isso para mim?

Empurro a tigela de volta.

– Não sou sua empregada.

Ele ergue as sobrancelhas.

– O que foi? – pergunto.

– Ei, se você está chateada sobre aquilo – ele aponta para o cartaz –, não desconte em mim.

– Claro, por que você iria querer se envolver? Por que se importaria?

– Hã?

– Vá embora logo, Matt. Como sempre. As coisas ficam ruins e você some.

Ponto final.

– O que está querendo dizer? – pergunta ele, me encarando.

Vejo a mãe de Jorie tirando o carro da garagem e encerro a conversa:

– Não sei. Pense nisso. Estou indo.

– Ei! – grita Matt, mas continuo andando.

Quando me sento no banco de trás do carro, Jorie suspira. E de novo e de novo. Ela está só esperando minha pergunta.

Finalmente desisto.

– Então você e Eli vão ao baile juntos?

– Sim – responde ela, soltando a respiração.

E preciso perguntar:

– Ele convidou você?

– Mais ou menos.

Eu me sinto enjoada.

– Estou feliz por você. Vocês dois combinam. Já comprou o vestido vermelho?

– Ainda não escolhi. Mas tenho tempo – diz ela, se virando para mim. – Quero que você fique no nosso grupo. Por isso, fiz uma lista de garotos que têm potencial.

– Sério?

E ela não está brincando.

– Por enquanto tem três garotos na lista.

Ela me mostra os nomes na tela do celular: Leo Berman, Raj Patel e Grady Brunson.

Em primeiro lugar, não conheço nenhum deles de verdade, só vi passando no corredor do colégio. Em segundo, não quero que Jorie escolha com quem vou ao baile. Em terceiro, nem sei o que vem em terceiro. E, em quarto, não é assim que sonhamos que vai ser esse evento em nossa vida.

– Leo Berman é mais baixo do que eu, não é? – pergunto.

– É só você não usar salto alto.

– E achei que Raj tivesse namorada.

– Eles terminaram.

– Ah.

– Escute, Nina, me diga que vai pensar no assunto. Vai ser uma noite bem divertida e quero muito que você esteja lá. Vamos fazer as unhas e o cabelo juntas – argumenta ela, fazendo uma cara de coitadinha. – É o começo de tudo! De toda nossa vida no ensino médio! Diga que sim! Sim?

– Mas... Nem conheço Leo, Raj ou Grady. Por que algum deles me convidaria?

Chegamos na escola. Jorie abre a porta do carro e exclama:

– Isso não é um problema.

– Jorie! Espere! – chamo, mas ela já se foi.

Provavelmente saiu atrás de um desses garotos. Tenho vontade de amarrá-la com uma corda bem áspera.

– Obrigada pela carona – digo para a mãe de Jorie.

– Nina?

Ela está me encarando e me dou conta de que hoje ela não me deu nenhum dos seus típicos conselhos.

– Sim?

– Cuide dela, está bem?

– Vou tentar – digo, concordando com a cabeça.

Ela tira os óculos escuros e parece um pouco triste quando fala:

– Obrigada, querida.

Quarenta e seis.



Na aula de artes, a sra. Quinlan está mostrando e comentando nossos desenhos de perspectivas. Ela pega o meu e diz:

– Ponto de vista interessante. Gosto de como você desenhou essas casas. De onde estava olhando?

– Eu estava em uma rede.

Chase assente. Sariah inclina a cabeça para o lado.

– O que é isso na última casa? – pergunta a sra. Quinlan ao me entregar o papel.

– É uma raposa.

– Belo toque. Dá um certo ar de mistério.

* * *

Quando chego em casa, Thomas está me esperando. A capa. Depois de tirar o lixo misterioso e da conversinha noturna com Myrna Millman, me esqueci completamente de costurar a capa.

– Thomas – digo.

Com os braços cruzados, ele dispara:

– Preciso da minha capa pronta. Hoje! Os bandidos estão muito perto!

– Eu sei. Desculpe mesmo. Mas andei ocupada. Quer dizer...

– Como assim, *você* estava ocupada? – Ele arregala os olhos. – Espere aí, você é a Garota Misteriosa?

– Não, não, não sou, mas conheço ela muito bem.

– Você não é mesmo ela?

– Hum, não sou.

O sr. D. e Eli já sabem. Thomas espalharia a notícia para todos os outros. E vai saber o que a sra. Millman faria. Acho que ela me denunciaria para as autoridades, apesar de não saber do que me acusaria. Boas ações premeditadas?

– Então você pode dizer a ela que preciso muito, muito, muito mesmo da minha capa?

– Sim, senhor – respondo com uma continência.

Ele marcha de volta para casa. O cartaz do baile foi retirado.

Vejo um pedaço de papel preso na nossa porta, onde está escrito URGENTE (em letras maiúsculas e caneta vermelha). A sra. Millman está convocando outra reunião.

Por favor, me encontrem no canteiro central da rua, esta noite, às 20 horas, para discutir os últimos eventos peculiares do nosso bairro. Não podemos mais ignorar esse assunto de vital importância.

Sra. Myrna Millman

Duvido que meus pais vão comparecer. Deixo o bilhete na mesa da cozinha, corro para cima, pego a capa do Thomas e a estico no colo. Abro a cesta de costura e procuro a linha preta, mas parte está enrolada em outros dois novelos. Tiro todo o emaranhado dali de dentro para desembolar os fios e, então, *de algum modo*, a aliança de casamento da vovó cai na palma da minha mão. A que estava perdida. Um anel fino cheio de pequenos diamantes. Do seu casamento de cinquenta e dois anos com vovô. Ela queria ter sido enterrada com a aliança, mas ninguém encontrou. Ninguém pensou em procurar na cesta de costura. E aqui está.

Não há nada mais a fazer a não ser colocar no meu dedo.

Giro o anel para lá e para cá. Gostaria de poder entregar para vovó. Uma boa ação que jamais vou conseguir fazer.

No funeral, não consegui compartilhar as memórias que eu tinha da minha avó na frente de todo mundo. Mamãe falou, minha tia falou e um dos

meus primos também. Todos falaram sobre como vovó amava a família, como gostava de tradições, e, claro, os pequenos detalhes, como gostava de costurar, de cozinhar e de datas comemorativas. Comentaram ainda que ela não entendia como e-mails funcionavam. Mamãe zombou dela também, o que deve ser normal em funerais.

Mas ninguém parecia entender a vovó de verdade.

A princípio, me senti mal por não ser capaz de me levantar e dizer algo. Mas depois percebi que vovó não veria problema algum nisso. Porque a gente se entendia. E nós duas sabíamos disso. Então por que eu precisaria contar para mais alguém?

Tiro a aliança e me aproximo da janela, e o sol ilumina os pequenos diamantes. Talvez vovó não devesse ter sido enterrada com a aliança de casamento. Talvez estivesse destinada a ser minha. De uma alma antiga para outra. E se, durante todo esse ano, o anel estivesse me esperando no fundo da cesta de costura? Um tesouro enterrado no lugar mais improvável. Ou no lugar mais provável, na verdade, se pensar bem. Além disso, eu a encontrei por causa de uma boa ação: estar costurando a capa de Thomas.

Com a aliança no dedo, passo a linha pela agulha e costuro o rasgo da capa. Fazendo pontos pequenos e simétricos. Então levo até a casa do Thomas. Mas é Eli que abre a porta.

– Ah, hum. Seu irmão está em casa? – pergunto.

– Está dormindo. – Eli pega a capa. – Pode deixar, eu entrego para ele.

– Ok – concordo e me viro para ir embora.

– Espere. Nina?

– O que foi?

Minha resposta saiu um pouco mais severa do que gostaria, e nem sei o porquê. Quer dizer, sei, sim. Por causa do *cartaz*.

– Obrigado por ter remendado a capa de novo.

– Sem problemas.

Trocamos um rápido olhar, depois ele retorce os lábios de leve e olha para outro lado.

– Então está bem – digo.

Eli foi para o mundo de Jorie. Saio andando, mas me viro antes que ele feche totalmente a porta. Encosto na aliança da vovó e falo:

– Eli. Sabe esse pequeno gesto, o de costurar a capa? Para Thomas é enorme. Você não consegue perceber isso?

– Hum, consigo. Mas, tipo, não faz diferença alguma no mundo real – diz ele, balançando o tecido. – É de mentira.

Balanço a cabeça.

– Não para mim, nem para Thomas.

– Tanto faz.

Ele fecha a porta.



Eu nunca tinha visto tanta gente na rua ao mesmo tempo. A sra. Chung com muletas. A sra. Cantaloni apoiando os braços na barriga. Seus três filhos e Thomas brincando de luta no quintal dos Cantaloni. Os pais da Jorie. O sr. Millman com um charuto enfiado no bolso da camisa. A sra. Bennett vestida de enfermeira.

E, por incrível que pareça, Ross e Gentil. Eles saíram da mesa da cozinha.

Estou observando tudo do meu local preferido: a rede. Um ponto de vista perfeito.

A sra. Millman está eufórica.

– Obrigada a todos por terem vindo. – Ela bate palmas. – Acredito que estamos no meio de uma crise aqui. E é de vital importância que discutamos como vamos lidar com essa situação.

– Sim, Myrna, todos nós lemos o bilhete – fala papai com sarcasmo.

– Como quase todos devem saber, minha poodle, Beanie, foi vítima de um ataque naquele matagal. – A sra. Millman aponta para a casa dos Dixon.

– Ela está sofrendo de transtorno de estresse pós-traumático.

– Eu não sabia que cachorro sentia essas coisas – fala o pai de Jorie, rindo.

– Isso não é engraçado! – retruca ela com rispidez.

– Desculpe. Minhas sinceras desculpas.

– Em segundo lugar, fiquei sabendo que alguém está usando a casa vazia dos Dixon como lugar de lazer. Meu palpite é que são adolescentes. Provavelmente para beber.

Os vizinhos ficam inquietos.

– Isso não é bom – comenta a sra. Cantaloni.

A sra. Millman assente.

– Já pedi para a polícia patrulhar a área com mais frequência.

– Boa ideia – diz a mãe de Jorie, apertando de leve o braço da sra. Millman.

– Obrigada por tomar a frente nisso – completa o pai de Jorie. – Alguém já viu esses garotos? Sabem quem são?

– Não. Mas acredite em mim, vou continuar investigando – responde a sra. Millman.

Fico surpresa por ela não dizer nada sobre mim e nosso encontro noturno. Provavelmente quer levar todo o crédito por saber das coisas.

Meus pais estão quietos. Checando os celulares.

– Mas nenhum desses incidentes é nosso maior problema – acrescenta a sra. Millman.

A sra. Bennett boceja e explica:

– Ah, me desculpem. Tive um longo plantão.

– Qual é nosso maior problema? – indaga a mãe de Jorie.

A sra. Millman fala tão baixo que preciso me inclinar para a frente.

– Acredito que tudo o que tem acontecido por aqui nesse verão é obra de espíritos de outro mundo.

– Você quer dizer fantasmas? – pergunta a sra. Cantaloni.

– Sim.

– Ah, fala sério! – Esse é meu pai. – Você não nos chamou aqui para dizer que acha que fantasmas estão assombrando aquela casa, chamou? Não acredito nessas coisas.

– Concordo – completa mamãe.

– Bem, vamos escutar outras opiniões – diz a sra. Bennett. – Continue, Myrna. Por que você acha isso?

A sra. Millman descreve as luzes, os barulhos, as sombras e os rostos que viu.

– E vocês não notaram as coisas estranhas acontecendo? Moedas nas caixas dos correios. Bolas de golfe e charutos brotando do nada. Um balão de sorriso no meu vaso de flores.

Papai está olhando para ela, atônito.

– Talvez você devesse conversar com alguém, Myrna. Alguém profissional.

– Eu não estou louca!

– É a *kumiho* – fala a sra. Chung, que estava em silêncio até agora.

Papai se vira para ela.

– O quê?

– O espírito da raposa.

Todos ficam encarando a sra. Chung por um minuto, depois começam a falar ao mesmo tempo. Não consigo mais entender uma palavra.

Até que papai grita:

– Todo mundo, pare! Vamos nos acalmar! – Ele se vira para a sra. Millman. – Olhe, Myrna, tem algo errado com a casa dos Dixon e você já notificou a polícia, então não sei o que mais podemos fazer quanto a isso no momento. Quanto ao que você está chamando de “coisas estranhas”, simplesmente não vejo problema algum. Tudo me parece inofensivo. Tenho certeza de que há uma explicação razoável. Coincidência. E fantasmas? – Ele observa todos os vizinhos – Não acredito que você possa comprovar esse argumento.

A sra. Millman começa a falar algo, mas o grupo já se dispersou.

– Deveríamos marcar um encontro – fala a mãe de Jorie para a minha. – Faz muito tempo que não jantamos juntos.

– Faz mesmo – concorda mamãe. – Estávamos muito focados em um caso. E o verão está voando. Ainda tenho que comprar todas as coisas que Matt precisa para a faculdade.

– Faculdade! Não dá para acreditar. Onde o tempo foi parar?

– Eu sei – diz mamãe, e por um segundo ela parece diferente. Comovida? Seu rosto. Seus ombros. Algo me faz lembrar da noite em que a vi chorando.

– Vou mandar um e-mail com algumas datas possíveis – afirma a mãe de Jorie.

– E-mail? – comenta a sra. Chung, rindo. – Por que e-mail? Conversem.

Meu pai e o de Jorie apertam as mãos. A sra. Bennett pergunta à sra. Cantaloni como tem passado. Thomas e os filhos dos Cantaloni começam a jogar beisebol no meio disso tudo. A sra. Chung bate palmas quando Jordan consegue pegar a bola.

– Muito bom! – exclama ela.

Sem dúvida, coisas muito estranhas.

Esse é um enorme número quarenta e sete.

Entra na conta mesmo que eu não tenha feito nada.

Ou será que fiz?



Jorie convidou algumas pessoas para sua casa e me disse para aparecer também.

Ela só se esqueceu de mencionar que “algumas pessoas” incluíam os três garotos que ela decidiu que tinham potencial de ser meu par no baile de boas-vindas.

Na verdade, ela se esqueceu de mencionar a presença de qualquer garoto, então vou vestindo um short jeans rasgado e uma camiseta do Matt que encolheu quando foi lavada. E meus óculos. Certamente não é uma boa primeira impressão. Se eu quisesse criar uma.

Há várias pessoas da sala dela também. E Tyler e Sam, amigos do Eli, que ficam chamando Jorie de “a garota do chocolate”. Mas não vejo Eli.

Dou uma olhada nos garotos.

1. Leo Berman não cresceu nem um centímetro desde o sexto ano. Ele é legal, mas não consigo superar a questão da altura. Ele mal alcança meu nariz.

2. Raj Patel já teve cerca de dez namoradas, todas ficaram com ele por duas semanas. Será que quero ser a número onze? Além disso, Raj parece ser o tipo de cara que sumiria no meio de uma música para ir atrás de outra menina.

3. Eu me dou conta de que Grady Brunson é o tal garoto de bermuda xadrez que gosta de jogar a garrafa d’água de Jorie. Nem em um milhão de anos ele iria comigo para o baile. Não sei onde Jorie estava com a cabeça.

Porém, o mais estranho de tudo é que Sariah está aqui. E tenho que falar com ela. Se eu não fizer isso, vamos passar a noite esbarrando uma na outra

e vai ser ainda mais constrangedor.

Então é o que eu faço. (Quarenta e oito.)

– Você conhece Jorie? – pergunto.

– Na verdade, não. Sou amiga do Raj.

Será que ela foi uma das namoradas dele?

Evitamos nos entreolhar por um segundo. Então indago:

– Quer se sentar em algum lugar?

Ela dá de ombros.

– Ok.

Jorie aumenta o volume da música e Sariah e eu encontramos um canto vazio no chão.

– Como está seu autorretrato? – pergunto, puxando um fio do short.

– Ah. Bom. E o seu?

Sorrio.

– Ando tendo problemas com meus olhos. Quer dizer, para desenhar.

– Posso ajudar.

– Seria legal. Meus olhos não estão parecendo muito humanos.

Sariah dá risada e eu continuo:

– Então. Tem mais alguma coisa que você queira me contar sobre sapos?

– Ai, meu Deus. – Ela tapa o rosto por um segundo. – Às vezes sou tão esquisita! Realmente tenho uma coleção de sapos, mas quando fico nervosa começo a fazer vários comentários aleatórios e estranhos. Simplesmente saem, como se eu não pudesse controlar. Você deve me achar tão esquisita...

Esperre aí. Comentários aleatórios?

Na verdade, Sariah tem uma cabeça cheia de ideias estranhas, mas não me parecem mais tão estranhas assim. Ela é engraçada e perspicaz, e não para de fazer comentários hilários sobre as pessoas na festa. Não consigo parar de rir.

Estamos prestes a ir pegar pizza, mas Jorie está arrastando Grady Brunson na nossa direção.

– Por que você está se escondendo aí no canto? – pergunta ela, e depois cumprimenta Sariah.

Eu me levanto. Com um sentimento imediato de isso-é-tão-errado. Uma impressão mútua, sem a menor dúvida, pois Grady está olhando para a parede atrás de mim.

– Grades – sibila Jorie –, essa é Niiiiinaaa.

– Oi.

Ele olha para as meninas no outro canto da sala.

O garoto é muito fofo para quem gosta do tipo de cabelo comprido e bagunçado, calça jeans folgada e caída, chinelos de couro e camiseta Hollister amassada. Garotos que são mal-educados com garotas feito eu.

– Então – fala Jorie, quase gritando –, eu estava contando ao Grades que você estava pensando em entrar para o time de basquete feminino.

Eu?

– Grades joga basquete – continua, entrelaçando o braço no dele. – E é muito bom. Provavelmente vai entrar para algum time universitário. Isso não é incrível?

Nossa, encontrei minha alma gêmea. Temos um milhão de assuntos em comum.

– Joguei basquete por um ano na escola – falo. – Armadora. Mas ainda não tenho certeza se vou continuar no time. Não sei se sou boa o suficiente. E só tenho um metro e cinquenta e cinco.

Por que estou falando? Grady nem sequer está me escutando e Jorie já sumiu. Sariah está de pé e fala:

– Também joguei basquete na escola.

– Sério?

– Armadora também.

Grady troca o apoio do pé. Sariah revira os olhos.

– Não tem problema – falo para ele. – Você não precisa ficar aqui e conversar com a gente.

Ele inclina a cabeça na minha direção, o primeiro sinal de que reconhece minha presença, e diz:

– Vejo você por aí, Gina.

Faça uma careta enquanto ele se afasta.

Sariah diz:

– Babaca.

– É, minha avó diria que esse garoto tem vento na cachola.

– Verdade absoluta.

Jorie se aproxima.

– O que aconteceu? – sussurra ela. – Armei todo esse cenário! Fiquei falando sobre como você é boa no basquete por, sei lá, vinte minutos. Disse a ele que você é legal, engraçada e, tipo, uma pessoa muito prestativa.

– Deixa para lá – respondo baixinho.

– Pelo amor de Deus, Nina, você não tem jeito.

Jorie ainda está sussurrando. Sariah se afastou um pouco.

– Obrigada. Muito obrigada. Ele nem sequer conseguia lembrar meu nome.

– Só estou dizendo que você tem que fazer acontecer também, sabia?

– Estou bem, ok? – replico, estreitando os olhos.

Jorie dá aquele meio sorriso com o canto da boca e responde:

– Não estou nem aí.

Sariah e eu passamos o restante da noite conversando. Terminamos as frases uma da outra. Compartilhamos mil opiniões aleatórias. Nenhuma sobre sapos.

Quando chego em casa e me deito na cama, encaro o teto e sorrio. Será que encontrei alguém que me entende?



Demora alguns dias para mamãe perceber que estou usando a aliança da vovó.

Ela está na pia da cozinha lavando embalagens de comida congelada e estou sentada no balcão terminando meu autorretrato. O desenho dos meus olhos melhorou muito depois que Sariah me deu algumas dicas.

Mamãe fecha a torneira e pergunta:

– Esse anel é o da minha mãe?

– É. – Assinto. – Encontrei na cesta de costura.

Ela seca as mãos e se senta no banco à minha frente.

– É mesmo?

Tiro a aliança e a dou para ela.

– A cesta de costura... – Ela balança a cabeça. – Claro. Como ninguém pensou nisso? Por que não procuramos lá?

Mamãe tenta enfiar o anel no dedo, mas só chega até a metade.

– Sua avó tinha mãos tão pequenas... – diz mamãe e me devolve o anel. – Você também. Toda vez que olho para suas mãos, me lembro das dela.

Coloco a aliança de novo.

– Fica perfeita em você.

Estamos em silêncio. Os ponteiros do relógio na parede fazem o tique-taque de sempre. Papai está roncando no sofá da sala. Todos os papéis de trabalho estão guardados.

– Já faz um ano – diz ela, e engole em seco.

– Semana passada.

Ela hesita, depois estica o braço em cima do balcão, segura minha mão e pergunta:

– Você sente saudade dela?

– Sinto. Muita.

Lágrimas escorrem quando pisco.

– Fico pensando naqueles jantares na casa dela, no jeito que ela me irritava, mas agora... Nem consigo lembrar o que me aborrecia tanto. Sinto saudade dela também.

Mexo na aliança e mamãe continua:

– Pensei que receber ela aqui em casa, quando ela ficou doente, melhoraria as coisas entre nós. Mas só pioraram. Fui tão difícil. Eu tentei. Tentei de verdade.

– Eu sei.

– Numa noite dessas – prossegue ela, mordendo o lábio – procurei a receita do bolo de cenoura... Eu também adorava aquele bolo. Dei uma olhada em todos os papéis naquela caixa de sapatos velha.

– Achou a receita?

– Não... – responde ela, suspirando. – O que você está desenhando?

Mostro o papel.

– Eu mesma.

Mamãe pega o desenho, observa-o por algum tempo e depois diz:

– Muito bom. Você quer fazer algo relacionado a artes?

– Como carreira, você quer dizer?

Mamãe assente.

– Não, provavelmente não.

– Sabe o que quer fazer?

– Não tenho ideia – respondo com um risinho.

– Não tem importância – diz ela, sorrindo.

– Você sabia o queria? Quer dizer, quando tinha treze anos?

– Não lembro. Eu só não queria ser como minha mãe.

Ela se levanta, empurra o banco e volta para a pia. Mamãe não chorou quando vovó morreu. Mas seus olhos estão marejados agora.

Será que isso é o quarenta e nove?

Eu a observo passar sabão na pia, enxaguar tudo em seguida, espalhando água com as mãos.

Ela se vira e fala:

– Fico feliz por vocês duas terem sido próximas. E porque ela teve uma neta como você.

Eu me apoio no balcão para ficar de pé.

– O que foi? – pergunta mamãe.

– Vovó tinha orgulho de você. Ela me contou.

Mamãe balança a cabeça e seca as lágrimas com as costas das mãos. Depois fecha a torneira e nós duas suspiramos fundo.

Sim, quarenta e nove.



No meu quarto, no dia seguinte, estou procurando algum sentido em *O alquimista*, quando escuto um barulho vindo lá de fora. Eli está na calçada discutindo com um homem. O pai dele. Faz muito tempo que eu não o via. Um carro velho e enferrujado está parado diante da casa, e uma fumaça cinza sai da parte de trás.

Corro para fora. O pai dele está vestindo uma camisa de flanela encardida, calça jeans e boné do time de futebol americano Chicago Bears. Ele tem uma barba por fazer.

– Vá logo embora! – grita Eli. – E não volte! Nunca mais! A gente não precisa de você.

– Que tal dar umas vinte pratas para o seu velho?

As bochechas de Eli ficam vermelhas.

– Odeio você!

O pai dele pega uma bola de basquete na grama e a joga na rua.

Thomas sai correndo atrás da bola.

– Volte para dentro! – grita Eli.

Com o punho cerrado, o pai dele tenta acertar um soco, mas Eli, que é alguns centímetros mais alto, segura o braço dele. Os dois meio que se empurram. Então a sra. Bennett sai e tenta separar a briga.

Estou tremendo. Será que eu deveria chamar a polícia? Ou algum vizinho? Estou prestes a sair correndo para pegar meu telefone, quando escuto a voz forte e calma da sra. Bennett:

– Acabou. Saia da minha casa. Agora mesmo.

Eli arrasta o pai até o carro, abre a porta e o empurra para dentro. O pai dele liga o motor e sai em disparada, deixando para trás um rastro de fumaça preta.

A sra. Bennett tenta abraçar Eli, mas ele se afasta bruscamente.

– Não!

Ele cerra o punho, depois salta e dá um soco na cesta de basquete. Chuta a base. Então percebe que estou ali e corre na minha direção com o olhar desnortado. Como se fosse chorar ou explodir.

– Nina! – diz ele, segurando minha mão.

Depois puxa. E começa a correr. Nenhuma outra palavra é dita enquanto ele sai correndo do nosso bairro, de mãos dadas comigo durante todo o percurso. Faço tudo o que posso para acompanhá-lo. Passamos juntos pelo parque e cortamos caminho pelos quintais. Um cachorro começa a latir. Algumas crianças estão brincando com um irrigador. Tudo é um borrão. Sinto câibras. Uma mulher dentro de um carro buzina para a gente.

Ele não solta minha mão.

Por fim, Eli para e eu quase o atropelo. Estamos no início do descampado vizinho à nossa antiga escola, que está completamente vazia. Eu me inclino e apoio as mãos nos joelhos tentando recuperar o fôlego, tentando parar de tremer.

– Você já pensou em correr uma maratona? – pergunto.

Eli pega uma pedrinha e a joga no terreno.

– Ele só aparece em alguns meses, invade a casa e procura dinheiro. Mas era ele quem deveria estar dando pensão para minha mãe, não é? Bem, além de não fazer isso, ele acha que tem o direito de pegar qualquer trocado que mamãe tenha deixado para mim ou para Thomas enquanto está no trabalho. Passei o verão cortando grama, tentando ajudar. Faz anos que ele não tem nenhum trabalho.

– Você o enfrentou – digo com delicadeza.

– É. E já fiz isso. Mas ele vai voltar. E vou fazer de novo.

– Você não consegue uma ordem judicial que o obrigue a manter distância? – indago, pois já escutei meus pais falando sobre isso.

– Nós já temos. Devo ligar para a polícia toda vez que ele aparece? Seria uma vida ótima para Thomas. Odeio quando ele vê as brigas, mas isso não tenho como evitar. Meu pai me deixa fora de mim.

Eli se aproxima do descampado e para ali, olhando para o nada, de costas para mim.

A escola está fechada por causa das férias de verão. Não há nenhum projeto de artes pendurado ou colocado nas janelas. Parece que faz décadas que Jorie, Eli e eu estivemos ali. Brincamos nos recreios, aprendemos a fazer divisão com números grandes e cantamos nas apresentações.

Eu chego perto dele.

– Então, está vendo – diz ele –, nem todo mundo é bom, e boas ações não podem dar um jeito em pessoas assim.

– Talvez.

– Tente dar flores para meu pai. Ele vai vender as flores. Para tentar lucrar com elas.

Encosto no braço dele.

– Mas você acha que há mais pessoas no mundo como seu pai ou mais como eu? E como você?

Ele suspira e chuta a grama.

– Não sei. Não dá para saber isso.

– Não importa o que você sabe, importa o que você acredita. Não dá para desistir, para não tentar.

Essa só pode ter sido uma boa ação. Então é a de número cinquenta. As coisas estão ficando cada vez maiores e mais sérias. Não sei se eu tinha intenção de que fosse assim.

Ele olha para meus pés.

– Você está descalça.

– Meus chinelos caíram em algum lugar durante nossa maratona.

Antes que eu possa protestar, Eli me pega no colo.

– O que você está fazendo?

– Tem caco de vidro aqui – diz e me leva até o banco.

Nós nos entreolhamos. Meu coração está prestes a explodir. Uma brisa bagunça o cabelo dele. O sol está bem acima das nossas cabeças.

– Alguma coisa não faz sentido para você? – pergunta ele. – Às vezes, você não fica tão brava, que só quer...

– O tempo inteiro – interrompo e sorrio para ele.

Eli se inclina, se aproximando do meu rosto.

– Espere – sussurro. – Você e...

Ele me beija.



Ah. Socorro. Uau.

Meu primeiro beijo.

Suave, doce, e me esqueci de respirar.

Eli se afasta e olha para mim.

– Ni...

Também esqueci como se fala.

– O que foi?

Ele dá alguns passos para trás, enfia as mãos no bolso e não diz nada por alguns segundos. Então responde:

– Nós deveríamos voltar. Saí com tanta pressa. Preciso ver se minha mãe está bem.

Voltamos em silêncio para casa. Não encontro meus chinelos em lugar algum. Eli segue um pouco à frente de mim. Não sei se é por estar desconfortável ou por não saber o que dizer. Ou então por estar impaciente porque tenho que ir devagar e com cuidado por causa dos meus pés descalços.

Quando chegamos, a mãe dele está sentada na grama com Thomas no colo. Eli se vira e diz:

– A gente se fala, ok? Obrigado...

Eles entram em casa e eu vou para o quintal da minha casa e me deito na rede, porém não sei mais o que pensar.

Foi apenas uma questão do momento. Só pode ter sido. Ele estava chateado por causa do pai e, por acaso, eu estava ali do lado.

Certo?

Ele vai ao baile com Jorie. Está tudo combinado. O cartaz. O vestido vermelho. Rola um clima entre eles. Aconteceu alguma coisa durante todo o verão. E me beijar não fazia parte disso. Ela me odiaria para sempre se descobrisse.

Deve ter sido o momento... *Certo?*

E agora?

Tudo é complicado.

Ainda mais porque... eu quero beijar ele de novo.

Com certeza.

E logo.



Na manhã seguinte, estou esperando a carona da mãe de Jorie para nosso último dia de curso de verão. Tenho a impressão de que ela vai perceber de imediato, de que o beijo, de algum jeito, vai estar estampado na minha cara.

Não há mais ninguém aqui fora. Cheguei cedo, então resolvo fazer minha caminhada matinal até o canteiro de flores do sr. Dembrowski. Uma dúzia de pontinhos verdes surgiu no meio da terra. São os brotos das não-me-esqueças! Parecem frágeis e tenho vontade de protegê-los. Garantir que sobrevivam. É como se eu tivesse me tornado a guardiã das flores do bairro.

Escuto a buzina e saio correndo até o carro.

– Oi – falo assim que me sento.

– Raj está fora – diz Jorie. – Ele convidou outra menina.

– Ok. Eu não estava achando que ele ia me convidar mesmo.

– Que tal Grady? O que você *realmente* achou dele?

– Jor, você sabe que não vai dar certo. Grady e eu vivemos em planetas diferentes.

– Isso não é verdade. Ele disse que você era uma graça – diz ela, enrolando uma mecha de cabelo com os dedos.

– Ahã, sei. Quando foi que ele disse isso mesmo? Porque nem sequer olhou para mim.

– Você está dificultando muito as coisas, Nina. Vai ter que ser Leo, então.

Cruzo os braços:

– Olhe só, agradeço sua preocupação em arranjar alguém para ir ao baile comigo, mas não vai ter que ser Leo. Não vai ter que ser ninguém.

A mãe de Jorie sorri para mim pelo retrovisor enquanto estaciona perto da calçada para que a gente desça.

– Tchau, mãe. Te amo – diz Jorie, ajeitando a bolsa nos ombros. Depois se vira para mim. – Nina, é Leo ou Mark Oberton.

– Quem é Mark Oberton?

– Ele é da minha turma.

– Não. Pare com isso. Por favor. Se eu quiser alguém, pode deixar que eu mesma encontro.

Dessa vez saio andando e deixo Jorie para trás.

E nem sequer olho para descobrir a reação dela.

Nossos autorretratos estão pendurados pela sala e devemos adivinhar quem é quem. Alguns são muito estranhos e confusos, como uma obra de Picasso, e outros, como o de Sariah, são incríveis. O meu? Definitivamente resolvi o problema do olho. Não é nenhum Picasso, não é incrível. Mas é meu rosto. Um rosto muito bom.

Amber está observando meu desenho, depois olha para mim. Ela balança a cabeça e me pergunta:

– Você vai para a turma avançada de artes este ano?

– Não. Você vai?

– Vou, sim. Aquele é o meu. – Ela aponta. – Escolhi uma arte abstrata.

– Está legal. Diferente.

– Obrigada.

Chase se aproxima, se senta a uma mesa, e me oferece um chiclete.

– Você não está usando só preto – comento.

Ele ri, olhando para a própria camiseta cinza com um nome de banda.

– Eles só tinham essa cor no show que eu fui.

– Você deveria ir para a turma avançada – diz Amber, dando um empurrãozinho no meu ombro. – Melhorou muito.

– Obrigada. Quem sabe eu consiga.

– Isso aí, garota – responde ela.

E Chase assente.

A sra. Quinlan pede para Sariah e eu espalharmos os cartazes de uma apresentação de artes que vai acontecer no outono.

– Aquela noite foi divertida – comenta Sariah, segurando um cartaz diante do mural de avisos enquanto eu prendo as pontas com as tachinhas.

– Foi mesmo. Você é hilária.

Voltamos para o corredor e eu prendo mais um cartaz.

– Quais matérias você vai fazer este ano? – pergunta ela.

– Inglês avançado, Álgebra, História Mundial, Espanhol II, Biologia.

– Quando é seu intervalo de almoço?

– No quinto tempo.

– Ei, o meu também! – exclama ela, segurando meu braço.

– Isso é ótimo!

Pregamos mais alguns cartazes e depois descobrimos que estamos perdidas. O prédio é enorme. Depois de um tempo encontramos o refeitório, dividimos um biscoito e planejamos alguns passeios. Sariah está me contando que ouviu dizer que vendem smoothies na cantina do colégio quando noto que Leo Berman está me olhando.

– Ai, meu Deus – sussurro, me virando para o outro lado.

– O que foi?

– São os planos de Jorie – murmuro. – Ela acha que eu deveria ir ao baile com aquele garoto ali.

Sariah olha discretamente na direção do Leo.

– O de camiseta marrom?

– É.

– Por que ela...

– É melhor nem perguntar. Falei que ela não deveria fazer isso, mas ninguém consegue tirar uma ideia da cabeça de Jorie. Uma vez, ela queria que...

Sinto uma coceira na garganta.

Começo a me lembrar de quando Jorie soube que estavam gravando um filme no centro da cidade e queria que fôssemos lá para tentar aparecer como figurantes. A mãe dela não deixou e a minha mãe estava trabalhando, mas Jorie não desistiu até ganharmos permissão para ir na gravação. Porém, ficamos no fim da fila, longe demais para sermos escolhidas.

Ao voltarmos para casa, Jorie pegou uma câmera e fez questão de produzir nosso próprio filme. Nós nos fantasiámos e desfilámos pela casa fazendo um monte de besteira. Ela deu o título de *Esse filme é melhor*. Ainda tenho a fita em algum lugar.

– O que houve? – pergunta Sariah.

– Ah, nada.

Não quero compartilhar essa história. É uma lembrança minha e de Jorie. Passamos por muitas coisas boas.



Um pouco mais tarde, estou arremessando a bola de basquete na cesta do quintal para gastar energia e não pensar. Sobre *nada*.

O sr. e a sra. Millman estão diante de casa segurando celulares e gritando um com o outro. Beanie está ganindo, escondida sob uma cadeira do quintal.

– Que tipo de telefone é esse? – berra a sra. Millman – Onde você comprou? Aposto que foi numa loja dessas cheias de anúncios de promoção.

– Foi na loja do meu primo – responde o sr. Millman.

– O da loja de penhores?

– E daí? Ele vende ótimas mercadorias.

– Os telefones são uma porcaria. Não está ouvindo esse monte de chiado ao fundo? Você precisa devolver.

– Eram ponta de estoque.

– Ponta de estoque? – Ela bate o pé no chão e Beanie solta mais um ganido. – Viu? Nem ela aguenta os chiados.

– Cachorros são mais sensíveis a sons de alta frequência, Myrna. Você sabe disso.

A sra. Millman joga o telefone na cadeira e segura Beanie. O sr. Millman resmunga, pega um charuto do bolso e sente o cheiro.

Estou curiosa. (1) O que são esses telefones novos? E (2) por que esses dois são casados?

Um caminhão de entrega surge na entrada da nossa rua e estaciona na frente da casa deles. O motorista sai, deixa uma caixa na frente da sra.

Millman e pede para ela assinar o recibo.

O motorista vai embora e o sr. Millman fica olhando para a caixa.

– Você enlouqueceu? – pergunta ele.

Ergo o polegar disfarçadamente. Sim!

– Onde foi que você conseguiu *isso*? – insiste ele.

Ela ergue a caixa.

– Comprei na internet.

– Você pagou por isso? E está reclamando dos meus telefones?

Ela aponta com a cabeça para a casa dos Dixon.

– Pretendo descobrir de uma vez por todas o que está acontecendo ali.

Ela se vira e vejo letras garrafais estampadas na caixa: CINCO PASSOS
SIMPLES PARA RASTREAR UM FANTASMA.

O sr. Millman tira as palavras da minha boca ao dizer:

– Você só pode estar brincando. Myrna, não pode simplesmente entrar ali.

– Ah, eu posso, sim. Uma das minhas parceiras de mahjong comprou uma casa do mesmo corretor imobiliário da dos Dixon. Ele me deu permissão para dar uma olhada. Disse que a última coisa que quer ter nas mãos é uma casa mal-assombrada – retruca ela, e volta para dentro carregando a caixa.

O sr. Millman ergue as mãos como se dissesse: *O que eu faço com ela?* Em seguida, ele também entra em casa, dizendo:

– Preciso ver isso. Não abra sem mim!



Li toca minha campainha e, quando atendo, ele diz:

– Preciso urgentemente de um socorro alimentar.

Fico vermelha. O cabelo dele está bagunçado e tem uma mancha molhada na sua camiseta.

– Sobre o que você está falando?

– Por favor, me diga que você sabe cozinhar macarrão.

– Hum... Claro.

Macarrão? Só consigo pensar no nosso beijo. Ele não está pensando nisso também?

Ele passa a mão no cabelo.

– Thomas e eu tivemos a ideia de fazer um jantar de verdade, sem nenhuma comida congelada. E estamos tendo... problemas.

Rio e saio de casa.

– Não me diga que você decidiu abandonar o lado negro da força e fazer uma boa ação?

– Só estamos tentando fazer o jantar – resmungo ele. – Ajude a gente. Por favor. Agora.

Saio andando com ele e penso: *Essa é a número cinquenta e um.*

– Ni, por que você está sem sapato? As meninas não têm, tipo, centenas de sapatos?

– Estamos no verão – respondo, sorrindo.

Ele não comenta o que aconteceu, mas está bem ali. Sinto que está. Será que ele também sente?

– Garota Misteriosa! – grita Thomas, correndo na minha direção com sua capa esvoaçante assim que entro na casa dele.

Pego ele no colo e giro.

– Não sou a Garota Misteriosa.

Ele sussurra em meu ouvido:

– Eu já adivinhei. Você não conta porque precisa manter segredo, que nem os outros super-heróis.

Coloco ele de volta no chão e pergunto:

– Então, qual é o problema com o macarrão?

A casa está exatamente do jeito que me lembro dela. Um sofá velho com muitas almofadas. Cortinas. Uma TV antiga.

– Eli fez uma bagunça! – fala Thomas.

Há pedaços de espagete cru espalhados por todo o fogão.

– Legal – digo, juntando todos e formando uma pilha, enquanto Thomas se senta num banco. – A panela é muito pequena. E você sabe que primeiro deveria ferver a água e só depois jogar a massa, não sabe? – Olho para Eli. – Existe uma coisa chamada livro de receitas. E no fundo do pacote do macarrão tem instruções de como cozinhar.

Ele dá um tapinha de leve no meu braço.

– Tem uma panela maior?

Ele abre o armário e me entrega uma. Eu a encho de água, acendo o fogão e jogo um pouco de sal.

– Devo pegar um pacote fechado de macarrão? – pergunta Eli ao ver a pilha de massa crua quebrada.

– Não tem problema. O gosto ainda é o mesmo.

– Mas quero que o jantar fique bom e não uma bagunça – retruca ele, balançando a cabeça e pegando outro pacote.

– Você tem outra panela para o molho?

– Ali! – Thomas fica de pé no banco e aponta com a espada para o armário, mas o banco cambaleia. – Epa!

Eli corre e o segura antes que ele caia.

– Sente-se no banco, Tom – diz, colocando o menino no lugar.

– Que tipo de super-herói tem que ficar sentado? – retruca Thomas com a testa franzida e os braços cruzados.

O celular de Eli apita, então ele o pega no bolso e manda uma mensagem para alguém.

Jogo o molho na panela. A água do macarrão começa a ferver.

– Obrigado – diz ele, se aproximando para observar. – Muito melhor.

– Jogue o espaguete na água – falo e entrego uma colher para ele. – Agora mexa. Assim a massa não gruda.

– Ok.

– Posso cantar uma música? – pergunta Thomas.

– Claro.

– Eu que inventei.

– Está bem.

– Não fiquem com medo! Não fiquem assustados! Thomas Bennett está aqui! E vai lutar contra os mascarados!

– Nossa, que incrível!

Ele sorri e eu aplaudo. Eli também sorri, mas não para de mexer o macarrão.

Olho ao redor e pergunto:

– O que mais vocês pretendem fazer? Pão de alho? Salada?

Os dois se entreolham e Eli responde:

– Acho que sim.

O portão da garagem se abre. Escuto a voz de Jorie:

– E?

“E”?

Ela entra.

– O que está acontecendo? Vocês estão cozinhando? – Ela pega a colher da mão de Eli. – Eu faço um espaguete maravilhoso.

Desde quando?

– Eli está cozinhando – conta Thomas.

Jorie diminui a chama e explica:

– O macarrão tem que ficar *al dente*, não molengo.

Quem é essa garota?

– Ah – diz Eli, observando-a.

Jorie pega um fio da massa com a colher e coloca na boca de Eli.

– Veja se está no ponto.

Ele mastiga e dá de ombros.

– Acho que sim.

– Perfeito – diz Jorie. – Onde está aquele treco de coar a água?

Tenho vontade de jogar a panela do macarrão em alguém. Não tenho certeza de em quem.

Eli desliga o fogão e pergunta:

– Thomas, onde está...

– O nome é escorredor – resmungo.

– Aquela panela cheia de furinhos? Ali – indica Thomas.

Eli pega o escorredor, coloca na pia e depois despeja o espaguete. Jorie segura o braço dele e tira uma foto dos dois com o celular.

– Essa foto vai ser meu fundo de tela!

Eli olha para a foto.

– Bem – digo –, acho que as coisas estão sob controle agora.

E Eli deveria dizer “Não vá embora”.

Mas não. Ele fica ali parado.

Eu me aproximo bruscamente do fogão e desligo a boca onde está a panela do molho.

– Isso aqui está pronto!

Aquele beijo? Eu estava certa. Foi coisa de momento. O que eu estava pensando? Eli gosta dela. Os dois provavelmente já se beijaram centenas de vezes. Eu sou só a cozinheira.

Jorie dá um pulinho e se senta no balcão de pernas cruzadas.

– Ei, a gente deveria fazer brownies!

Thomas aponta a espada na direção dela.

– Você pode machucar alguém de verdade com isso aí – diz Jorie.

Ele resmunga.

Thomas, tenho vontade de dizer, você tem toda razão.

Volto com passos firmes para casa, com raiva de mim mesma. Simplesmente deixei Jorie assumir o controle, roubar o número cinquenta e

um. Eli tocou a *minha* campainha. Mas o que eu poderia ter feito? Lutado com ela pelo domínio da colher? Tirado uma foto melhor?

Na verdade, Eli não estava impedindo que ela fizesse nada daquilo. Certo? Por que eles vão ao baile juntos. Todo mundo no bairro sabe disso.

Ótimo.

Cansei de tudo isso.



No dia seguinte, Sariah e eu temos um treino de avaliação para garotas que estão pensando em fazer parte do time de basquete. A mãe dela nos deixa na escola. Ela é igualzinha a Sariah e, quando saímos do carro, deseja que a gente se divirta. Nada de conselhos. Que inovador.

Nós duas paramos na frente da quadra e observamos as garotas se aquecendo.

– Elas são gigantescas – fala Sariah.

Uma delas acerta um arremesso de três pontos.

– Gigantescas e incríveis – acrescento.

– Vamos mofar no banco de reservas, sem sombra de dúvidas. Isso se conseguirmos entrar no time.

O treinador nos vê e pergunta:

– Vieram para a avaliação?

– Hum, sim – respondo.

– Então peguem uma bola.

Começamos a praticar arremessos com as outras meninas. Já perdi a prática, por isso erro muito, mas não importa. A sensação de fazer exercício, suar, e esvaziar a cabeça é maravilhosa. Adoro o som de vinte bolas batendo ao mesmo tempo no chão da quadra.

Treinamos dribles e depois jogamos uma partida. Sariah e eu mal tocamos na bola. A garota gigantesca dos três pontos também é fominha. Quando o jogo termina, o treinador a chama para conversar.

– Aposto que ele quer que ela entre para o time do colégio – sussurra Sariah.

– Talvez a gente devesse pensar em outra coisa para fazer – digo, rindo. – Debates? Conselho estudantil? Esgrima?

– Você só pode estar brincando! Já fez esgrima alguma vez?

– Não! E eu não estava falando sério. Jamais colocaria minhas mãos desastradas em uma daquelas espadas compridas.

Sariah cai na gargalhada e sugere:

– Que tal o clube de artes? Eles fazem todos os panfletos e cartazes dos eventos da escola. Eu adoraria participar disso. Vamos juntas na primeira reunião deles? Por favor? Nem fazem avaliação.

Por que será que Jorie surge na minha cabeça? Ela certamente diria que o clube é cheio de gente estranha, que lá não teria nenhum parceiro em potencial para o baile de boas-vindas. Talvez eles sejam estranhos mesmo. Será que também sou?

– Ok, vamos. – Sorrio. – Cinquenta e dois.

– Eba! O que é cinquenta e dois?

– Ah, um bom número.

* * *

À noite, estou com a cabeça cheia e não consigo dormir. Feito roupas numa máquina de lavar, tudo fica girando. Mamãe, vovó, Matt, Sariah e os membros do clube de artes. Mas principalmente Jorie e Eli no baile. O vestido vermelho e a gravata dele combinando. Ele beijando ela.

Finalmente me levanto e calço o chinelo (estou usando sapatos, para variar). Depois saio pela porta dos fundos para a escuridão. Já passa da meia-noite.

Uma noite perfeita. O céu preto e sem nuvens. O ar morno e úmido. Eu me acomodo na rede, apoio as mãos atrás da cabeça, fecho os olhos e fico ouvindo o silêncio.

Mas não está silêncio. Vozes abafadas. Risos. Uma luz na casa dos Dixon. E, pela primeira vez, uma movimentação. Um rosto borrado. Será que a sra.

Millman tinha razão durante todo esse tempo? A casa dos Dixon é mesmo mal-assombrada?

Escorrego para fora da rede. Definitivamente há alguém, ou *algo*, ali dentro.

Atravesso a rua. Será que devo chamar a polícia? Ou acordar meus pais? Onde estará a sra. Millman quando realmente precisamos dela?

Paro na calçada. O vento balança o matagal perto da janela da casa. Se eu vir algo (fantasma ou pessoa), vou correr para casa e chamar meus pais.

Então escuto uma risada.

Fico paralisada.

Não.

Percorro o restante do caminho na escuridão até a casa. Espio pela porta de vidro dos fundos. Matt está sentado no chão da cozinha, acompanhado de três outros garotos, todos formando um círculo. Duas lanternas apontam para o teto, iluminando o cômodo apenas o suficiente para deixá-lo com um aspecto sinistro. Todos estão de boné e óculos escuros e encaram alguma coisa no meio da roda. O que será? Tem um amontoado de garrafas e pacotes de biscoito espalhados, como o lixo que encontrei.

Foi aqui que Matt passou o verão inteiro? *Aqui?* Fico na ponta dos pés, mas não enxergo o que estão fazendo.

Ele invadiu a casa?

Igual ao que aconteceu na escola. Quando ele foi suspenso.

Afundo na grama úmida. Será que está bebendo também?

Ele parecia estar indo tão bem... Parecia ter se acertado, arranjado o emprego na piscina, uma vaga em uma boa faculdade. Ah, Matt...

Eu nunca tinha visto meus pais tão bravos. Mamãe gritou com ele.

“Isso é muito sério. Vai ficar registrado na sua ficha escolar para sempre. Uma suspensão! Vai atrapalhar tudo. A faculdade. Seu futuro. Onde você estava com a cabeça?”

Meu irmão não disse uma palavra. Ficou ali parado.

“Você não tem nada para dizer em sua defesa? Por quê, Matthew, por quê?”

Isso aconteceu um ano atrás, em maio, quando vovó estava quase morrendo. Matt e outro garoto invadiram a sala do diretor, roubaram a chave do elevador e ficaram subindo e descendo durante uma hora até alguém pegá-los no flagra. Também picharam as paredes do elevador.

“Essa foi uma decisão péssima e você vai ter que aguentar as consequências. Espero que isso não se repita.” Matt foi suspenso, perdeu qualquer regalia e teve que passar dois sábados limpando os elevadores. A escola também cobrou uma nova fechadura dos meus pais e Matt precisou pagar por tudo. Foi nessa época que ele se distanciou dos nossos pais. E de mim.

Matt vira a cabeça e me vê. Ele abaixa os óculos escuros e nós nos entreolhamos.

Talvez Eli tenha razão... Será que todo mundo é tão ferrado que boas ações não importam? Será que coisas boas podem realmente fazer algum bem? Alguma diferença?

Alguém grita:

– Toma essa!

Matt olha e cai na gargalhada. Sinto uma enorme vontade de sair correndo. Do meu irmão, de Eli e de Jorie, dos meus pais. De toda essa fase de transição, desse verão de boas ações e de eu-não-sei-mais-o-quê-estava-tentando-fazer.

Tenho vontade de sair correndo até de mim mesma. Por ter inventado tudo isso.



Saio em disparada. A porta se abre.

– Nina!

É Matt, mas não paro.

Corro do mesmo jeito que corri com Eli alguns dias atrás, mas dessa vez estou sozinha. Não tem ninguém para segurar minha mão.

Disparo até o nosso quintal, passo pelo meio das almofadas da namoradeira, depois viro e atravesso o bairro em alta velocidade. Só consigo chegar até o parque antes de me sentir tonta e das minhas pernas parecerem prestes a falhar. Eu me sento num balanço e dou impulso. Aumento a velocidade conforme meu choro aumenta. Estou balançando bem alto, além das árvores, pernas para cima e para baixo, de novo e de novo, puxando o ar espesso da noite de verão para os meus pulmões. Tão alto que desgrudo alguns centímetros do balanço a cada subida. Agarrando as correntes com força. Como se essa fosse a única coisa razoável a se fazer. Balançar. E respirar.

Fico sem energia e deixo o balanço diminuir de velocidade. Então paro.

Olho para a aliança de vovó no dedo. Por que ela não está aqui hoje para ajudar? Ninguém é tão paciente, calmo ou honesto. Não sei de cor todas as Simples Verdades. Por que ela não anotou todas para mim?

Sei que ela não queria continuar naquela situação. Estava muito difícil. Ela nunca titubeou. Mas com essa decisão ela também teve que me abandonar.

Uma das últimas coisas que ela me disse foi: “Ame sua mãe. Ela é o tipo de pessoa que precisa receber mais amor do que consegue dar.”

Mesmo quando eu era criança, tinha a sensação de estar me esforçando para me aproximar da mamãe. Como se o amor dela estivesse bem ali, mas além do meu alcance. Ela se agarrava com força ao próprio amor, como se não quisesse largá-lo. Eu achava que ela me amaria mais se eu fosse engraçada, mais bonita, ou tirasse notas boas. Achava que ela me amaria do jeito que eu queria.

Eu pensava que vovó não entendia como às vezes é difícil amar mamãe. Mas agora sei que foi por isso que ela me falou aquilo. Vovó sabia que não estaria mais aqui para amar mamãe, então eu precisava assumir essa tarefa.

E Matt. Ele é muito parecido com mamãe. Guarda as coisas para si. E também é difícil de amar.

O balanço vazio ao meu lado se mexe devagar. Viro a cabeça e vejo a raposa do outro lado do parque. Como daquela vez, ela me encara. E só tem um rabo.

Então me lembro de algo que li nas pesquisas que fiz na internet na outra noite, quando procurei o significado da palavra *kumiho*.

Em algumas lendas, as raposas têm sabedoria, coragem e a habilidade de se distanciar para observar as situações de uma única perspectiva. Por causa da capacidade de camuflagem e de ficar invisível, a raposa é um animal de lugares e momentos de transição.

Um guardião fiel. Assim como eu.

Ela é muito linda.

A raposa fica parada por mais alguns segundos, e eu também.

Depois disso, some na escuridão.

E uma das SVs da vovó surge na minha mente: Quando decidimos fazer algo e sabemos que é a coisa certa, não devemos deixar ninguém nos convencer do contrário.



No entanto, pensar em Thomas é o que realmente me ajuda.

Pensar nele correndo de capa pelo parque, combatendo os bandidos que ele vê em todos os lugares. Acreditando em super-heróis. Acreditando que eu sou uma super-heroína.

Saio andando lentamente do parque.

Todas essas coisas que tenho feito são como pontos de costura. Algumas são simétricas e firmes, outras precisam ser desfeitas e costuradas novamente. Mas, no final, está tudo conectado.

Viro a esquina e vejo o círculo de oito casas. Em uma perspectiva diferente da que desenhei para a aula de artes. Onde está o ponto de fuga?

A casa dos Dixon está escura. Matt e os amigos devem ter ido embora. Observo minha casa.

Durante todo esse tempo, durante todo o verão, fiz boas ações para os vizinhos. Mas quais relações eu estava tentando costurar de novo? Ou quais pessoas?



Matt anda me evitando e a sra. Millman continua sua busca por fantasmas. Se eu contar que não há fantasma algum, ela vai me perguntar como é que eu sei. Mandeí algumas mensagens de celular para Matt, mas não tive resposta. Acho que ele dormiu na casa de algum amigo depois que o vi da casa dos Dixon.

Às nove da noite seguinte, os Millman, escoltados por Beanie, começam sua ronda. A sra. Millman está toda de preto, com uma lanterna presa na testa e uma câmera fotográfica pendurada no pescoço. O sr. Millman está carregando uma mochila com um kit de primeiros socorros, outra lanterna e garrafas d'água. Os telefones cheios de chiado estão no colo dele.

Eles estão sentados em cadeiras que colocaram na calçada diante da casa dos Dixon.

– O que você espera conseguir com tudo isso, Myrna? – pergunta o sr. Millman.

Ela pega uma caixinha branca de plástico, que faz um barulho a cada poucos minutos, e responde:

– Esse é um detector de CEM, Stan. Campo eletromagnético. Muito sofisticado. Se tiver fantasmas naquela casa, o aparelho vai rastrear e capturar todos. Nós tiramos uma foto e teremos uma prova.

– E depois?

– Vamos pedir para os espíritos pararem de assombrar as pessoas do bairro e seguir em frente.

O sr. Millman cruza as pernas e se remexe na cadeira.

– Então vamos ficar aqui sentados a noite inteira até um fantasma ser reconhecido pelo seu pequeno detector, vamos perguntar gentilmente se ele se importaria de posar para uma foto e depois exigir que voe para longe.

– Em resumo, sim.

– Myrna, estamos casados há quarenta e dois anos. Já vi você suspeitar que seu irmão não era seu irmão de verdade, que meu chefe estava na lista dos terroristas mais procurados, que meu primo fazia parte de um programa de proteção a testemunhas. Mas isso... é a gota d'água.

– Tem coisas acontecendo naquela casa. Estou dizendo isso o verão inteiro, mas ninguém acredita em mim – responde ela, balançando a cabeça.

O sr. Millman suspira.

– Uma coisa eu preciso dizer: você sabe deixar nossa vida mais interessante.

Ela sorri e segura a mão dele.

Os dois ficam em silêncio. O céu escurece. E eles esperam.

Estou prestes a entrar em casa. Nada vai acontecer. Tenho certeza de que o que ela viu foram as sombras de Matt e os amigos. Os Millman gastaram todo esse dinheiro em um equipamento para caçar fantasmas, sendo que, como papai diz, havia uma explicação perfeitamente razoável...

O detector começa a apitar freneticamente.

A sra. Millman se sobressalta na cadeira e liga a lanterna de cabeça.

– O fantasma!

Ai, meu Deus, não me diga que Matt foi estúpido o suficiente para voltar ali.

O sr. Millman pega os celulares e entrega um para a esposa. Os dois vão na ponta dos pés até os fundos, como se tivessem saído do desenho do Scooby-Doo. Parados no meio do matagal, observando atentamente a cozinha, tropeçando um no outro. Estou logo atrás deles. A porta de vidro está entreaberta.

– Olhe só aquilo! – grita a sra. Millman. – Tire uma foto! Tire uma foto!

O sr. Millman pega a câmera do pescoço dela e começa a fotografar loucamente. O flash dispara para todos os lados e a lanterna na testa da sra. Millman parece um farol na praia.

Dou uma olhada ao redor. Tem água no chão da cozinha e uma névoa pairando no ar rançoso da casa. Depois... um forte estampido. Seguido de um ruído.

A sra. Millman se vira e sai correndo. Eu não sabia que ela conseguia se mover nessa velocidade.

O sr. Millman me vê.

– Caramba! – grita ele, correndo atrás dela. – Pela primeira vez na vida, Myrna tem razão.



Continuo parada diante da porta de vidro. Puxo para abri-la.

– Olá?

Nada.

– Olá?

Talvez fantasmas não respondam. Talvez seja necessário ter o equipamento profissional da sra. Millman para fazer contato.

Dou um passo para dentro. Não acredito em fantasmas. Já passou pela minha cabeça que eles existem, como pela de muita gente, mas nunca fiquei convencida. O que é ruim porque, se eu acreditasse, poderia tentar me comunicar com vovó.

– Matt? Tem alguém aí?

Tenho a impressão de que ele está se escondendo no andar de cima com os amigos, mas a casa parece vazia. Não há mais uma névoa pairando sobre a água no chão. Dou uma volta ali. Há moscas zumbindo. E cheiro de mofo. O chão está encharcado, mas parece ainda pior perto da pia. Escuto um barulho borbulhante.

Espere aí. A pia?

O fantasma da sra. Millman poderia muito bem ser um cano de torneira vazando.

Eu me aproximo da pia, chapinhando na água, e abro o armário embaixo. Tem água vazando do cano. Não só isso, mas também garrafas cheias e pacotes de biscoito. Estoque secreto do Matt? O que esses garotos *fazem* aqui, afinal de contas?

Pego uma garrafa com rótulo de papel molhado, temendo pelo pior. Mas fico aliviada ao ver que é apenas refrigerante.

Refrigerante...

Depois que vovó morreu, Matt montou um jogo de cartas de War, abriu duas garrafas de refrigerante e me chamou para jogar. Olhei para ele, me sentindo tão vazia e triste, e disse: “Como você pode pensar em jogar agora? Isso é completamente errado.”

Ele limpou a mesa com a mão, jogando todas as cartas no chão. Eu sabia que ele estava chorando. Depois subiu a escada correndo, batendo a porta do quarto com força.

Eu deveria ter corrido atrás dele. Por que não fiz isso? Eu deveria ter jogado. Também é culpa minha que Matt seja tão fechado. Eu poderia ter me esforçado mais.

Observo o cano pingando e penso. *Se meus pais descobrirem... Se alguém der queixa... Se os Millman voltarem...*

Meus pais disseram que a faculdade cancelaria a matrícula de Matt se ele se metesse novamente em confusão.

Eu me ajoelho e tento apertar o cano no ponto em que está vazando. Um desastre. A água começa a jorrar com ainda mais força. Tento girar para o outro lado, mas o cano nem sequer se mexe e minhas mãos ficam molhadas e escorregadias.

Essa é uma boa ação que não consigo fazer sozinha. Ou anonimamente. Só tem uma pessoa a quem posso recorrer. Eli. Por mais que eu meio que esteja odiando ele. Sei que pode ajudar. Desde que seu pai saiu de casa, é ele quem conserta tudo por lá.

Atravesso a rua correndo e bato de leve na porta. *Por favor, esteja em casa.* Bato novamente, um pouco mais alto.

Nenhuma resposta. Vou ter que cuidar disso sozinha. Entro depressa em casa, pego uma pilha de toalhas e todas as ferramentas que encontro na gaveta da cozinha. Não faço ideia do que sejam, muito menos de como usá-las. Mas já estou saindo apressada, carregando tudo, quando esbarro com Eli. As toalhas caem e uma chave de fenda faz muito barulho ao tocar o chão.

– Venha! – falo, recolhendo tudo rapidamente.

– O que está acontecendo?

– Explico quando chegarmos lá.

– Lá onde?

– Nos Dixon.

– *O quê?* – Eli me segue enquanto atravesso a pista. – Nina! Espere!

O sr. Dembrowski está tirando o carro da garagem. Ele sai na rua no mesmo instante em que alcançamos a calçada dos Dixon. Quando olho para trás, o carro está parado ali, com a janela aberta.

Essa situação não poderia ser mais louca.

– Qual é o problema? – pergunta ele.



— Sr. D. — falo como se conversássemos todos os dias. — Você sabe consertar canos de água vazando?

— Por acaso, sei, sim — diz ele, estacionando o carro e saindo.

Sua aparência é a mais normal possível. Ele usa calça cáqui e camisa azul-marinho. Nada parecido com um criminoso ou um acumulador. E, é claro, ele entende de canos furados. Conduzo os dois até os fundos da casa dos Dixon.

— Ah, não! — exclama Eli. — O que você fez?

— Eu não fiz nada! — grito. — Você acha que fui eu que fiz isso? Simplesmente aconteceu! E estou tentando consertar! É o número cinquenta e três!

Os dois me encaram com olhares confusos.

— O cano embaixo da pia está vazando.

O sr. D. diz que já volta. Entrego algumas toalhas para Eli e, na tentativa de secar toda a água, espalho no chão as que ficaram comigo.

— Você não vai me ajudar? — pergunto quando percebo que ele não se moveu.

Ele desdobra uma toalha e começa a enxugar o chão com os pés.

— Vai ser preciso mais do que só toalhas. Vou pegar um esfregão e um rodo lá na minha garagem.

— Bem pensado — respondo, quase escorregando em uma toalha molhada.

Eli sai assim que o sr. D. entra com uma caixa de ferramentas de metal. Aproxima-se da pia, pega algo que se parece com uma chave-inglesa, em seguida se deita de costas no chão, com metade do corpo para dentro do

armário. Alguns minutos depois, a água para de escorrer. Ele põe a cabeça para fora. Sua camisa está encharcada.

– Ai, meu Deus, desculpe – digo.

– Não tem problema. – Ele se levanta. – Vou passar em casa para me trocar.

– Você estava indo para o trabalho?

– Estava.

– O cano está consertado?

– Por enquanto. Não sou encanador. Mas fiz o que podia.

– O qu-que você faz? – pergunto. – Quer dizer, qual o seu trabalho?

– Sou segurança.

– Ah! – exclamo, balançando a cabeça. Faz todo sentido. Aponto para o cômodo. – Eu realmente não...

– Imaginei.

Eli entra trazendo o esfregão e o rodo. O sr. D. guarda as ferramentas e dá uma olhada no relógio de pulso.

– Em cinco anos, nunca me atrasei para o trabalho. A última vez foi quando alguns meninos do bairro correram pelo meu canteiro de flores.

Mordo o lábio, mas ele pega a caixa, sorri para mim e continua:

– É bom se atrasar de vez em quando. Desse jeito a vida fica menos chata.

Ele passa por cima das toalhas, acena com a cabeça para mim e sai pela porta. Tenho a impressão de que eu e o sr. D. estamos numa boa.

– Que estranho. – Eli olha ao redor da cozinha – Devo perguntar o que foi isso?

– Só se você quiser ouvir uma história de fantasmas.

– Hã?

– É complicado – falo, suspirando.

Eli afasta algumas toalhas molhadas para o lado e começa a usar o rodo para direcionar a água para a porta de vidro.

Eu me dou conta de que o número cinquenta e três é diferente. É excepcional. É uma boa ação com duas outras pessoas.

Enquanto estou ajoelhada tentando secar a água, não consigo me controlar e observo as costas de Eli. Os ombros, os braços dele. Os cachos

do cabelo acima das orelhas. *Pare! Pare de olhar algo que você não pode ter.*

Pego uma toalha e saio para torcê-la no quintal. Quando volto, Eli usa o esfregão para jogar água em mim.

– Ei!

Ele faz de novo.

Arremesso a toalha nele.

Esfregão, rodo, toalhas, água. Estamos encharcados e não tenho certeza de que o chão está mais seco que nós dois.

Ele se aproxima. Toca meu rosto. Estamos a centímetros de distância um do outro.

– E Jorie? – sussurro.

Ele balança a cabeça. Está prestes a me beijar outra vez.

E meus pais escolhem justamente esse momento para chegar.

Ouçõ a voz do meu pai vindo da porta:

– Nina! O que está acontecendo aqui?



Isso não é nada bom.

– Nina! – exclama mamãe devagar, franzindo a testa. – Por que você está aqui?

Papai observa as toalhas, a água, o armário aberto.

– O que aconteceu? Foi você que fez isso?

– Não. Eu estava só arrumando.

Ele passa pelo meio das toalhas e dá uma olhada embaixo da pia. Eli e eu damos um passo para nos afastar um do outro.

– Pai...

– Sr. Ross – chama Eli. – Nina veio me encontrar e...

– Que bagunça – comenta mamãe enquanto examina o cômodo. – Não estou acreditando nisso. Vamos ter que entrar em contato com a imobiliária. Não vou pagar por isso.

Começo a sentir dor de cabeça.

– Mamãe! Por que você teria que pagar? Não fui eu que fiz isso.

Papai pega uma das garrafas e a examina. Noto sua expressão. Ele sabe.

– Não é culpa sua, certo? – pergunta ele. Eu me lembro de mamãe dizendo ao meu irmão: “Essa foi uma decisão péssima e você vai ter que aguentar as consequências.”

– Não foi Matt! – grito. – Foram uns adolescentes! Não sei quem eram! Só sei que estavam aqui.

– Você os viu? – pergunta mamãe.

– S-sim!

Mamãe e papai se entreolham. Papai dá ligeiramente de ombros e balança a cabeça.

– Eu juro!

Com a mão nas costas, cruzo os dedos. Depois me viro e olho para Eli. Isso é uma boa ação? Estou mentindo. Minha cabeça está latejando tanto que é difícil pensar direito.

Papai segura meu braço e fala:

– Você vai para casa agora mesmo. Sua mãe e eu vamos cuidar do resto da bagunça mais tarde. Nina, isso é invasão de domicílio. Vandalismo. Você precisa nos contar a verdade. Entendeu?

– Eu não invadi! A porta estava aberta!

Nem sequer consigo olhar para Eli. Como se eu tivesse cinco anos, papai me puxa para fora, segurando meu braço com força.

Alguns minutos depois, estamos sentados ao redor da mesa da cozinha.

Mamãe está mais calada do que o normal, mas de repente diz:

– Só nos diga uma coisa, Nina. Foi Matt, não foi?

– O refrigerante – acrescenta papai. – Ele está sempre bebendo aquele refrigerante.

– Não – respondo, controlando o tom de voz. – Isso é uma coincidência. Escutei alguns barulhos, por isso fui até lá e um grupo de garotos saiu correndo da casa. Quando entrei, vi que vazava água daquele cano e o chão estava inundado.

Meus pais não estão convencidos.

– Por que Eli estava lá? – indaga mamãe.

– Estava me ajudando a limpar.

– Por que você não nos chamou?

– Vocês? Vocês não estão muito *ocupados*? Não têm que cuidar do *caso*? Eu teria ouvido um “Só um segundinho, querida” e vocês nunca teriam aparecido. Todas as noites se sentam aqui e ficam trabalhando. É só com isso que se importam agora.

Mamãe fica chocada.

– Você não faz ideia da pressão que temos enfrentado – justifica papai.

– Você é que não faz ideia! – grito. – Não faz ideia de nada.

– Nina, isso não é verdade – afirma papai, com a voz falhando.

– Vamos focar o problema. – Mamãe apoia as mãos entrelaçadas na mesa.

– Você tem certeza absoluta de que não conhece os garotos?

Fico em pé. Só consigo pensar em como me senti quando Eli se aproximou. Eu queria tanto dar um beijo nele...

Papai esfrega a testa e comenta:

– Ao esconder alguma informação, você é, de certo modo, igualmente culpada. Estamos tentando manter você longe da confusão. É para o seu próprio bem.

Para o meu próprio bem. Certo.

– Foi Eli? – repete mamãe. – Não me surpreenderia. O pai dele é um imprestável. Todo mundo sabe disso. Você não tem que ficar andando com esse menino por aí ou se envolvendo com os problemas dele. Logo mais viram seus problemas.

– Isso não é *Romeu e Julieta*. – Eu a fuzilo com os olhos. – Eli é uma das melhores pessoas que conheço. Não é nem um pouco parecido com o pai.

– Não tenha tanta certeza assim.

– Vovó tinha razão! Você dificulta tudo! – grito. – Será que você poderia, pelo menos uma vez na vida, não ser tão durona com tudo?

Mamãe me encara.

– Não mude de assunto, Nina. Não estamos falando sobre a vovó. Ou... sobre mim.

Papai olha para ela e depois tenta segurar minha mão.

– Nina, querida, se alguém viu você lá, se você sabe de algo...

Eu me esquivo antes que ele encoste em mim e retruco:

– Não espero que vocês entendam, mas eu estava tentando fazer uma boa ação.



Ross e Gentil me mandam uma mensagem de texto na manhã seguinte avisando que estão prestes a fechar o caso e só vão chegar tarde em casa. *Tente se manter longe dos problemas das outras pessoas hoje*, escreveu mamãe. Ela está tentando ser engraçada?

Volto para a cena do crime. A porta de vidro está fechada. Dou uma olhada lá dentro. Eli deve ter terminado de limpar tudo. As toalhas, o esfregão e o rodo sumiram e o chão parece seco.

A casa dos Millman está estranhamente silenciosa.

No caminho para casa, Jorie me chama pela janela:

– Nina! Preciso de você! Suba aqui!

Ela deixou dois vestidos em cima da cama: um vermelho acetinado e outro roxo esvoaçante.

– Recebeu minhas mensagens? – pergunta.

– Não.

Jorie resmunga em resposta.

Talvez essas mensagens perdidas sejam um símbolo da nossa amizade: sobrevivendo através de poucas palavras espaçadas.

Ela aponta para os vestidos.

– Qual dos dois?

– Para o baile de boas-vindas?

– Dã.

Eu me sento na cadeira de pelos que faz minhas pernas coçarem. Sinto como se o tecido fosse me engolir.

– Me diga a verdade – peço. – Agora. Você vai mesmo ao baile com Eli?
Ele convidou você?

Ela pega um vidro de esmalte e o sacode.

– Só quero saber qual vestido você prefere. Comprei os dois porque não tinha certeza. Mamãe acha...

– Jorie.

– Nós vamos juntos. – Ela afasta os vestidos e pula em cima da cama. – Só estou esperando ele dizer sim. E ele vai dizer.

– Como assim?

– A questão é a seguinte, Ni. Cansei de esperar, então convidei ele. Quer dizer, já estava tudo certo, então qual a diferença entre quem foi que convidou?

Eu me levanto e coço a perna. Como consegue se sentar nessa cadeira?

– Faz muita diferença. Então foi você que colocou o cartaz na garagem dele?

– Foi.

– Ele não convidou você?

– Não. E daí?

– Você disse. Durante todo esse tempo, você deu a entender que...

– Nós ainda vamos juntos. E ainda estou me esforçando para Leo convidar você.

– E eu já falei para não fazer isso. Não quero ir com Leo. Ou Grady. Ou nenhum outro garoto que você acha que deveria ir comigo. Estou combinando de ir com Sariah e outras garotas.

Jorie começa a mexer no cabelo.

– Espere aí. Sariah?

– Ela estava na sua festa.

– Ah. Ela é sua amiga? – Jorie se esparrama na cama. – Por que você iria só com garotas?

– A gente achou que seria divertido.

Ela dá um pulo e me abraça apertado.

– Mas quero muito que você vá comigo! Seria bem mais divertido ir com garotos. Isso é o ensino médio! O pacote completo, sabe. Vestidos, sapatos

lindos de morrer, corsages, fotos.

– Mas por que eu não poderia ter vestidos e fotos se for só com garotas?

E por que não poderia usar sapatos lindos de morrer?

– Você pode, claro que pode, mas não é a mesma coisa.

Não respondo e ela me encara.

– Qual é o problema? Você parece triste.

– Jorie, você fala as coisas e nem se preocupa com o sentimento dos outros. Com o meu sentimento.

– Desculpa.

Vou até a porta.

– Às vezes, você passa dos limites.

Ela se senta na cadeira de pelos e ergue os joelhos.

– Vou atrás do que eu quero. Como falei na festa, você precisa fazer acontecer. Meu pai fala isso o tempo inteiro para mim. Então, qual é o problema?

Balanço a cabeça.

– Preciso ir.

– Espere aí, você ainda não disse qual é o melhor vestido.

– Use os dois. Troque de vestido no meio do baile.

Jorie quase engasga.

– Eu não tinha pensado nessa possibilidade! Será que eu deveria fazer isso? Eu poderia fazer! – Ela franze a testa. – Mas como eu pegaria o outro vestido no meio do baile? Poderia pedir para minha mãe levar para mim.

Dei a ela algo no que pensar pelo restante do dia. Mas é algo triste demais para entrar na contagem de boas ações.



Vou chegar ao número 65 nem que isso acabe comigo.

54. Dou a volta na casa do sr. D. e rego as não-me-esqueças. Vários outros pontinhos verdes despontaram. Vovó está despontando por todo canto aqui.

55. Deixo um bilhete na caixa de correio dele dizendo: *Obrigada pela ajuda naquela noite. Espero que você não tenha se atrasado muito para o trabalho :)* De Nina Ross.

56. Mando para meu irmão uma mensagem de texto séria: *Pare de me evitar. Precisamos conversar.* Tomara que a mensagem chegue.

Faltam apenas nove.



Eli aparece na minha porta com as toalhas empilhadas e dobradas. Secas e extremamente limpas.

– Por mais que eu seja péssimo cozinhando macarrão, aprendi a lavar roupa direitinho – diz ele, sorrindo. – Alguma pergunta sobre lavanderia? Eu sou o cara.

Pego as toalhas.

– Obrigada. Por ter lavado. E limpado tudo na casa. Eu teria ajudado, mas...

– Sem problemas.

Ficamos parados ali, constrangidos.

Estou morrendo de vontade de perguntar a ele sobre o baile, mas aí eu seria como Jorie. Alguém que pressiona.

– Foram mesmo alguns adolescentes que invadiram? – pergunta Eli.

Não respondo.

– Tudo bem. Não precisa me falar.

Por cima do ombro dele, vejo a sra. Chung. Andando de triciclo.

Deixo as toalhas num canto e saio de casa.

– Olhe só, a sra. Chung tirou o gesso – observo.

Ela está dando voltas devagar na rua num triciclo para adultos que tem uma cestinha de metal na frente. As pernas dela parecem normais de novo. Ela acena para mim e eu faço o mesmo.

Eli balança a cabeça e diz:

– Você é...

– O quê?

– Não sei nem descrever. Você é tão prestativa o tempo inteiro... – Ele olha para os meus pés. – E tem algum tique nervoso com sapatos.

Sorriso.

– O que eu posso dizer?

Por trás de Eli, a sra. Chung faz um sinal positivo para mim.

Eli vai até a grama e finge arremessar uma bola de basquete.

– Bem, vou indo – diz ele.

Alguma coisa acontece. De repente sinto uma necessidade de... Eu nunca tinha feito nada como isso. Saio correndo, dou um pulinho na direção de Eli e dou um beijo na boca dele.

A sra. Chung para o triciclo e bate palmas suavemente.

Eli se inclina e retribui meu beijo. Bem ali. Na grama morna. Debaixo do sol quente.

Só que...

Vejo um lampejo de cabelo na janela de Jorie.

Ela viu. Ela sabe. Ai, meu Deus, estou ferrada.



O que foi que eu fiz? Minha vida, o Crescente Fértil, tudo está uma bagunça.

Dois dias depois, Jorie não fala comigo, Eli desapareceu de novo – talvez por causa de algo relacionado ao pai – e Matt não respondeu minha mensagem. Meus pais parecem ter esquecido a invasão da casa dos Dixon e estão trabalhando mais do que nunca. E faz dias que os Millman não saem de casa.

Escuto a sra. Cantaloni contar para a sra. Chung que a sra. Millman está sofrendo de estresse pós-traumático. A mesma coisa que Beanie teve.

– Tenho feito compras no mercado para eles. Pobre Stan, está muito preocupado com a esposa. Ela está tomando remédios. Pelo jeito, os dois realmente viram um fantasma ali dentro – diz a sra. Cantaloni.

A sra. Chung estreita os olhos.

– Aquele lugar pode mesmo estar mal-assombrado – continua a sra. Cantaloni, esfregando a barriga. – Quer dizer, você não acha que há muitas coisas no universo sobre as quais não sabemos absolutamente nada?

A sra. Chung assente devagar.

Os filhos da sra. Cantaloni estão se empurrando no gramado.

– Não empurre seu irmão, Jack! Quantas vezes tenho que dizer isso? – grita a sra. C. e se aproxima deles. – Jack! Jeremy! Jordan! Já para dentro!

Os garotos correm para dentro de casa, a sra. Cantaloni os segue e a sra. Chung continua passeando de triciclo. Thomas surge no meio dos arbustos e vem saltitando até mim.

– E aí? – pergunto.

Ele coça uma mordida de mosquito no braço e fala:

– Sabe a garota que mora ali? – Ele aponta para a casa de Jorie. – Ela foi lá em casa e gritou com Eli. – Thomas arregala os olhos e acrescenta, sussurrando: – Está brava com você. Brava de verdade.

Suspiro.

– Mas Eli também estava bravo com ela. Os dois gritaram tanto que precisei tapar os ouvidos!

Meu coração acelera.

– Por que Eli estava bravo?

Thomas coloca as mãos no quadril e responde:

– Por causa do cartaz que ela colocou na nossa garagem. Eu também ficaria muito bravo se alguém pendurasse um cartaz na minha casa contra minha vontade.

Um caminhão branco surge na entrada da rua.

– O que está escrito ali? – pergunta Thomas.

Leio as letras na lateral.

– EIPI. Equipe de Investigação Paranormal de Illinois. Para todas as suas necessidades fantasmagóricas. Não acredito nisso! – exclamo enquanto Thomas, na defensiva, ergue a espada.

Um cara de macacão azul-marinho desce do caminhão e bate na porta dos Millman, que se abre. Ele entra e some por alguns minutos, depois os três aparecem. A sra. Millman está com olheiras. Ela veste um conjunto de moletom cinza e seu cabelo está uma bagunça.

Eles dão a volta na casa dos Dixon. O cara de macacão está segurando um pequeno gravador e fala algumas coisas para a entrada de som. A sra. Millman deve estar narrando como foi a aparição do fantasma.

– Isso é uma completa loucura – falo para Thomas, que corre até a calçada e aponta a espada para a casa dos Dixon.

– Pou! – grita.

Os três conversam mais um pouco, parados na calçada. Até que finalmente o cara volta para o caminhão e vai embora.

O sr. Millman dá um tapinha suave nas costas da sra. Millman.

– Eles vão cuidar de tudo, Myrna – afirma ele. – Não se preocupe. Vamos nos livrar do fantasma.

Thomas corre de volta até mim e exclama:

– Esse é o lugar mais emocionante do planeta!

Cinquenta e sete?



Jorie está batendo na porta da minha casa.

– Não estou falando com você – afirma ela enquanto entra dando passos pesados. – Só vim dizer uma coisa. Você está perdendo seu tempo. Pode desencanar.

Jorie já teve dias melhores. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo desgrenhado. Nenhum gloss nos lábios. Short velho desfiado. Olhos inchados e vermelhos.

– Sobre o que você está falando?

– Sobre ele. – Ela indica com a cabeça a casa do Eli. – Ele vai chamar outra pessoa. Nem você, nem eu.

Engulo em seco.

– Como você sabe?

– Ele me disse.

Respiro fundo.

– Quem ele vai convidar?

– Não sei – responde Jorie. – Mas isso está me matando. Ele não me deu um nome. Só falou: “É outra garota.” Fuxiquei o Facebook dele, mas não consegui descobrir.

Afundo no sofá. Agora entendi tudo. Agora faz sentido. Eli finge ser esse garoto fofo e legal, que cuida do Thomas e pede ajuda para fazer macarrão, mas na verdade é tudo um joguinho. Durante todo o verão, ele deu em cima de nós duas, mas, na realidade, o plano dele era convidar outra menina. Provavelmente uma garota linda, das turmas avançadas, uma das estrelas de

algum time do colégio que também faz parte do conselho estudantil, ou seja, incrível em milhares de aspectos.

Jorie cruza os braços.

– Vi Eli com a prima de Tyler na escola. Deve ser ela. Nós duas fomos muito idiotas... – Ela tira um lenço do bolso e assoa o nariz. – Por que você beijou ele? Sabia que eu gostava dele. Nós somos *amigas*. Isso não se faz.

Ela tem razão.

– Desculpa, Jorie, desculpa mesmo. Não era minha intenção que aquilo acontecesse. Eu juro.

– Como você não tinha intenção de que aquilo acontecesse se foi *você* que beijou ele?

Olho para baixo e respondo:

– Ele me beijou primeiro. Semana passada.

– O quê? – Ela fica perplexa. – Como foi que isso *aconteceu*?

– Ele estava chateado, o pai dele apareceu, estavam brigando...

Jorie se senta no chão, depois começa a chorar, por isso esconde o rosto com as mãos. Os ombros dela tremem. Eu me sento ao lado dela e também choro. Estamos de pernas cruzadas, e nossos joelhos se tocam. Mas ela se afasta. O rímel escorre pelas bochechas dela feito um rio preto.

Contenho um soluço e digo:

– Você está horrível.

Ela funga e responde:

– É, por sua causa.

Pego outro lenço para Jorie, que limpa os olhos e depois me encara.

– Não vou conseguir perdoar você. Eu queria voltar a ser criança. Era muito mais fácil.

– Eu sei – concordo, colocando o braço ao redor dela.

Mas Jorie se esquiva.

– Ainda estou chateada. Nunca pensei que você faria uma coisa dessas. Outras garotas, sim. Mas você, não.

– Desculpa, Jorie, desculpa mesmo. Não dei em cima de Eli. Eu sou amiga dele. Só estava tentando ajudá-lo.

– Eu achava que conhecia você – diz ela, engolindo em seco.

Eu encaro seus olhos azuis chorosos. Jorie se levanta, ajeita os ombros e arruma a camiseta. Depois sai pela porta.

As coisas acontecem quando têm que acontecer. Será que eu tinha a intenção de magoar Jorie? Eu só queria beijar Eli.

Vovó não me explicou que poderia haver complicações.



Basta isso.

Uma mudança de ideia. A decisão de não desmentir minha história. E o alerta de uma onda de calor.

Quando acordo na manhã seguinte, Ross e Gentil estão em casa, sentados na mesa da cozinha usando roupões de banho. Estranhamente silenciosos. A mesa vazia. Mamãe encarando a janela.

– O que houve? – pergunto. – Vocês estão me assustando.

Mamãe me lança um olhar vazio, depois pega a caneca de café.

– Eu bebi tudo?

– Uma hora atrás – responde papai, enchendo uma caneca nova para ela.

– Eu sabia que isso poderia acontecer, claro que sempre é uma possibilidade. Mas nem em um milhão de anos eu imaginaria que realmente aconteceria – diz ela.

Papai coça o queixo, a barba ainda por fazer, e fala:

– Nunca dá para saber o que se passa na cabeça das pessoas.

– O que aconteceu?

– Melanie – responde mamãe – mudou de ideia. Ela nos ligou de manhã cedo com novidades. Depois de tantas discussões, de se odiarem tanto... de toda essa confusão jurídica... ela decidiu voltar para o marido.

– Sério?

– Acontece... O amor é um sentimento engraçado – comenta papai.

Mamãe dá um risinho.

– Amor? Ela ganhou um anel de diamantes de cinco quilates e disse que isso a fez perceber o quanto ela ainda o ama. Ou seja... Fim da história para

nós. Ela encerrou o caso.

– Uau! – exclamo. – Simples assim?

– Simples assim – repete papai, assentindo.

– Dou seis meses para eles – dispara mamãe, suspirando.

Matt se esgueira para dentro da cozinha.

– O que está acontecendo? – pergunta ele.

Pela primeira vez em muito tempo, nós quatro estamos juntos no mesmo ambiente.

– Alguém, tipo, morreu ou algo assim? – insiste ele.

– A cliente deles encerrou o caso – respondo.

Matt ergue as sobrancelhas, se apoia no balcão e evita olhar para mim.

– Parece que está nos jornais – fala papai. – Não estamos acompanhando.

Mamãe se levanta e vai até a porta do quintal.

– Sabiam que alertaram para uma onda de calor hoje? E também para os próximos dias. Minha mãe dizia que o calor enlouquecia as pessoas.

– Uma Simples Verdade? – pergunto.

Mamãe me olha e balança lentamente a cabeça.

– Você está levando isso muito a sério, Erica – afirma papai. – Nós deveríamos ir para o centro da cidade. Cuidar do restante do trabalho.

Mamãe nega com a cabeça.

– Hoje, não. Eu me envolvi demais com esse caso. Todas aquelas horas de trabalho que faturamos... Não estou me sentindo tão bem quanto achei que me sentiria. Estou irritada e muito cansada.

Nós quatro ficamos ali parados. O ar gelado que sai pela passagem de ar bate em meus pés. O sol está formando um prisma colorido na mesa. A máquina de café está piscando: adicione água.

Papai olha para Matt.

– Ainda não tivemos um minuto livre, mas precisamos saber, Matthew, você foi na casa do outro lado da rua naquela noite? Diga a verdade.

– Já falei para vocês – retruco, antes que Matt possa responder. – Vi alguns adolescentes saírem correndo de lá. Por que não acreditam em mim?

– Vocês sempre tiram conclusões precipitadas – completa Matt.

– Se você aprontou mais alguma – começa papai, cerrando o maxilar.

– Não foi ele! – grito.

Cinquenta e oito. Acho.

Um longo silêncio. Preciso fazer alguma coisa. Agora mesmo. E rápido.

– Vamos tomar café da manhã – disparo. – Estou morrendo de fome.

O ar-condicionado estala. Alguns segundos se passam.

– Agora que você falou – diz papai.

– Estou sempre com fome – completa Matt, dando de ombros.

Mamãe revira uma gaveta e pega uma frigideira.

– Acho que ainda sei fazer ovos mexidos.

– Agora você está me assustando *de verdade* – digo, brincando.

Ela ri. Uau.

Papai se senta, toma um gole de café e fala:

– Erica, quer saber de uma coisa? Eu estava satisfeito com o antigo esquema Ross & Gentil. Antes de Melanie chegar e virar tudo de cabeça para baixo. Acho que precisamos de um pouco de perspectiva.

Mamãe está quebrando ovos. Seus ombros murcham, mas ela não responde. Então percebo que há algo no armário dela que não é preto. O roupão de banho. É cor-de-rosa, estampado com pequenas flores, e era de vovó.

– Perspectiva é legal – concordo e abro as portas dos armários. – A sra. Quinlan diz que é a base de tudo.

– O que você está procurando? – pergunta mamãe, misturando a massa de panqueca.

– Aqueles copos.

– Quais copos?

– Já achei.

Os copos chiques que usamos para tomar limonada muito tempo atrás. Estão empoeirados.

Milagrosamente, temos morangos. Matt limpa os copos enquanto eu lavo os morangos e faço um corte em quatro deles. Nós dois arrumamos a mesa. Cinquenta e nove. Uau de novo.

Ovos mexidos. Panquecas queimadas. Suco de laranja levemente passado, que papai diz que dá para beber. Nós quatro sentados na mesa da cozinha.

Conversando sobre coisas bobas. Fazendo piadas. Papai cortando as panquecas do mesmo jeito que costumava cortar espaguete.

Nada perfeito. Um pouco enferrujados.

Mas ainda assim uma família.



Depois do café da manhã, Matt se senta na minha rede.

Eu me acomodo na grama ao lado dele.

Estamos em silêncio, apesar de tudo o que há para ser dito. Não sei por onde começar.

– Você não contou a eles que me viu na casa – diz ele, por fim.

– Não.

– Mas não entendo... Por que acham que eu estava lá?

– Na noite da inundação eles viram o refrigerante que você toma.

– Que inundação?

– Um cano estourou e inundou o chão da cozinha. Os Millman acharam que era um fantasma. O sr. Dembrowski, Eli e eu estávamos limpando quando mamãe e papai nos encontraram. Eles tinham certeza de que a culpa era sua.

Matt está me encarando.

– Fantasma? O sr. Dembrowski? O quê?

– É uma longa história.

– Enfim... Você não precisava ter me protegido.

– Mas eu protegi.

– Por quê?

– Papai falou que se você se metesse em alguma confusão de novo... poderiam cancelar sua matrícula na faculdade. Seu futuro estaria arruinado.

Ele se levanta. A rede balança.

– Olha, eu só precisava ir a algum lugar, está bem? Para fugir de tudo. De todos. Você não se sente assim às vezes?

– Com certeza.

Matt pula para sair da rede, puxa uma folha da árvore e depois a rasga ao meio.

– A gente só queria um lugar para passar o tempo. Achávamos que ninguém ia descobrir. Não foi como daquela vez, na escola... Eu juro, Nina. Não roubamos nada.

– Mas vocês invadiram.

– O cadeado já estava quebrado – justifica Matt, balançando a cabeça.

– O que vocês estavam fazendo ali, afinal?

Ele dá de ombros e sorri.

– Jogando pôquer.

– *Pôquer?*

– Ahã. É que eu tenho essa meta. Ainda não contei para ninguém. Eu queria jogar no campeonato mundial de pôquer. Estou ficando muito bom. Também tenho participado de alguns campeonatos online.

Eu me lembro do dia em que ele me ensinou.

– Mas eu ganhei de você.

– Sorte de principiante – diz ele, rindo.

– Ah, ok, então é assim que você chama aquilo?

Ele se encosta no galho de uma árvore.

– Tenho certeza de que papai e mamãe vão ficar muito animados. *Bela meta de vida, Matthew. Mas vamos falar sério. Você já considerou estudar Direito?*

– Ainda não entendo por que você foi para a casa dos Dixon. Por que não jogou aqui ou na casa de um dos outros garotos?

– Não é a mesma coisa. Lá era mais reservado. Podíamos ficar acordados até a hora que quiséssemos e fazer barulho.

Assinto e me lembro daquela noite, todos de boné e óculos escuros. Eles estavam jogando pôquer. Só isso.

Matt suspira.

– É, talvez não tenha sido uma ideia tão genial assim. Não voltamos mais lá. E imagino que eu esteja te devendo uma. Mas você também me deve uma.

– Sobre o que você está falando?

– Vi você outro dia. – Ele sorri. – Plantando as flores da sra. Chung. Meu coração para de bater por um segundo.

– Você viu?

– Eu estava no quarto. Quando saí de casa, ela veio me perguntar se eu tinha visto alguém. Ela estava tremendo, Nina, e não conseguia entender o que havia acontecido.

– O que você disse?

Ele estreita os olhos.

– Eu disse: “Não se preocupe. É preciso aceitar algumas coisas no universo sem questionamento.”

Isso se parecia muito uma das SVs da vovó.

– Matt?

– O que foi?

– Desculpe por não ter jogado cartas com você naquele dia depois que vovó morreu.

– Tudo bem.

Ele assente. Um carro com dois garotos chega.

– Ross – chama um deles. – Vamos nessa.

Matt olha para mim e fala:

– Vou contar a verdade para mamãe e papai. Eu juro.

Os garotos buzina.

Arranco um pouco de grama e jogo nele.

– Vai lá jogar pôquer.

– Ok, Nina-menina.

Ceguei ao número sessenta.

Extraordinário.



O caminhão da EIPI está de volta.

É o crepúsculo, a hora de transição em que noite e dia se encontram. As folhas das árvores estão murchas, o ar está abafado. É o terceiro dia da onda de calor.

Os Millman estão diante da casa dos Dixon conversando com três caras de macacão azul-marinho. A sra. Millman parece mais normal... para os padrões dela.

– Isso é pesado demais para mim e o sr. Millman. – Escuto a sr. M. dizer para eles.

– Se tem um fantasma aqui, nós vamos achá-lo – afirma um dos caras de macacão.

Os macacões deles têm a sigla EIPI nas costas, logo acima da pergunta VIU UM FANTASMA?. Alguns vizinhos saem na rua. A sra. Chung. A sra. Cantaloni, que está enorme e conversa com a sra. Bennett. Jack, Jeremy, Jordan. Thomas de capa e espada. Os pais de Jorie. E os meus também.

– O que está acontecendo aqui? – pergunta papai à sra. Millman.

– Algumas noites atrás – diz ela –, Stan e eu vimos um fantasma dentro daquela casa. Esses homens são a Equipe de Investigação Paranormal de Illinois. São treinados para lidar com essas situações.

Papai encara a sra. Millman.

– Você viu um fantasma de verdade?

Ela balança vigorosamente a cabeça e o sr. Millman entra na conversa:

– Eu também vi.

– É melhor todos se afastarem do local – ordena um dos caras de macacão.

Os outros dois estão apoiando uma escada muito alta na parede da casa. Aos poucos, todos se encaminham para o meio da rua.

– O que exatamente você viu? – pergunta o pai de Jorie.

A sra. Millman fecha os olhos, como se a memória fosse dolorosa demais.

– Água. Uma névoa circulando o ar. Batidas, ruídos. E a nítida sensação de que *não estávamos sozinhos*.

A sra. Chung assente e acrescenta:

– O espírito da raposa.

O pai de Jorie e o meu reviram os olhos.

– Não sei o que era, se um fantasma ou um espírito de raposa, mas definitivamente há alguma coisa de outro mundo naquela casa – afirma a sra. Millman. – E precisamos agir. Pedir que nos deixe em paz. De uma vez por todas.

– Tenho certeza de que há alguma outra explicação – afirma papai.

– Você conversou com o corretor sobre isso? – pergunta o pai de Jorie.

A sra. Millman põe as mãos nos quadris e retruca:

– Ah, ele concorda comigo. Nós nos tornamos bons amigos. E ele também acredita em espíritos. Estou autorizada a terminar essa investigação.

Os caras de macacão estão trazendo os mais diversos tipos de equipamento: pequenas caixas de metal iguais à da sra. Millman, uma filmadora, duas câmeras fotográficas com lentes enormes e lanternas. Eles colocam os bonés, depois se abaixam e apertam os cadarços dos sapatos.

– Vamos entrar – avisa um deles. – Não toquem na escada. Talvez seja preciso subir no telhado mais tarde.

E seguem para os fundos da casa. Papai se vira para mim e depois para a sra. Millman.

– Espere aí. Água? Algumas noites atrás? Você viu água dentro da casa?

– Vi.

– Nos fundos? Na cozinha?

– Você também viu? – pergunta a sra. Millman, sobressaltada.

De repente, Matt está ao meu lado. Em que momento ele chegou?

Thomas está zanzando ao redor do grupo, golpeando o ar com a espada. Dá para ver a luz das lanternas dentro da casa dos Dixon pelas janelas.

– Nina? – chama mamãe. – Foi naquela mesma noite?

A sra. Millman aponta para mim.

– Você estava bem atrás de nós e também viu, não foi?

Todos olham para mim.

– Foi, mas... – balbucio. – Não acho que era um fantasma. De verdade, sra. Millman. Eram só alguns garotos. E o sr. Dembrowski consertou o vazamento.

– O sr. Dembrowski? – Ela balança a cabeça. – Não, eu tenho certeza! O fantasma abriu a torneira. Ouvi dizer que conseguem fazer esse tipo de coisa.

Matt se aproxima dos nossos pais. A sra. Chung está explicando a lenda da *kumiho* para a mãe de Jorie, que parece confusa.

– Hum, mãe, pai – chama Matt. – Posso falar com vocês?

Um dos caras de macacão sai correndo da casa em nossa direção:

– Estamos encontrando sinais! – grita ele, e, em seguida, dispara de volta para dentro.

Thomas atravessa a rua correndo, a capa esvoaçando atrás dele, a espada empunhada para o alto. Ele chega ao pé da escada:

– Vou pegar os bandidos!

– Thomas! Não! – grito, mas ele já subiu alguns degraus.

Corro até a escada. Ele já está lá no alto quando deixa a espada cair. E não faz barulho algum ao atingir o chão. Thomas olha para trás e grita:

– Minha espada!

E então os postes da rua se apagam. E as luzes das casas também. O bairro inteiro fica na escuridão.



Agarro a base da escada.

– Thomas! Não se solte!

– Nina! Minha espada!

– Não se preocupe com a espada. Só se segure!

Começo a subir. A escada balança. Mal consigo ver Thomas.

Escuto meu pai gritar:

– Esses caras dos fantasmas devem ter detonado o circuito de energia!

– Vou ligar para a companhia de energia elétrica! – exclama o pai da

Jorie.

– Nina! – A voz de Thomas sai trêmula.

– Estou indo! Não saia daí!

Mamãe e a sra. Cantaloni estão ao pé da escada, olhando para cima.

– Nina, tome cuidado! – diz mamãe, segurando firme a base da escada.

Minhas mãos estão suando e minhas pernas vacilam.

Finalmente, consigo agarrar Thomas. Ele está a salvo. Nós estamos a salvo.

– Eu ia capturar os bandidos – diz ele, com o lábio tremendo.

– Thomas. Você já passou o verão inteiro fazendo isso.

Eu também.

Ele sorri, eu suspiro.

– Vamos descer juntos, ok?

De degrau em degrau, de pouco em pouco, eu o segurando, ele me segurando. Eli e a sra. Bennett estão nos observando.

Ela agarra Thomas e dá um abraço forte no filho.

– Nunca mais faça nada desse tipo.

– Onde você estava com a cabeça, Tom? – pergunta Eli, se ajoelhando ao lado do garoto.

Encontro a espada na grama e entrego para Thomas. Estou tremendo. Sessenta e um.

Mamãe envolve meus ombros com o braço.

Thomas me olha. De um super-herói para outro. Não é um trabalho fácil.

Os caras da EIPI continuam rondando a casa dos Dixon com lanternas e eu vejo as sombras deles. Ou as sombras dos fantasmas. Vai saber?

A sra. Cantaloni se apoia na sra. Chung.

– Ai, meu Deus. Minha bolsa estourou.



Mamãe corre para perto da sra. Cantaloni e, junto com a sra. Bennett, a ajuda a andar.

– Vamos levar você para o hospital – fala mamãe.

– Não sei se dá tempo – resmunga a sra. Cantaloni, fazendo uma careta e dando alguns passos. – O bebê está vindo depressa demais.

– Então vamos entrar – diz a sra. Bennett tranquilamente. Depois se dirige à mamãe: – Ligue para os paramédicos.

Mamãe está examinando o celular e digitando os números com força. Papai se aproxima com uma lanterna e ilumina o teclado.

– Jim está vindo do centro da cidade – explica a sra. Cantaloni. – Senti contrações o dia inteiro, mas eram esparsas. Achei que daria tempo.

– Vai ser interessante fazer isso na escuridão – comenta a sra. Bennett. – Precisamos de mais lanternas, pessoal.

O sr. Millman se aproxima rapidamente com a lanterna de cabeça ligada.

– Vou ser seu instrutor de parto! – exclama ele, segurando o braço da sra. Cantaloni. – Agora respire!

Todos a ajudam a entrar em casa.

– Ah, Stan. – A sra. Millman põe a mão no peito. – Quando nós tivemos nosso menino não era permitido que nenhum homem ficasse na sala de parto.

Eu nem sabia que eles tinham um filho.

– Ele mora em Boston – conta ela para a sra. Chung, que está segurando uma lanterna enorme. – Vamos visitá-lo no outono.

Os filhos da sra. Cantaloni estão saltitando no jardim.

– Vamos ter um bebê! – grita Jordan.

– E é bom que seja um menino! – acrescenta Jack. – Meninas são nojentas!

– Eu gosto de meninas! – retruca Jeremy e os irmãos se jogam em cima dele.

Thomas entra na brincadeira e pula nos outros também.

Jorie sai de casa com uma lanterna cor-de-rosa. A mãe dela colocou duas cadeiras na calçada. Ela se senta em uma e dá um tapinha no assento da outra, convidando a filha. Jorie se senta ao seu lado. Reparei que a mãe dela acendeu a vela aromática que deixei na caixa de correio dela semanas atrás. A chama ilumina suavemente o rosto das duas. A mãe de Jorie vira a cadeira e fala alguma coisa. A filha escuta.

Eli se aproxima de mim.

– Preciso perguntar uma coisa para você.

Meu coração acelera.

– O que é esse anel que você tem usado? Foi Grady Brunson que te deu?

– Hã?

– Você vai ao baile com ele?

– Com Grady?

– Jorie deu a entender que vocês iam juntos.

– Eu e Grady? Não.

– Você não vai ao baile de boas-vindas com ele?

– Não!

– Jura?

– Juro. Mal falei com o garoto. Ele acha que meu nome é Gina.

Eli sorri e segura minha mão.

– Então quem te deu esse anel?

– Era a aliança de casamento da minha avó.

Ele assente.

Uma ambulância, um caminhão do corpo de bombeiros e uma viatura da polícia chegam. Sirenes tocando. Um caminhão da companhia de energia elétrica vem logo atrás. Dois médicos saltam da ambulância e correm para a casa dos Cantaloni.

– Nina. Eu lembro da noite em que destruimos as flores do sr. D. Mas o que eu lembro melhor é de me esconder nos fundos da casa da sra. Chung. Com você.

– Eu também lembro.

– Pois é.

– Pois é.

– Não saia daqui.

Ele sai correndo para dentro de casa e volta com uma caneta.

– Você vai anotar alguma coisa? – pergunto.

– Fique quieta.

Ele sorri e segura minha mão mais uma vez, a mão com o anel da vovó.

Depois escreve: *Baile?*

A outra garota?

Era eu.

Sempre fui eu.



Eli e eu nos sentamos no meio-fio do canteiro que fica bem no meio da nossa rua. Thomas pula na nossa frente, rindo e cantarolando:

– Eli e Nina sentados debaixo de uma árvore se *B-E-I-J-A-N-D-O!*

– Bem – fala Eli, dando de ombros –, se Thomas está mandando.

Ele me beija e eu retribuo. Depois Eli balança a cabeça.

– Você me convenceu – diz.

– De quê?

– De que no mundo há mais pessoas boas do que más.

Dou a mão para ele.

– Eu sabia que você também pensava assim.

Sessenta e dois. Quase lá.

Jorie direciona o facho da lanterna na nossa direção. Sua mãe gentilmente abaixa a mão dela.

Olho para baixo e comento:

– Durante todo esse tempo, achei que você iria ao baile com Jorie.

Ele fica desconfortável.

– Eu gostava dela no início do verão, mas não estava dando certo. Não era o certo. E eu não sabia o que fazer. Ela é tão...

– Difícil de aceitar um não.

Ele ri.

– Exatamente.

Mamãe sai da casa dos Cantaloni. Ela se aproxima de Matt e papai, parados na frente da nossa casa. Estão cochichando, por isso não consigo

escutar. Mas pela expressão dos meus pais, Matt está contando o que aconteceu na casa dos Dixon.

Papai não parece estar surtando. Mamãe não está dando nenhum sermão.

Isso é uma coisa boa. Sessenta e três. Eu nem estou fazendo mais nada. Outras pessoas estão. Boas ações simplesmente estão acontecendo.

A pequena chama no meu coração escapou e está traçando seu próprio caminho pela calçada, acendendo as casas em círculo.



Jorie sai da cadeira e se aproxima de nós dois. Eli se levanta num pulo e vai jogar bola com Thomas e os filhos dos Cantaloni. Finalmente o pai dos meninos chega de carro, estaciona e corre para dentro de casa.

Será que Jorie contou para Eli que eu ia ao baile com Grady para que ele fosse com ela? Se fez isso, então ela também agiu errado. Mas acho que isso não tem mais importância.

Mordo o lábio.

– Oi.

– Isso é loucura – diz ela, gesticulando.

– Eu sei.

Ela coça a bochecha.

– Minha mãe disse que eu deveria conversar com você.

– Você está aqui porque sua mãe mandou?

– Estou. – Ela se senta ao meu lado e se encolhe. – Não. Está tudo uma confusão e não sei por onde começar. Eu gostava muito dele e você me magoou de verdade. Mas acho que eu sempre soube que ele gostava de você.

Confirmo com a cabeça.

– Obrigada por dizer isso.

– Enfim... – Ela balança o cabelo. – Adivinhe só?

– O que houve?

– Grades me convidou!

Ela ergue o celular e me mostra uma mensagem: *Ei, quer ir comigo?*

Eu rio. É a cara do Grady convidar alguém por mensagem.

– Sempre achei que ele gostava de *você* – digo.

– Eu sei! Não sei como não percebi isso antes. Então, realmente preciso de um conselho seu. *Qual vestido?* Mamãe disse que não posso ficar com os dois.

– Jorie. Você é uma figura.

– Você também, Ni.

– O vermelho! – exclamo.

Ela abraça os joelhos:

– Está bem!

Chamo Eli:

– Pode me ajudar com uma coisa?

– Outra inundação? – grita ele.

– Não. Venha aqui. – Eu me levanto. – Jorie, você também.

Ela hesita, mas depois me segue até meu quintal. Coloco a almofada na namoradeira e nós três a carregamos até a entrada da minha casa. Depois voltamos para buscar as cadeiras.

Jorie está me olhando com aquele sorrisinho de canto de boca.

– Você é muito esquisita, Nina.

– Eu sei. Um garoto da aula de artes, Chase, me falou outro dia: “Continue esquisita assim.”

Jorie e eu levantamos juntas uma cadeira e nos entreolhamos enquanto a colocamos ao lado da namoradeira. É ela que interrompe esse momento de conexão, dando um passo para trás e afastando o cabelo da testa.

Há um policial sentado na viatura. Acho que foi ele mesmo que veio quando a sra. Millman chamou porque estava suspeitando do chocolate e da moeda na sua caixa de correio.

– Pelo visto vocês vão dar uma festa – comenta ele.

A sra. Chung está trazendo uma cadeira e responde:

– Por que não?

A mãe de Jorie arrasta suas cadeiras até nós. Depois a sra. Millman traz mais uma, com Beanie na coleira. Mamãe, papai e Matt também estão aqui. Mamãe se senta na namoradeira, me encara e dá um tapinha na almofada ao seu lado. Um lugar para mim.

Jorie se enrosca no chão, ao lado dos pais. Eli coloca Thomas no colo.

A chama da vela fica oscilando no quintal de Jorie. Uma dúzia de lanternas. Um milhão de estrelas. É incrível.

– Isso é especial – comenta mamãe.

A sra. Bennett e o sr. Millman ainda estão na casa dos Cantaloni com os paramédicos. Vemos o brilho das lanternas pelas janelas. Os três meninos estão jogando beisebol no quintal.

Quase me esqueci dos caras da EIPI, até que eles saem da casa dos Dixon, levando todos os equipamentos de volta para o caminhão. Um deles se aproxima de nós.

– Bem – diz –, eles se foram.

A sra. Millman está boquiaberta.

– O que era? O que vocês viram? Um espectro? Um fantasma?

– Não temos certeza, mas posso garantir que o espírito saiu da casa.

Todos ficam atordoados.

Todos, exceto a sra. Millman, que está extasiada. Ela pega Beanie no colo e faz carinho na cadela.

– Você está em segurança de novo, querida.

– Você viu um fantasma? – pergunta papai.

– Sim. Vejo o tempo todo – responde o sujeito.

– O tempo todo? – repete o pai de Jorie.

Ele assente.

– É, estão por aí. É preciso acreditar.

Matt sorri para mim.

– Algumas coisas nós temos que aceitar.

– Exatamente – falo e retribuo o sorriso.

– Enfim, vamos mandar a conta – diz o sujeito para a sra. Millman. –
Desculpe pela queda de energia. Aliás, onde está seu marido?

Ela aponta para a casa dos Cantaloni.

– Ele está em trabalho de parto.

– Que bairro maluco! – exclama ele.

– Deve ser a onda de calor – justifica mamãe, sorrindo para mim.



— Eu sabia! – diz a sra. Millman enquanto o caminhão da EIPI se afasta. – Tenho sexto sentido. Sempre me disseram isso.

Beanie late, como se concordasse.

O pai de Jorie está balançando a cabeça e parece querer falar alguma coisa, mas a sra. Chung começa a cantarolar uma canção em coreano. Palavras bonitas em alto e bom som. Todos escutam em silêncio. Até mesmo Beanie.

Depois ela canta mais dois versos: “Há tantas estrelas em um céu limpo quanto há sonhos em nossos corações.”

Ela para e comenta:

– Eu costumava cantar isso para meus filhos. E meu pai cantava para mim.

– Isso foi lindo – diz a mãe de Jorie.

– Também sei cantar! – exclama Thomas.

Todo mundo ri e a sra. Millman suspira de alegria.

– O bairro finalmente voltou ao normal.

O sr. Millman sai correndo de casa.

– É uma menina! – grita ele.

– Ai, meu Deus. – A sra. Millman salta da cadeira. – Que Deus a ajude, com três irmãos mais velhos!

– Como se chama? – pergunta a mãe de Jorie.

O sr. Millman está radiante.

– Julia. Julia Rose Cantaloni. Acham que ela nasceu com três quilos e meio, talvez mais.

- Que bebê grande! – exclama a sra. Chung.
- Você nasceu com três e setecentos – conta mamãe.
- É mesmo?
- Ahã.

Então Julia Rose e eu temos algo em comum. Já gostei dela.

– Vocês têm uma irmãzinha – revela a mãe de Jorie para os três meninos, que continuam brincando. – O que acham disso?

– É melhor ela aprender a jogar beisebol! – provoca Jack.

– Ela poderia ser arremessadora – sugere Jeremy.

– Eu sou o arremessador – retruca Jordan, batendo o pé no chão.

– Primeiro deixem ela aprender a andar – responde a sra. Millman.

– E a mamãe e o bebê estão bem. – O sr. Millman termina o relatório e se vira na direção da casa. – Estão levando as duas para o hospital. Venham depressa!

A sra. C. está deitada em uma maca com o sr. C. andando ao seu lado. A sra. Bennett carrega o bebê enrolado em um cobertor. Todos se aproximam. Julia tem cabelo preto, como os dos irmãos, e seus olhos estão bem fechados. É a menor pessoa que já vi. Os meninos tropeçam uns nos outros, correndo para ver a irmã.

A sra. Bennett entrega o bebê para o paramédico.

– Crianças – fala a sra. Cantaloni –, hoje vocês vão dormir na casa do Thomas. Papai volta amanhã de manhã, ok? Fiquei sabendo que Thomas tem espadas sobrando.

Eles pulam e comemoram.

A sra. Chung está ao meu lado e sussurra:

– Não há nada no mundo como um recém-nascido. Tudo se torna possível outra vez.

À medida que a ambulância, o caminhão do corpo de bombeiros e a viatura da polícia se afastam, os vizinhos voltam para suas cadeiras. O caminhão da companhia de energia elétrica permanece, tentando trazer a luz de volta. Mas estou gostando das coisas desse jeito. Silenciosas e escuras, apenas o brilho das lanternas iluminando nossa rua.

Os olhos da minha mãe estão vermelhos.

– Parece que foi ontem que você e Matt nasceram. – Ela funga. – Ai, o que está acontecendo comigo?

Papai entrega um lenço para ela e diz:

– Falei para meu irmão que vamos aceitar o convite para ficar na casa de campo dele. Nossas férias! Sem discussão.

Mamãe assente.

– Ok.

Nós duas voltamos para a namoradeira. Ela pega alguma coisa no bolso.

– Encontrei isso aqui.

– O que é?

– A receita.

– Do bolo de cenoura? Jura? Onde estava?

– Rabiscada atrás de outra receita.

Ela me entrega o papel e dou uma olhada.

– Nunca vou conseguir fazer que nem ela – comento.

Mamãe põe o braço ao redor dos meus ombros e me aperta para junto de si. Não sei se dá para chamar isso de abraço, mas aceito mesmo assim.

– Talvez não – diz ela –, mas você vai conseguir fazer do seu jeito.

Se isso não é uma Simples Verdade, não sei o que seria.

Mamãe pode ser difícil de amar. Mas não significa que eu não a ame.

Tenho certeza de que era isso que vovó sentia também.

– Te amo – falo para ela.

Ela funga outra vez, sorri, suspira e diz:

– Também te amo, Nina.

Sessenta e quatro.



Estou usando sapatos. Lindos sapatos prateados de tiras e salto alto; o salto mais alto que já usei. Tão alto que não sei se consigo andar.

E o vestido azul, que por um milagre ainda estava na loja quando mamãe me levou ao shopping. Então tinha que ser meu.

Sariah também estava lá comprando um vestido verde-escuro muito bonito. “Verde-sapo”, comentou ela. Nós gargalhamos, mas a vendedora não achou graça. Sariah vai com um grupo de amigas e depois do baile vamos para a mesma festa. Mal posso esperar para ver como Sariah vai estar.

Jorie aceitou meu conselho. Ela ficou maravilhosa com o vestido vermelho. Como se já tivesse vinte anos. Um coque feito de cachos delicados, as unhas dos pés e das mãos pintadas em francesinha, a pele bronzeada.

Mamãe me disse milhares de vezes que estou linda, mas acho que eu já sabia.

Quase todo mundo está na rua. As mesmas oito casas. Uma marrom, uma branca, uma de cor creme, e repete. Mas todo o resto está diferente.

A sra. Chung acendeu as luzinhas de Natal, por isso suas árvores brilham no pôr do sol de setembro. Essa noite parece que o bairro saiu de um conto de fadas. Se é que já não parecia antes.

Está um clima ameno, o verão quase no fim. A sra. Cantaloni carrega Julia enrolada em um cobertor e fico feliz ao ver que a barriga dela voltou ao tamanho normal. Os Millman também saíram de casa, acompanhados de Beanie, que está com uma aparência saudável. O sr. D. me mandou um

bilhete pedindo desculpas por ter perdido todos os acontecimentos. Ele colocou algumas flores não-me-esqueças azuis da cor do céu dentro de um vaso e deixou na porta da nossa casa. Então parte da vovó está bem ali na frente.

E Eli. De terno e gravata azul-clara. Uau.

Ele sorri e fala:

– Belos sapatos, Ni.

Dou risada e seguro sua mão.

– Belos tudo – completa ele.

A sra. Chung traz um cravo para cada um de nós.

– É a flor do amor – diz ela.

A sra. Bennett e mamãe nos obrigam a posar para centenas de fotos. Mamãe manda algumas por mensagem para Matt. Já faz semanas que ele viajou e me prometeu que não iria invadir nenhum lugar enquanto estivesse na faculdade. Também disse que ia sentir saudade de mim e que eu deveria visitá-lo. E que nós poderíamos jogar pôquer, mas ele não ia me deixar ganhar tão cedo.

Grady e Jorie estão tirando fotos na entrada da casa dela. Ele está usando All Star vermelho e terno. Os dois ficam bem juntos. Combinam.

De repente, penso: *Sessenta e cinco! Eu me esqueci do número sessenta e cinco.*

Então olho ao redor e me dou conta de que o sessenta e cinco está bem na minha frente. É tudo isso.

Estendo os braços e giro, vendo as casas em círculo num borrão e deixando meu vestido esvoaçar. A aliança da vovó está segura no meu dedo. Não existe ponto de fuga. Pelo menos não que eu consiga ver.

A sra. Millman aponta na direção da casa dos Dixon.

– Alguém comprou!

Um adesivo de VENDIDO! cobre a placa da imobiliária.

– Ai, meu Deus – acrescenta a sra. Millman –, nós vamos vigiar aquele lugar, não vamos, Beanie?

A cadela late. A sra. Chung assente e diz:

– Eu também. Vou levar o almoço.

Todos riem.

Sem dúvida, esse é o número sessenta e cinco.

* * *

Thomas está ao meu lado. De cabelo raspado para começar o jardim de infância; fico sem ar ao perceber que ele parece muito mais velho. Mas fico feliz quando vejo a espada presa em seu short.

– Garota Misteriosa! – grita ele. – Você está muito bonita!

Eu me abaixo.

– Shiu! Não deve contar isso para ninguém.

– Ah. Todo mundo sabe.

Eli e eu entramos no banco de trás do carro da mãe dele e eu deixo os cravos no assento, entre nós dois.

Porque foi assim que tudo começou.

– Pronta? – pergunta ele.

Sim, estou.

Apêndice


As Sessenta e Cinco Boas Ações

por Nina Ross

1. Dei um susto na sra. Chung plantando os cravos dela.
2. Limpei e organizei cerca de cem brinquedos no quintal dos Cantaloni.
3. Coloquei um chocolate na caixa de correio dos Millman.
4. Deixei uma rosa na porta do sr. Dembrowski.
5. Enfiei uma moeda da sorte na caixa de correio de cada morador. Ou uma moeda mágica, dependendo do ponto de vista.
6. Reguei os cravos da sra. Chung.
7. Levei a correspondência até a porta da casa dela.
8. Desamarrei um saco plástico da árvore dela.
9. Pendurei os sinos de vento dela.
10. Fiz brownies para o sr. Dembrowski.
11. Dei adesivos para pés para a sra. Bennett.
12. Deixei velas aromáticas para o pai hiperativo de Jorie.
13. Dei charutos para o sr. Millman, apesar do risco de câncer de língua.
14. Peguei o gloss de Jorie do chão do ônibus.
15. Dei guloseimas para o sr. D.
16. Dei mais guloseimas para o sr. D.
17. Assei biscoitos de chocolate para Matt.

18. Encontrei a bola de beisebol dos filhos dos Cantaloni.
19. Limpei o carro de Matt.
20. Levei as antigas bolas de beisebol de Matt para os Cantaloni.
21. Prendi um balão de sorriso com a frase Tenha um bom dia! no vaso de flores do sr. Millman.
22. Fiz Eli dar risada (acertando o braço dele com uma maçã).
23. Entreguei o círculo cromático para Amber.
24. Elogiei Jorie.
25. Cuidei de Thomas.
26. Levei Thomas para o parque.
27. Consolei Thomas quando a capa dele rasgou.
28. Descubri que uma fronha pode substituir uma capa em situações de emergência.
29. Costurei a capa do Thomas.
30. Falei para Sariah que os desenhos dela são incríveis.
31. Recrutei Thomas para o time de beisebol dos Cantaloni.
32. Comprei um osso para Beanie, que estava traumatizada.
33. Embrulhei dois pedaços de pão de banana para o sr. Dembrowski.
34. Dei um hidratante para Jack Cantaloni presentear a mãe dele. O frasco explodiu no sapato do menino. Um fracasso. (Eu me escondi de Sariah na loja. Volte dez casas...)
35. Elogiei a mãe de Jorie.
36. Joguei beisebol na colônia de férias da monitora Nina.
37. Deixei um vaso de cravos na porta da sra. Bennett.
38. Coloquei um bilhete escrito *De nada* na caixa de correio do sr. D.
39. Coloquei a camiseta fedida de Matt na lavanderia.
40. Plantei não-me-esqueças no quintal do sr. D.
41. Reguei as não-me-esqueças.
42. Reguei todos os cravos. O bairro floresceu. Considerar carreira no ramo da floricultura.

43. Levei bolas de golfe para o sr. Millman.
44. Costurei novamente a capa do Thomas.
45. Tirei o lixo dos fundos da casa dos Dixon.
46. Prometi para a mãe de Jorie que eu tomaria conta da filha dela.
47. A sra. Millman fez uma reunião com os moradores.
48. Disse Oi para Sariah na festa de Jorie.
49. Conversei com mamãe.
50. Corri uma maratona com Eli (primeiro beijo!).
51. Ajudei Eli a cozinhar espaguete. (Nota de rodapé: Jorie roubou esse número.)
52. Concordei em entrar no clube de artes com Sariah.
53. Consertei um vazamento de torneira com o Eli e o sr. Dembrowski.
54. Reguei as não-me-esqueças.
55. Deixei um bilhete escrito *Obrigada* para o sr. D.
56. Tentei fazer Matt conversar comigo.
57. Thomas disse que nosso bairro é o lugar mais emocionante do mundo.
58. Não dedurei Matt.
59. Matt e eu arrumamos a mesa de café da manhã para a família.
60. Disse para Matt ir ao jogo de pôquer com os amigos. Ele me chamou de Nina-menina!
61. Ajudei Thomas a descer da escada. Estreitando laços entre super-heróis.
62. Eli veio para o lado bom da força.
63. Matt, papai e mamãe conversaram.
64. Falei Te amo para mamãe. Ela falou de volta.
65. Baile de boas-vindas.

Se eu consegui, qualquer um consegue. 

Agradecimentos

Comecei esta história com uma pergunta: boas ações podem realmente propagar o bem? Atos aleatórios de bondade estão por toda parte, mas eu me perguntava: será que têm um efeito real nas pessoas? Pequenas boas ações podem mudar nosso mundo? Eu também tinha medo de que a enorme variedade de comunicação digital disponível na ponta dos nossos dedos estaria, na verdade, fazendo famílias e bairros se desconectarem mais do que se conectarem. Foi a partir desses pensamentos que surgiu *O verão em que salvei o mundo em 65 dias*.

Minha enorme gratidão a Wendy Lamb, que me encorajou a ir mais longe e despertou o que há de melhor em mim e nesta história. Acho que já nas primeiras versões ela sabia mais sobre a história do que eu mesma! A Dana Carey, pelas inúmeras leituras e tantos conselhos certos, e a Samantha Rodan, por compartilhar seus comentários extremamente úteis. A Heather Daugherty pela capa incrível e a Bara MacNeill pela edição tão cuidadosa. E a Alyssa Eisner Henkin, uma agente extraordinária, que amou este livro desde o princípio e enxergou seu potencial. Eu faria de bom grado sessenta e cinco boas ações (e até mais) para todas vocês!

Aos meus bibliotecários (e amigos) favoritos, que estiveram ao meu lado de tantas formas: Sherri Bolen e Susie Pasini; eu tenho uma dívida com vocês duas. E ao meu incrível círculo de família e amigos: vocês me inspiram de mais maneiras do que imaginam.

Por fim, ao meu marido Ben e aos meus filhos Rachel, Sam e Cassie, que me deram apoio todos os dias, me escutando, me aconselhando, me mantendo centrada e sempre me lembrando do que realmente importa.

A todos vocês, obrigada do fundo do coração.

Sempre terei esperança de que a resposta para minha pergunta – boas ações podem realmente propagar o bem? – será sempre um estrondoso e

incontestável sim!

Título original

THE SUMMER I SAVED THE WORLD... IN 65 DAYS

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos e locais é mera coincidência.

Copyright do texto © 2014 *by* Michele Weber Hurwitz

Todos os direitos reservados no todo ou em parte sob qualquer forma sem autorização prévia escrita do editor.

Copyright da edição brasileira © 2017 *by* Editora Rocco Ltda.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar – Centro
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 3525-2000 – Fax: 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

ROCCO
JOVENS LEITORES

GERENTE EDITORIAL

Ana Martins Bergin

EQUIPE EDITORIAL

Lorena Piñeiro

Manon Bourgeade (arte)
Milena Vargas
Paula Drummond

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Silvânia Rangel

REVISÃO
Armenio Dutra
Wendell Setubal

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Nina Lopes

COORDENAÇÃO DIGITAL
Mariana Mello e Souza

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL
Mariana Calil

REVISÃO DE ARQUIVO EPUB
Rodrigo Cardoso

Edição digital: fevereiro, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H949v

Hurwitz, Michele Weber

O verão em que salvei o mundo... em 65 dias [recurso eletrônico] / Michele Weber Hurwitz ; tradução Joana de Conti Dorea. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2017.

recurso digital

Tradução de: The summer I saved the world ... in 65 days
ISBN 978-85-4653-332-1 (recurso eletrônico)

1. Amizade - Ficção americana. 2. Ficção americana. I. Dorea, Joana de Conti. II. Título.

16-37848

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora

Michele Weber Hurwitz mora em um subúrbio de Chicago com o marido e os três filhos. Visite Michele — e o bairro de Nina — em: www.micheleweberhurwitz.com